

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA**

LUCIANO AZAMBUJA BETIM

**O ESPÍRITO SANTO E SEUS CARISMAS NA TRADIÇÃO REFORMADA:
ELEMENTOS ESSENCIAIS E PERSPECTIVAS**

CURITIBA

2019

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ
ESCOLA DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

**O ESPÍRITO SANTO E SEUS CARISMAS NA TRADIÇÃO REFORMADA:
ELEMENTOS ESSENCIAIS E PERSPECTIVAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Strictu Sensu* em Teologia – PPGT, Linha de Pesquisa: Teologia, Evangelização e Diversidade Religiosa – da Escola de Educação e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Marcial Maçaneiro

CURITIBA

2019

Dados da Catalogação na Publicação
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Sistema Integrado de Bibliotecas – SIBI/PUCPR
Biblioteca Central
Edilene de Oliveira dos Santos CRB-9/1636

B563e
2019 Betim, Luciano Azambuja
 O Espírito Santo e seus carismas na tradição reformada : elementos
 essenciais e perspectivas / Luciano Azambuja Betim ; orientador, Marcial
 Maçaneiro. -- 2019
 117f. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Paraná,
Curitiba, 2019.
Bibliografia: f. 112-117

1. Espírito Santo. 2. Dons do Espírito Santo. 3. Batismo no Espírito Santo.
4. Espírito. 5. Igrejas reformadas. I. Maçaneiro, Marcial.
II. Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Programa de Pós-Graduação
em Teologia. III. Título.

CDD 20. ed. – 231.3

**ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE EXAME DE DISSERTAÇÃO Nº. 165
DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE
LUCIANO AZAMBUJA BETIM**

Aos vinte e seis dias do mês de fevereiro de dois mil e dezenove, às dez horas reuniu-se na sala 2 de Pós-graduação - Segundo andar da Escola de Educação e Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Paraná, a banca examinadora constituída pelos professores: Marcial Maçaneiro, Elias Wolff, Jefferson Zeferino e Jose Neivaldo de Souza, para examinar a dissertação do candidato Luciano Azambuja Betim, ingressante no Programa de Pós-graduação em Teologia - Mestrado, no primeiro semestre de dois mil e dezessete. Linha de pesquisa: Teologia, Evangelização e Diversidade Religiosa. O mestrando apresentou a dissertação intitulada: "O ESPÍRITO SANTO E SEUS CARISMAS NA TRADIÇÃO REFORMADA: DE CALVINO AOS DIAS ATUAIS". O Candidato fez uma exposição sumária da dissertação, em seguida procedeu se à arguição pelos Membros da Banca e, após a defesa, o candidato foi aprovado pela Banca Examinadora. A sessão encerrou-se às 12 h 30 min. Para Constar, lavrou-se presente Ata, que vai assinada pelos Membros da Banca Examinadora.

Observações: Rever expressões confessionais; melhorar conclusões breves ao fim dos capítulos; tópicos sistematizar na concl. geral.

Prof. Dr. Marcial Maçaneiro
Presidente/Orientador

Maçaneiro

Prof. Dr. Elias Wolff
Convidado Interno

Elias Wolff

Prof. Dr. José Neivaldo de Souza
Convidado Externo

José Neivaldo de Souza

Prof. Dr. Jefferson Zeferino
Convidado Externo

Jefferson Zeferino

Prof. Dr. Alex Viventim Villas Boas
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Teologia - *Stricto Sensu*

Alex Viventim Villas Boas



Dedico esta dissertação

Ao Deus Pai, Filho e Espírito Santo, por
tudo. *Soli Deo Gloria*

Ao meu querido pai, Clemente Lucio
Betim – *in memoriam*: exemplo de fé e
dedicação à família.

AGRADECIMENTOS

Agradeço meu orientador Dr. Marcial Maçaneiro, o meu muito obrigado pela orientação competente e pelo apoio nessa árdua tarefa.

Aos meus amigos e amigas de turma do Mestrado, que estarão sempre em meu coração.

À Igreja Presbiteriana do Brasil em Curitiba, e à Igreja Evangélica Reformada do Brasil em Curitiba.

Ao Rev. Juarez Marcondes Filho, tutor eclesiástico na graduação, amigo e incentivador.

À CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, pela bolsa de estudos parcial durante o curso.

As mentes humanas são cegas a essa luz, a qual resplandece em todas as coisas criadas, até que sejam iluminadas pelo Espírito de Deus e comecem a compreender, pela fé, que jamais poderão entendê-lo de outra forma.

(CALVINO, 1997, p. 229)

RESUMO

A presente pesquisa sobre “O Espírito Santo e seus carismas na tradição reformada: desdobramentos e perspectivas” inclui-se na área de Teologia Sistemático-Pastoral do PPGT da PUC-PR, vinculado ao projeto de pesquisa de Pneumatologia e Experiência Cristã, desenvolvido pelo Prof. Dr. Marcial Maçaneiro. O trabalho expõe uma reflexão sobre a pneumatologia reformada em seus elementos essenciais, privilegiando João Calvino e os recentes desenvolvimentos. Partindo das noções fundamentais de pneumatologia e carismas de enfoque bíblico-teológico, examinou-se a discussão entre continuidade e descontinuidade dos dons do Espírito, tendo como fio condutor a pergunta: “foram os carismas miraculosos restritos apenas à era apostólica, como entendeu Calvino e demais teólogos reformados, ou ainda são esses carismas válidos e manifestos para a igreja contemporânea?” Esta pergunta nos remete ao objetivo: pesquisar a pneumatologia reformada com ênfase nos carismas do Espírito, bem como sua continuidade ou descontinuidade na igreja. O método utilizado partiu da análise teológica dos textos de Calvino sobre o Espírito Santo, seus dons e o primado da caridade, enquanto vivência relevante para a igreja. Esta análise incorporou ainda a teologia bíblica dos carismas e sua compreensão reformada, mediante estudo de autores seletos. Em perspectiva histórica, considerou-se o período da pós-reforma, bem como na teologia reformada atual. Os resultados mostram que em Calvino a manifestação dos carismas tem como objetivo a edificação da comunidade do povo de Deus, tendo em vista a maturidade cristã. Dessa manifestação de carismas, emerge aqueles dons específicos para a promoção da evangelização dos povos, bem como carismas situados no campo da diaconia, ou seja, no serviço de socorro ao pobre e necessitado, estabelecendo assim a justiça do reino. Para Calvino e a tradição reformada decorrente, alguns dos carismas – denominados de extraordinários –, foram de natureza temporária, cessando após a morte dos Apóstolos. Por outro lado, os resultados da pesquisa apontam também uma corrente reformada recente mais positiva em relação a atuação dos carismas. Ela tem sido denominada como “continuismo moderado”. Trata-se de uma compressão teológica que manifesta maior abertura para a ação do Espírito na igreja. O continuismo moderado valoriza a operação dos carismas de evangelização e serviço ao próximo, incentivando também o povo de Deus a manter uma expectativa pela atuação dos carismas extraordinários.

Palavras-chave: Carismas do Espírito; Pneumatologia; Teologia Reformada; Igreja.

ABSTRACT

The present research on "The Holy Spirit and its charisms in the Reformed tradition: unfolding and perspectives" is included in the area of Systematic-Pastoral Theology of the PPGT of PUC-PR, linked to the research project of Pneumatology and Christian Experience, developed by Prof. Dr. Marcial Maçaneiro. The work presents a reflection on the reformed pneumatology in its essential elements, privileging John Calvin and the recent developments. Starting from the fundamental notions of pneumatology and biblical-theological charism, the discussion of continuity and discontinuity of the gifts of the Spirit was examined, with the question: "were the miraculous charisms restricted only to the apostolic age, as Calvin and Reformed theologians, or are these valid and manifest charisms for the contemporary church?" This question refers us to the goal of researching reformed pneumatology with an emphasis on the charisms of the Spirit, as well as its continuity or discontinuity in the church. The method used was based on the theological analysis of Calvin's writings on the Holy Spirit, his gifts and the primacy of charity as a relevant experience for the church. This analysis also incorporated the biblical theology of charisms and their reformed understanding, through study of select authors. In historical perspective, the post-reform period was considered, as well as in the current Reformed theology. The results show that in Calvin the manifestation of the charisms aims at building up the community of the people of God, in view of Christian maturity. From this manifestation of charisms emerges those specific gifts for the promotion of the evangelization of peoples, as well as charisms situated in the field of diaconia, that is, in the service of the poor and needy, thus establishing the justice of the kingdom. For Calvin and the resulting Reformed tradition, some of the charisms - termed extraordinary ones - were of a temporary nature, ceasing after the death of the Apostles. On the other hand, the results of the research also indicate a more recent recent reformed trend in relation to the charism's performance. It has been termed "moderate continuity." It is a theological compression that manifests greater openness to the action of the Spirit in the church. The moderate continuism valorizes the operation of the charisms of evangelization and service to the neighbor, also encouraging the people of God to maintain an expectation by the performance of the extraordinary charisms.

Keywords: Charisms of the Spirit; Pneumatology; Reformed Theology; Church.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Lista de igrejas e confissões reformadas.....	22
Tabela 2 - Lista de carismas no Novo Testamento.....	34
Tabela 4 - Lista de perspectivas teológicas quanto aos carismas	91

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AT	Antigo Testamento
CB	Confissão Belga
CH	Catecismo de Heidelberg
CP	Carta Pastoral
CFW	Confissão de Fé de Westminster
CMW	Catecismo Maior de Westminster
FRM	Fraternidade Reformada Mundial
IPB	Igreja Presbiteriana do Brasil
NAA	Nova Almeida Atualizada
NVI	Nova Versão Internacional
NT	Novo Testamento
PUCPR	Pontifícia Universidade Católica do Paraná
SC-IPB	Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1. PNEUMATOLOGIA E CARISMAS EM JOÃO CALVINO	18
1.1. João Calvino: história e influência hermenêutica	18
1.1.1. A tradição reformada	21
1.1.2. Calvino e a hermenêutica reformada	23
1.1.3. Ênfase no sentido literal ao invés da alegoria	23
1.1.4. A necessidade da iluminação do Espírito Santo	24
1.1.5. Estudo dos textos bíblicos nas línguas originais	25
1.1.6. As Sagradas Escrituras como intérpretes de si mesmas	26
1.2. Teologia do Espírito Santo em Calvino	27
1.2.1. O Espírito no contexto da Santíssima Trindade	27
1.2.2. A obra do Espírito na inspiração e iluminação	28
1.2.3. A ação do Espírito Santo na vocação do eleito	30
1.3. Carismas nas promessas do Antigo Testamento	31
1.4. Listas de carismas no Novo Testamento: o que diz Calvino?	33
1.4.1. Carismas na epístola aos Romanos	35
1.4.2. Carismas na epístola aos Coríntios	37
1.4.3. Carismas na epístola aos Efésios	42
1.4.4. Carismas na 1ª carta de Pedro	45
1.4.5. Carismas e primado da caridade: a justiça do reino	47
1.5. Síntese reflexiva do capítulo	49
2. PNEUMATOLOGIA NA TEOLOGIA REFORMADA DECORRENTE	50
2.1. As confissões reformadas	50
2.1.1. O Espírito Santo nos Símbolos de Fé das igrejas reformadas	52
2.1.2. O Espírito nos Símbolos de Fé das igrejas presbiterianas	54
2.1.3. O Espírito Santo e teologia social na Confissão de Westminster	56
2.2. O Espírito Santo na tradição reformada holandesa	58
2.2.1. A obra do Espírito na Criação	58
2.2.2. Dons e talentos concedidos pelo Espírito no Antigo Testamento	59
2.2.3. Derramamento do Espírito no dia de Pentecostes	60
2.2.4. Os carismas do Espírito Santo no Novo Testamento	62

2.3. Pneumatologia na declaração de Fé da Fraternidade Reformada Mundial	64
2.3.1. Breve histórico da Fraternidade Reformada Mundial	64
2.3.2. Espírito Santo: Pessoa e obra	65
2.4. Perspectivas sobre o batismo no Espírito Santo	67
2.5. Síntese reflexiva do capítulo	70
3. PNEUMATOLOGIA NA TEOLOGIA REFORMADA RECENTE	71
3.1. Espírito Santo: um estudo no hebraico e grego.....	72
3.2. Pessoalidade e divindade do Espírito Santo	74
3.3. Carismas na teologia reformada recente	78
3.3.1. O profeta e a Profecia	78
3.3.2. O apostolado	80
3.3.3. A glossolalia	81
3.3.4. As curas	82
3.3.5. Carismas e o cuidado social na Igreja Presbiteriana do Brasil.....	83
3.4. Pneumatologia na Carta Pastoral da Igreja Presbiteriana do Brasil.....	84
3.4.1. O batismo no Espírito ou com Espírito Santo	85
3.4.2. A plenitude ou enchimento do Espírito.....	87
3.4.3. Os carismas do Espírito	88
3.4.4. A continuidade dos carismas extraordinários na igreja	89
3.4.5. Recomendações aos concílios e igrejas	90
3.5. Carismas no posicionamento reformado cessacionista	91
3.5.1. Carismas extraordinários eram sinais dos Apóstolos	92
3.5.2. Os carismas miraculosos cessaram com a conclusão do Cânon.....	93
3.5.3. A cessação dos carismas miraculosos na História.....	94
3.5.4. Cessacionismo não significa negar a possibilidade de milagres	96
3.6. Carismas no posicionamento reformado continuísta moderado.....	98
3.6.1. Apóstolos e demais cristãos exerciam carismas miraculosos	99
3.6.2. A conclusão do Cânon não encerra os carismas miraculosos	100
3.6.3. Os carismas miraculosos ocorreram na História	102
3.7. Síntese reflexiva do capítulo	107
CONSIDERAÇÕES FINAIS	108
REFERÊNCIAS.....	112

INTRODUÇÃO

Uma variedade de temas esteve no centro das discussões teológicas no período da Reforma. A ênfase ocorreu especialmente naqueles relacionados com a doutrina da justificação pela fé. A pneumatologia não era o foco do momento, de modo que há a impressão de que na teologia reformada¹, a doutrina do Espírito Santo nem sempre recebeu a devida atenção. MacGrath (2005, p.361) observa que “o Espírito Santo tem sido, por muito tempo, como a Cinderela da Trindade [...] as duas outras irmãs podem ter ido ao baile da teologia; o Espírito Santo, toda vez, é deixado para trás”. Essa constatação se aplica também no que diz respeito aos carismas do Espírito Santo, também denominados como “dons” espirituais.

Algumas mudanças tem ocorrido no movimento protestante histórico, na atualidade. Dentro das grandes denominações reformadas, muitos de seus pastores e membros, têm sido receptivos e experimentado uma maior abertura em relação às experiências carismáticas do Espírito. Por exemplo, o movimento de “Terceira Onda”², surgiu nos anos oitenta e enfatiza a importância da renovação, e isso sem deixar de lado a herança teológica da Reforma. Esse movimento tem influenciado diversas denominações históricas.

Portanto há uma certa retomada na restauração dos carismas, fazendo, desse modo, uma releitura da pneumatologia de João Calvino e do período pós-reforma. A ênfase engloba a presença dos carismas na igreja, conservando, porém, aquele posicionamento tradicional de que o “batismo no Espírito” ocorre na conversão. Autores como Wayne Grudem, Sam Storms, Donald Carson e outros têm escrito sobre esse tema. Os carismas extraordinários³ são abordados por eles, embora numa perspectiva denominada de “continuismo moderado”.

Os carismas extraordinários foram restritos ao período da era apostólica, como entenderam Calvino e demais teólogos reformados, ou estão eles disponíveis na experiência cristã contemporânea? Colocando de outro modo a pergunta: cessaram

¹ A tradição reformada desdobra-se em duas grandes escolas: a escola reformada continental (Igrejas reformadas na Holanda, França, Suíça e Alemanha); e escola reformada de origem escocesa (Igrejas presbiterianas). Ambas estão presentes em vários países, professando a teologia de João Calvino.

² No contexto protestante americano, o movimento pentecostal clássico é a primeira onda; a renovação carismática nas igrejas históricas nos anos 60 é a segunda onda, e novas perspectivas pneumatológicas surgiram nos anos 80, sendo, então, denominada de Terceira Onda.

³ No protestantismo histórico, os “carismas extraordinários” são aqueles de natureza miraculosa, tais como curas, profecias, milagres, falar em línguas etc.

alguns dons espirituais? Parte considerável de estudiosos na tradição reformada-calvinista, enquadram-se no conceito cessacionista, aquele pensamento de que certos carismas, mais especificamente aqueles extraordinários, cessaram após a era apostólica. Por outro lado, há estudiosos, nessa mesma tradição, mostrando-se mais abertos para a contemporaneidade dos carismas miraculosos.

Como observamos anteriormente, a Igreja Presbiteriana do Brasil é uma denominação de confissão reformada, herdeira da teologia de Calvino. Levando em conta que uma parte considerável de seus teólogos, pastores e leigos professam a cessação dos carismas extraordinários, enquanto outros, acolhem a continuidade desses mesmos dons, impõem-se, então, essas duas perspectivas como justificativa para essa pesquisa.

Diante dessas duas perspectivas pneumatólogicas, mais especificamente sobre o papel da continuidade ou descontinuidade dos carismas extraordinários, a Igreja Presbiteriana do Brasil elaborou um documento oficial. Considerando essa dupla concepção – descontinuidade e continuidade – a carta pastoral, aborda temas como o batismo no Espírito e carismas, buscando, desse modo, esclarecer o posicionamento teológico oficial da igreja. A igreja entende que se trata de uma questão prática na vida da igreja, de modo que o assunto é abordado levando em consideração aspectos bíblicos, teológicos, confessionais e pastorais.

A primeira concepção nega a atualidade dos carismas extraordinários. Seguindo João Calvino, as confissões reformadas e a maioria dos teólogos do períodos pós-reforma, essa primeira hipótese não aceita a contemporaneidade dos carismas miraculosos na igreja atual. Esses pensadores são denominados de “cessacionistas”⁴. A segunda concepção é mais aberta, dialogando com o lema “*Igreja Reformada sempre se Reformando*”. Essa corrente é denominada de “continuismo moderado”.⁵ Parte considerável daqueles que abraçam o continuismo pertencem às Igrejas Presbiterianas, embora estejam também em igrejas batistas reformadas e outras igrejas independentes. Diante dessas duas correntes com perspectivas

⁴São aqueles estudiosos adeptos do pensamento de alguns carismas de natureza extraordinária deixaram de ocorrer após a morte dos apóstolos. Esse tema será mais bem explorado no terceiro capítulo.

⁵ O continuismo moderado é uma posição intermediária entre o cessacionismo e o continuismo extremado. Ambos serão abordados com mais detalhes no terceiro capítulo.

teológicas diferentes, propomos analisar esse aspecto teológico e prático na vida da igreja.

Após considerar essas questões, propomos então como objetivo geral pesquisar a pneumatologia reformada com ênfase nos carismas do Espírito. A pesquisa interage com o pensamento de João Calvino e demais estudiosos nessa tradição, fazendo menção também de autores da patrística naqueles assuntos onde há convergência. E como objetivos específicos apontamos:

- a) Levantar dados sobre a pneumatologia bíblica na perspectiva de Calvino;
- b) Identificar as listas neotestamentária de carismas para a igreja, numa leitura calvinista-reformada;
- c) Pesquisar o conceito da cessação e continuísmo dos carismas na perspectiva de Calvino e do restante da tradição reformada.

Como já observado há diferentes conceitos no entendimento sobre a obra do Espírito Santo e a ação dos carismas. Isso foi apresentado nas linhas anteriores sob a ideia de descontinuísmo e continuísmo. Trata-se de um tema atual e importante na teologia cristã. Pretendemos apresentar um exame nos principais escritos de João Calvino, bem como na tradição reformada expressa nas Confissões de Fé, dialogando com o contexto eclesial da Igreja Presbiteriana do Brasil, explorando suas facetas teológicas, sem perder de vista a perspectiva pastoral para vida comunitária.

Como metodologia de pesquisa, utilizaremos aquilo que, na academia, é denominado de “revisão de literatura”. As fontes teóricas primárias consultadas interagem com textos de João Calvino. A produção teológico-pastoral de Calvino foi bastante ampla, desde catecismos, cartas, comentários e obras de dogmática. Dentre as principais, destaca-se a obra *Institutas da Religião Cristã*, sua obra magna, traduzida e publicada no Brasil pela editora Cultura Cristã. Outros livros do reformador são seus “Comentários Bíblicos”. Eles têm sido publicados em português pela editora Fiel e pelo Centro de Literatura Reformada (Clire). Entre os mais importantes comentários, serão consultados Romanos, 1 e 2 Coríntios, Efésios e 1 carta de Pedro.⁶

⁶ Ainda não foram publicados os comentários de Calvino no livro de Atos dos Apóstolos. Ficamos na expectativa do lançamento desse material que seria valioso nesta pesquisa.

Outras fontes de pesquisa originaram-se no período posterior à Reforma, quando do surgimento das confissões reformadas em diversas regiões da Europa. As igrejas de tradição reformada são comunidades confessionais. Neste projeto serão consultados os seguintes documentos confessionais: As Três Formas de Unidade das Igrejas Reformadas (*A Confissão Belga, Catecismo de Heidelberg e Cânones de Dort*)⁷; e os símbolos de fé das Igrejas Presbiterianas (*Confissão de Fé de Westminster – CFW, Catecismo Maior e Breve Catecismo*).⁸

A escola teológica reformada continuou produzindo material bíblico-teológico. Entre os autores e obras mais recentes destacam-se os seguintes: *A obra do Espírito*, de Abraham Kuyper; *O Espírito Santo*, de Sinclair Ferguson; *Teologia Sistemática*, de Wayne Grudem; *A manifestação do Espírito*, de D. A. Carson; *Dons espirituais*, de Sam Storms; os *Comentários Bíblicos*, de Willian Hendriksen e Simon Kistemaker; e também a *Carta Pastoral da Igreja Presbiteriana do Brasil* cujo conteúdo trata do Espírito Santo e dos carismas. Essa carta servirá como ponte contextual sobre as experiências nas comunidades locais da Igreja Presbiteriana do Brasil.

A dissertação divide-se em três capítulos. No primeiro deles levantamos alguns dados sobre a pneumatologia reformada, com destaque para as listas de carisma conforme leitura de Calvino. Em sua obra *Institutas da Religião Cristã*, Calvino explora os temas principais da pneumatologia, como, por exemplo, o Espírito Santo no contexto da doutrina da Santíssima Trindade. Assuntos relacionados à inspiração da Palavra e iluminação por meio do Espírito aparecem novamente. Por fim, nesse capítulo, uma apresentação das listas de carismas no Novo Testamento,⁹ conforme interpretação de Calvino em seus comentários, com destaque para o comentário de Romanos, 1 Coríntios, Efésios e nas Cartas Gerais ou Católicas.

No segundo capítulo serão reintroduzidos os temas de pneumatologia e carismas, agora, porém, sob a perspectiva da teologia reformada decorrente, do

⁷ Publicada no Brasil sob o título *Símbolos de Fé das Igrejas Reformadas*, editada pela Editora Cultura Cristã. São os símbolos de fé das Igrejas Evangélicas Reformadas no Brasil, denominação cristã de origem holandesa, cujo Sínodo encontra-se nas colônias holandesa no interior do Paraná.

⁸ Publicada sob o título *Símbolos de Fé de Westminster*, também editada pela Cultura Cristã. Os Símbolos de Westminster são adotados por todas as igrejas Presbiterianas no mundo, servindo como elo que une essas diversas igrejas. No Brasil é adotado pela Igreja Presbiteriana do Brasil e Igreja Presbiteriana Independente do Brasil.

⁹ Por questão de delimitação e foco de pesquisa, interagimos com as listas do Novo Testamento, reconhecendo, porém, a presença e atuação dos carismas do Espírito também no Antigo Testamento, como, por exemplo, em Isaías 11.

período pós-reforma. Prevaleceu aqui “ortodoxia reformada”, e a ênfase recaiu mais sobre o Espírito Santo em conexão com os principais temas soteriológicos.¹⁰ A pneumatologia fora expressa nas principais Confissões de Fé das Igrejas de tradição reformada: *As três Formas de Unidade* das igrejas reformadas continentais, e a *Confissão de Fé Westminster*, Símbolo de Fé das Igrejas Presbiterianas. Exploramos também textos de Abraham Kuyper¹¹ em seu livro *A Obra do Espírito*, que cobre diversos temas pneumatológicos. E ainda, uma apresentação da teologia do Espírito na *Declaração de Fé da Fraternidade Reformada Mundial*.

Por fim, no terceiro capítulo, uma pesquisa na pneumatologia reformada em biblistas dessa tradição na atualidade. Se anteriormente os carismas miraculosos eram negados, surge aqui uma nova perspectiva sobre os carismas, denominada de *continuísmo moderado*. A pneumatologia será também examinada conforme o entendimento da “Carta Pastoral¹² da Igreja Presbiteriana do Brasil”, destacando o batismo no Espírito e concessão de carismas. Se em Calvino e época posterior a teologia reformada havia enfatizado a cessação dos carismas extraordinários, nestes novos tempos tem surgido o “*continuísmo moderado*”, enfatizando a contemporaneidade dos dons.

¹⁰ Na teologia reformada, são assuntos relacionados com a regeneração, novo nascimento, justificação, santificação etc.

¹¹ Biblista e pastor reformado de tradição holandesa.

¹² Documento oficial do Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil. A carta pastoral sobre o Espírito e os dons, reflete o posicionamento oficial da denominação.

Capítulo 1

PNEUMATOLOGIA E CARISMAS EM JOÃO CALVINO

Neste capítulo, apresentaremos os elementos importantes para a compreensão Reformada sobre o Espírito Santo e seus carismas. A interação ocorrerá mais especificamente por meio dos textos de João Calvino, considerando ter sido um dos grandes nomes da Reforma Protestante. A teologia de Calvino é uma sólida fonte de pesquisa em diversas áreas, servindo, no presente texto, de eixo condutor neste capítulo, começando com breves notas sobre a vida de Calvino e seu método teológico. Abordaremos também sua perspectiva pneumatológica, bem como a teologia dos carismas, conforme aparece nas principais listas de carismas no Novo Testamento.

1.1. João Calvino: história e influência hermenêutica

A Reforma religiosa do século XVI foi desencadeada por Martinho Lutero, na Alemanha. Esse evento veio a ser o ponto de partida para as grandes mudanças que viriam ocorrer no cenário religioso na Europa, a partir de 1517. A consolidação da

Reforma se deu em outras partes do continente, por meio de diferentes personagens. Entre eles, aparece João Calvino, cuja herança teológica, por meio de suas obras, tem influenciado até hoje várias igrejas no contexto do Protestantismo histórico. A área geográfica da atuação de Calvino situou-se em Genebra, na Suíça, vindo a se espalhar pela França, Países Baixos e nas Ilhas Britânicas.

Anteriormente, Martinho Lutero havia iniciado o movimento da Reforma na Alemanha. Mais tarde, João Calvino veio a se tornar o sistematizador de grande parte da dogmática reformista. Nascido no dia 10 de julho de 1509, desde cedo Calvino esteve envolvido com assuntos eclesiais (COSTA, 2006, p.13). Seu pai, Gerard Calvin, era secretário do Bispo de Noyon, e advogado dos padres e cônegos, o que, de alguma forma, contribuiu para a influência religiosa e uma boa formação acadêmica (HALSEMA, 2009, pp.7-8). Naquela época, poucas famílias desfrutavam de uma vida próspera. De modo que a situação contribuiu, em muito, para o desenvolvimento educacional de Calvino.

A formação intelectual de Calvino ocorreu sob várias etapas. Logo no início de sua juventude, aos dezenove anos, Calvino recebeu graduação em artes, pela Universidade de Paris, em 1528 (ANGLADA, 2006, p.85). Em seguida, era o propósito de Gerard Calvin, que o filho viesse a se tornar sacerdote. Iniciou seus estudos teológicos na Universidade de Paris. Por questões de desentendimento de seu pai com o clero, abandonou os estudos (REID, 2009, p.228). Em seguida, conforme aponta Costa (2006, p.14), Calvino matriculou-se no curso de direito da Universidade de Orleans, tornando-se bacharel em 14 de fevereiro de 1531. Nessa mesma instituição fez também seu doutorado. Sua formação, no final das contas, seguiu um caminho totalmente diferente do planejado por seu pai, a princípio.

Nos anos seguintes Calvino passou por aquele processo denominado de “conversão”. Não há como determinar exatamente quando ocorreu esse importante fato em sua vida. Pesquisas apontam que é possível que tenha acontecido entre 1532 e 1534, na cidade de Orleans, ou até mesmo em Paris, por meio de seu primo, Pierre Robert Olivetan (COSTA, 2006, pp.15-16). Esse fato mudou a visão de mundo que tinha até então, e influenciou seus planos futuros:

Deus, por uma repentina conversão, subjugou meu coração [...]. Fiquei imediatamente inflamado com um desejo tão intenso de progredir na nova fé que, embora não abandonasse completamente os outros estudos, eu os buscava com menos ardor (CALVINO apud HALSEMA, 2009, p.32).

Em seguida Calvino começou a produzir seus primeiros escritos teológicos. Conforme Costa (2006, p.52), sua primeira grande obra foi denominada de *Institutas da Religião Cristã*, publicada em latim em 1536, o mesmo ano em que produziu também um Catecismo em língua francesa, para uso em Genebra. Como observa Anglada (2006, p.86), a produção literária de Calvino foi bastante ampla, incluindo sermões, cartas, e comentários sobre quase todos os livros da Bíblia, exceto o Apocalipse e alguns livros do AT. Uma parte considerável desse material já foi traduzido para a língua portuguesa.

Calvino tornou-se líder religioso na Igreja de Genebra, embora não fosse esse o seu desejo, inicialmente. Seus planos estavam em continuar na vida acadêmica. A caminho de Strasbourg, foi interpelado por Guilherme Farel, com as seguintes palavras:

Digo-te, em nome de Deus todo-poderoso, que estás apresentando os teus estudos como pretexto. Deus te amaldiçoará se não nos ajudares a levar adiante o Seu trabalho, pois doutra forma estaria buscando a tua própria honra em vez da de Cristo! (FAREL apud HALSEMA, 2009, p.66).

Em Genebra, Calvino dedicou-se extensivamente ao ministério pastoral, não deixando, porém, de lado a produção literária. Conforme relata Halsema (2009, p.77), ocupava seu tempo na cidade pregando a Palavra de Deus no púlpito da igreja de Saint Pierre, caminhando de rua em rua entre os moradores e visitando os lares de seus paroquianos. Sua obra magna, *Institutas da Religião Cristã*, teve sua última edição publicada em 1559, em latim e francês (HALSEMA, 2009, p.45). Trata-se de um manual de dogmática cristã, no qual são abordados os dez mandamentos, o credo apostólico e a oração do Pai Nosso e outros assuntos de cunho teológico.

Bem próximo da morte, Calvino admitiu suas fraquezas, mostrando sua fragilidade humana e falho, como os demais, experimentando erros e acertos na caminhada cristã:

Meus pecados sempre me desgostaram... Rogo-vos, que me perdoeis o mal, e se porventura tenha havido algum... fazei dele um exemplo. Quanto à minha doutrina, "Ensinei com fidelidade, e Deus deu-me a graça de escrever... tão fielmente quanto estava em meu poder". "Vivi nesta doutrina e nela quero morrer. Perseverai nela todos vós". "Amai-vos uns aos outros. Que não haja inveja" (CALVINO apud HALSEMA, 2009, p.189).

Muitos dos críticos de Calvino ignoram sua humildade. Ele demonstrou sua preocupação pastoral e não somente a imagem de um teólogo ou biblista. A morte do reformador ocorreu no dia 27 de maio de 1564, numa noite de sábado, tendo sido enterrado numa sepultura simples, sem identificação, conforme era seu desejo (HALSEMA, 2009, p.190). Sua influência foi um divisor de águas no movimento reformista em geral. O Alcance de sua ação foi determinante no estabelecimento das denominações reformadas naquele período em toda a Europa e diversas partes do mundo. E continua sendo na atualidade, conforme tema do tópico subsequente.

1.1.1. A Tradição Reformada

Como observado anteriormente, a teologia herdeira do pensamento de João Calvino veio a ser denominada de “tradição reformada ou presbiteriana”. De acordo com McGrath (2005, p.104), o Calvinismo continua sendo uma das mais expressivas e importantes escolas teológicas no cristianismo. Ela se estrutura sobre as bases hermenêuticas desenvolvidas e utilizadas por Calvino. As Igrejas presbiterianas são herdeiras diretas da Reforma em Calvino e seu sistema teológico como um todo. Algumas denominações protestantes históricas, como batistas¹³ e anglicanos,¹⁴ por exemplo, foram também influenciadas pelo Calvinismo. Entretanto, não endossam todo o sistema teológico de Calvino, como fazem as igrejas Presbiterianas.

Duas grandes famílias de igrejas nasceram sob a influência de Calvino. A primeira foi estabelecida na Europa continental e são conhecidas como “Igrejas Reformadas”; enquanto a segunda delas se fixou nas Ilhas Britânicas e são denominadas de “Igrejas Presbiterianas” (REID, 2009, p.562). Essas duas famílias de igrejas professam a teologia de Calvino conforme suas Confissões de Fé e Catecismos. Esses documentos confessionais, embora com nomes diferentes, abordam o mesmo conteúdo e sistema doutrinário.

¹³Uma parte considerável de batistas professa a soteriologia reformada, mas divergem nas questões de governo eclesiástico e batismo.

¹⁴ Alguns grupos anglicanos são também reformados em sua soteriologia, adotando, porém, o governo episcopal, diferente de Calvino, que professava o governo presbiteriano.

Tabela 1: Lista de igrejas reformadas

IGREJA	PAÍS DE ORIGEM	CONFISSÃO DE FÉ
Igreja Reformada Holandesa	Países Baixos	Confissão Belga, Catecismo de Heidelberg e Cânones de Dort
Igreja Presbiteriana	Escócia	Confissão de Fé de Westminster e Catecismo Maior e Breve Catecismo de Westminster

A tabela acima mostra as duas denominações, separadas geograficamente, mas não teologicamente. Recentemente, o reformado holandês Joel Beeke, juntamente com o presbiteriano Sinclair Ferguson, lançaram o livro *Harmonia das Confissões Reformadas*¹⁵, colocando lado a lado os principais temas teológicos em ambos os documentos confessionais das duas denominações. Na atualidade, essas igrejas estão presentes em todas as partes do mundo. Embora sejam comunidades independentes, encontram-se unidas sob a Fraternidade Mundial Reformada, órgão ecumênico representante dessa tradição. A família reformada soma algo em torno de 80 milhões de fiéis.

Igrejas reformadas na Holanda, Suíça, Inglaterra, Escócia, Irlanda, EUA, Canadá e outros países legaram ao mundo cristão protestante um grande número de biblistas e teólogos. Entre eles aparecem nomes como Herman Bavinck, Abraham Kuyper, Charles Hodge, Karl Barth; Emill Brunner, Louis Berkhof, William Hendriksen, Anthony Hoekema, Simon Kistemaker, James Montgomey Boice, R. C. Sproul, Tim Keller etc. Esses estudiosos estiveram ou estão em maior ou menor grau, alinhados com as confissões e símbolos de fé de suas denominações onde exerceram também o ministério pastoral.

A área educacional tem recebido uma importante influência. Desde o seu início, a tradição reformada tem investido na educação. Exemplos como a Universidade de Genebra, Universidade de Leiden, Universidade de Harvard, Universidade de Yale, e mais recentemente o Calvin College, são alguns dos grandes centros educacionais reformados (REID, 2009, p.564). No Brasil, a Universidade Presbiteriana Mackenzie, uma das maiores instituições de ensino superior, e a rede de escolas do Sistema Mackenzie de ensino, são também exemplos da presença educacional Reformada.

¹⁵ Livro traduzido e disponibilizado pela editora Cultura Cristã, editora confessional reformada da Igreja Presbiteriana do Brasil.

Como mencionado no início do tópico, igrejas batistas, anglicanas e, mais recentemente, igrejas livres ou não-denominacionais, professam o núcleo da teologia reformada. A influência calvinista ocorre mais especificamente na área soteriológica e pneumatológica. Destaque para estudiosos batistas reformados como Wayne Grudem, John Piper, John MacArthur, e Donald Carson. Na família anglicana reformada, estão em proeminência nomes como J. I. Packer, John Stott e Alister McGrath. Nas comunidades independentes, estudiosos como Sam Storms, John Wimber e Jack Deere convergem para o núcleo soteriológico reformado.

1.1.2. Calvino e a hermenêutica reformada

Um dos aspectos mais importantes na teologia de João Calvino está relacionado com as fontes hermenêuticas por ele adotadas. Seu pensamento em relação à interpretação da Bíblia teve grande influência no desenvolvimento posterior da teologia reformada como um todo. Esse postulado hermenêutico pode ser visto nas confissões de fé, na tradição holandesa, na teologia puritana Inglesa e ainda continua forte na teologia confessional reformada da atualidade.

É importante frisar significado do termo técnico “hermenêutica” e seu uso na teologia cristã. De acordo com Millard Erickson é a “ciência da interpretação das Escrituras” (2011, p.91). A Hermenêutica lida, nesse caso, com os textos sagrados. O objetivo da hermenêutica, conforme aponta Anglada (2006, p.22), é a investigação, discussão e sistematização do entendimento teológico, objetivando uma compreensão mais próxima do autor e leitores originais. Por meio da hermenêutica, um texto ou uma verdade bíblica é pesquisada, tendo como objetivo sua aplicação na vida da comunidade.

1.1.3. Ênfase no sentido literal, ao invés da alegoria

Uma das ênfases hermenêuticas no período da Reforma foi a abdicação da alegorização. Segundo Anglada (2006, p.72), os reformadores “[...] romperam com o método alegórico medieval de interpretação bíblica e com o método escolástico dominado pela razão [...], inaugurando uma nova época na exegese bíblica. Muitas coisas poderiam ser vistas no texto conforme o nível de alegorização. Lopes (2013, p.161) observa que o sentido claro do texto, em cada passagem estudada era uma

preocupação dos reformadores, sendo que o sentido literal é único, salvo se próprio texto ou contexto mostrem o contrário.

Alguns textos de João Calvino esboçam esse princípio da interpretação literal:

[...] Saibamos, pois, que o verdadeiro significado da Escritura é único, natural e simples (*verum sensum scripturae, quigermanus est et simplex*). Devemos aceitá-lo e viver resolutamente por ele. Quanto àquelas falsas explicações que nos afastam do sentido natural das Escrituras, temos não somente de rejeitá-las como duvidosas, mas também lançá-las fora com ousadia, considerando-as corrupções letais, que nos afastam do sentido literal [...] (CALVINO, 2015b, p.147).

O texto acima expõe importantes aspectos hermenêutico. O reformador não via com bons olhos a alegoria. Para ele a interpretação alegórica era perigosa e danosa, levando a Palavra a ser jogada de um lado para outro, como se fosse uma bola (2008b, pp.90-91). Seu argumento alerta que “[...] as alegorias não devem avançar para além do que a regra que têm, prescrita para a Escritura: afastam-se a tal ponto que, por si, não bastam para fundamentar nenhum dogma [...] (CALVINO, 2009a, p.321). A manipulação na interpretação de uma determinada passagem bíblica, mesmo que de modo inconsciente, pode induzir ao erro, originando até mesmo ensino equivocado.

1.1.4. A necessidade da iluminação do Espírito Santo

O papel do Espírito Santo é preponderante no processo de entendimento hermenêutico reformado. A dependência do Espírito Santo na interpretação das Sagradas Escrituras é outro importante aspecto da hermenêutica de Calvino, conforme explica Anglada: “[...] as Escrituras não prescindem da ação iluminadora do Espírito, nem o Espírito prescinde das Escrituras. É pela Palavra escrita e pregada que o Espírito Santo realiza Sua obra iluminadora [...] (2006, p.89). Considerando que o Espírito inspirou a Palavra, Sua ação iluminadora é também uma das chaves para seu entendimento correto.

Essa é a perspectiva da *Confissão de Fé de Westminster*:

Todo o conselho de Deus concernente a todas as coisas necessárias para a glória dele e para a salvação, fé e vida do homem, ou é expressamente declarado na Escritura ou pode ser lógica e claramente deduzido dela. À Escritura nada se acrescentará em tempo algum, nem por novas revelações do Espírito, nem por tradições dos homens; reconhecemos, entretanto, ser necessária a íntima iluminação do Espírito de Deus para a salvadora compreensão das coisas reveladas na palavra, e que há algumas circunstâncias, quanto ao culto de Deus e ao governo da Igreja,

comum às ações e sociedades humanas, as quais têm de ser ordenadas pela luz da natureza e pela prudência cristã, segundo as regras gerais da palavra, que sempre devem ser observadas (*SÍMBOLOS de Fé*, 2014, pp.24-25).

No evento da queda o ser humano suas faculdades intelectuais foram afetadas. Daí surge a necessidade da iluminação para o entendimento da vontade de Deus. Nas palavras do reformador “[...], quanto mais obtuso é o intelecto humano para compreender os mistérios de Deus, e quanto mais profunda é a incerteza [...] tanto mais segura é nossa fé, a qual tem seu apoio na revelação do Espírito de Deus [...]” (CALVINO, 2015a, p.102). Ainda, segundo Calvino, enquanto o Espírito não clareia o entendimento, o homem permanece nesse estado de escuridão, sem compreender os mistérios de Deus (2009a, p.262). Desse modo a conversão só é possível por meio da ação do Espírito. Sem a iluminação todos permanecem em suas trevas pessoais.

1.1.5. Estudo dos textos bíblicos nas línguas originais

Outro aspecto da hermenêutica reformada se refere ao estudo das línguas originais da Bíblia. O Antigo Testamento foi escrito em hebraico – com partes em aramaico – e o Novo Testamento, em grego. Conforme aponta Lopes (2013, p.163), por meio da análise do texto na língua original, aliada ao conhecimento do contexto cultural, os reformadores perceberam que a Palavra de Deus seria mais bem entendida e interpretada. Um entendimento incorreto do significado das palavras no original, bem como de sua estrutura morfológica, pode acarretar interpretação diferente do pensamento intencional do autor.

Uma das características da hermenêutica de Calvino foi o uso de várias ferramentas na exposição da Palavra, tornando-se, assim, um grande exegeta nas línguas originais (COSTA, 2006, p.30). A correta exegese é necessária por várias razões, como exemplo a busca da intenção original do autor:

É perceptível na exegese de Calvino um esforço consistente pela busca da intenção do autor, o que Calvino chama de *mens scriptoris*. Ele está sempre interessado no que o autor quis dizer no texto, ao invés de atribuir a ele o que nós mesmos achamos que ele deveria dizer. Calvino buscava compreender a intenção do autor, dando atenção ao contexto literário, histórico, geográfico e cultural do texto, bem como a sua gramática [...] e ordem das palavras (ANGLADA, 2006, pp.91-92).

Pastores e demais líderes devem buscar formação adequada que responda essa demanda. Mas, e em relação aos leigos? A tradição reformada sempre manteve

uma preocupação para com aqueles que não possuem acesso aos idiomas originais e outros recursos hermenêuticos como os citados acima. A CFW ensina que a Bíblia precisa ser traduzida na língua comum de cada povo aonde chega o evangelho, objetivando à verdadeira adoração e instigando a paciência entre o povo de Deus (SÍMBOLOS de Fé, 2014, p.26). Isso tem ocorrido mediante a presença de eruditos reformados nos mais variados projetos de tradução das Escrituras pelas Sociedades Bíblicas em todas as partes do mundo.

1.1.6. As Sagradas Escrituras como intérpretes de si mesmas

Grande parte dos textos bíblicos são compressíveis, outros nem tanto. Nesse ponto reside o perigo de uma interpretação equivocada ou falaciosa. A solução é deixar que a Bíblia intérprete a si mesma. Isso significa que qualquer ensinamento doutrinal necessita estar harmonizado com o todo das Escrituras. Na tradição reformada, esse recurso hermenêutico recebe o nome de “*analogia da fé*”, e valoriza as Escrituras como palavra revelada. Trata-se de um recurso na comparação dos textos, conforme escreve o reformador:

“[...] Se chamam de palavra exótica aquilo que não pode ser mostrado na Escritura com as mesmas sílabas, de fato impõem a nós uma lei injusta, com a qual se condena toda interpretação que não seja a costurada pelo contexto da Escritura [...] Há, porém, um modo que deve ser conservado, tomando, na própria Escritura, uma regra correta de pensar e de falar, da qual sejam extraídos todos os pensamentos da mente e as palavras da boca [...]” (CALVINO, 2009a, p.116).

Uma das formas de verificação hermenêutica consiste em colocar em paralelo diversos textos sobre o mesmo assunto visando a compressão de seu significado. É uma forma honesta e segura interpretar uma passagem à luz de outras passagens sobre o mesmo tema. Esse foi também o entendimento dos teólogos da Assembleia de Westminster, ao argumentar que, em qualquer disputa sobre o sentido de um texto bíblico, a compreensão correta encontra-se em outros textos onde o assunto seja tratado mais claramente (SÍMBOLOS de Fé, 2014, p.26). Enfim, uma exegese sensata visando a compreensão das Sagradas Escrituras deve nascer da reflexão comparativa na própria Escritura Sagrada.

1.2. Teologia do Espírito Santo em Calvino

João Calvino abordou uma infinidade de temas dentro da teologia cristã. Nosso interesse repousa naqueles relacionados com a sua pneumatologia. Embora o reformador tenha escrito abundantemente sobre o Espírito Santo, não produziu algo sistematizado ou uma obra específica sobre o tema. Conforme observa Lopes (1996, p.1), para Calvino o Espírito Santo atua como agente da Trindade Santa, realizando Sua obra nos bastidores da economia divina. Possivelmente, isso seria o indicativo pelo qual sua pneumatologia encontra-se distribuída, entrelaçada e diluída em diversos outros assuntos teológicos em suas *Institutas* e comentários.

1.2.1. O Espírito no contexto da Santíssima Trindade

A pneumatologia dos reformadores não surge no vácuo. Considerando se tratar de um dogma fundamental da fé, a concepção trinitária expressa nos credos ecumênicos foi mantida por todos os reformadores. No caso de Calvino, sua concepção trinitária aparece com bastante clareza: “Portanto, se o testemunho do Apóstolo merece crédito, segue-se que há em Deus três hipóstases” (CALVINO, 2006a, p.122). Para ele, “[...] o Pai e o Filho e o Espírito são um e único Deus, todavia, de modo que o Filho não é o Pai como tal; ou o Espírito, o Filho; ao contrário, que são distintos entre si [...] (CALVINO, 2006a, p.125). Para o reformador, a essência de Deus é comum às três pessoas:

Mas, nisto enganam-se redondamente, visto que sonham com três individuações, cada uma das quais possuindo parte da essência. Ora, somos ensinados nas Escrituras que Deus, no que respeita à essência, é um só e único, e daí ser ingênita a essência tanto do Filho quanto do Espírito. Como, porém, o Pai é primeiro em ordem e de si gerou sua Sabedoria, com razão, como disse pouco antes, é tido por princípio e fonte da Deidade em seu todo [...] (CALVINO, 2006a, p.150-151).

Como já indicado na introdução desta dissertação, o foco do texto objetiva pesquisar a Pessoa do Espírito Santo e Seus carismas em Calvino e no desenvolvimento teológico da tradição reformada. Voltando para Calvino, percebemos que o Espírito Santo é claramente identificado com a terceira Pessoa da Trindade. De acordo com o Reformador, o Espírito é uma Pessoa, cuja essência divina é uma com o Pai e o Filho, possuindo a plena deidade (CALVINO, 2014, p.315). Ele cita várias passagens, como prova da divindade do Espírito:

Enfim, ao Espírito se confere, como ao Filho, todas as funções que são particularmente privativas [=próprias] da Deidade. Porquanto perscruta até mesmo as coisas profundas de Deus (1Co 2.10); conselheiro nenhum há para ele entre as criaturas (Rm 11.34; 1Co 2.16); concede a sabedoria e o dom de falar, quando, no entanto, o Senhor declara a Moisés que só a ele pertence fazê-lo (Ex 4.11) [...] Pois, a não ser que o Espírito fosse algo subsistente em Deus, de modo nenhum lhe seriam outorgados arbítrio e vontade (CALVINO, 2006a, p.137).

O reformador comenta ainda alguns textos específicos no Novo Testamento:

Com efeito Pedro, repreendendo a Ananias por este haver mentido ao Espírito Santo, dizia que ele não mentira aos homens, mas a Deus [At 5.3, 4]. E onde Isaías introduz o Senhor dos Exércitos a falar, Paulo ensina que é o Espírito Santo quem fala [6.9; At 28.25]. Mais ainda, quando os profetas, a cada passo, dizem que as palavras que proferem são do Deus dos Exércitos, Cristo e os apóstolos as atribuem ao Espírito Santo, do que se segue que Aquele que é o autor primordial das profecias é o verdadeiro Senhor (CALVINO, 2006a, p.138).

De maneira que, sua pneumatologia se alinha aos credos ecumênicos. Por exemplo, o *Credo Apostólico*¹⁶ está organizado com foco trinitário, abordando a obra do Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo (*CREDO Apostólico* Apud *SÍMBOLOS de Fé*, 2014, p.264). Outro importante documento da Fé, o Credo de Atanásio¹⁷ ensina que: “[...] uma é a Pessoa do Pai, outra do Filho, e outra do Espírito Santo [...] O Espírito Santo é do Pai e do Filho; não foi feito nem criado, nem gerado, mas deles procede (*CREDO de Atanásio* Apud GRUDEM, 1999, p.997). Ambos os documentos – o Credo Apostólico e o Credo Atanasiano –, são recebidos como símbolos de fé nas Igrejas reformadas.

1.2.2. A obra do Espírito na inspiração e iluminação

Há uma estreita relação entre o entendimento da divindade do Espírito e o conceito da inspiração da Palavra de Deus. Para Calvino (2015c, p.316), as Escrituras Sagradas, em seu todo, são a Palavra inspirada de Deus e não meramente palavras ou pensamentos humanos. A canonicidade dos Escritos Sagrados aparece na Confissão Gaulesa, de autoria do reformador: “[...] nós sabemos que esses livros [das

¹⁶ Um dos mais antigos documentos ecumênicos da igreja cristã, tendo sua origem entre os séculos III e IV.

¹⁷ Esse documento ecumênico remonta aos séculos IV e V. Sua principal ênfase está na doutrina da Trindade, reafirmando a divindade de cada uma das pessoas.

Escrituras] são canônicos, e a regra segura de nossa fé (SI 19.9; 12.7) (CALVINO apud LOPES, 2006, p.159). Comentando 2Timóteo 3.16, o reformador escreve:

Deus nos falou e estamos plenamente convencidos de que os profetas não falaram de si próprios, mas que, como órgãos do Espírito Santo, pronunciaram somente aquilo para o qual foram do céu comissionados a declarar. Todos quantos desejam beneficiar-se das Escrituras devem antes aceitar isto como um princípio estabelecido, a saber: que a lei e os profetas não são ensinados passados adiante ao bel-prazer dos homens ou produzidos pelas mentes humanas como sua fonte, senão que foram ditados pelo Espírito Santo (CALVINO, 2009c, pp.262-263).

A Palavra está unida ao Espírito e o Espírito à Palavra:

[...] da mesma forma, a Palavra não pode ser separada do Espírito, como imaginam os fanáticos, que, desprezando a palavra, se ufanam do nome do Espírito, e envaidecem com confiança fútil suas próprias imaginações. É o Espírito de Satanás que é separado da palavra, à qual o Espírito de Deus está continuamente unido (CALVIN, p.271, p.1996).¹⁸

Os reformadores enfatizaram também a necessidade da obra iluminadora do Espírito na compreensão correta das Sagradas Escrituras em seu todo. Na concepção de Calvino (1997, p.153), o evangelho não pode ser conhecido à parte da ação do Espírito Santo, a qual ocorre por meio de sua obra iluminadora. Essa iluminação, segundo Calvino, não é outra coisa senão um presente, um dom da graça de Deus (2006b, p.47). Nesse sentido, tanto a origem quanto a interpretação das Escrituras passam pela iluminação do Espírito. Em outro texto o reformador aprofunda o sentido da iluminação:

E lhe atribui como ofício próprio isto: trazer à lembrança o que ele próprio ensinara com a boca, uma vez que se ofereceria luz aos cegos, a não ser que aquele Espírito de entendimento lhes abrisse os olhos da mente. De sorte que se pode, corretamente, chamá-lo a chave com que se nos abrem os tesouros do reino celestial e sua iluminação a agudeza da visão de nossa mente [...] (CALVINO, 2006c, p.22-23).

A iluminação do Espírito aponta para um dos distintivos clássicos no protestantismo, denominado de “*Sola Scriptura*”, o conceito de que somente as Escrituras contem a revelação necessária ao cristão. Para o reformador, a Palavra é a Escritura, “a escola do Espírito Santo, na qual não se deixa de pôr coisa alguma necessária e útil de se conhecer, nem tampouco se ensina nada mais além do que se precisa saber” (CALVINO, 2006c, p.386). Esse distintivo ecoa as Palavras de João:

¹⁸ Tradução minha do comentário de Calvino sobre os Evangelhos Sinópticos. Por isso a referência ao nome do reformador em inglês [Calvin].

“Mas quando o Espírito da verdade vier, ele os guiará a toda a verdade. Não falará de si mesmo; falará apenas o que ouvir, e lhes anunciará o que está por vir” (Jo 16.13-NVI).

1.2.3. A ação do Espírito Santo na vocação do eleito

A igreja recebeu de Cristo a ordem para a evangelização dos povos. A pregação das boas novas objetiva a chamar todas as pessoas ao arrependimento. Teologicamente, isso tem sido chamado de “a vocação do evangelho”. Na teologia reformada há uma distinção entre vocação geral, e a vocação eficaz.¹⁹ Para Calvino (2006c, p.427), a vocação eficaz ocorre por meio da pregação da Palavra, sendo esta iluminada pela ação do Espírito Santo na vida do eleito. Enquanto a vocação geral dirige-se exteriormente a todas as pessoas, a vocação eficaz influencia o coração, sendo, assim, mais relacionada com a vocação dos eleitos.

De acordo com Mateus 22.14 “[...], muitos são chamados, mas poucos são escolhidos” (NVI). Esse texto faz referência à vocação universal e à vocação especial:

[...] deve ser claro [...] haver dupla espécie de vocação. Ora, há a vocação universal, pela qual, mediante a pregação externa da Palavra, Deus convida a si a todos igualmente, ainda aqueles aos quais a propõe como aroma de morte [2Co 2.16] e matéria da mais grave condenação. A outra é a vocação especial, da qual digna ordinária e somente aos fiéis, enquanto pela iluminação interior de seu Espírito faz com que a Palavra pregada se lhes assente no coração [...] (CALVINO, 2006c, p.427).

Outras passagens nas Escrituras apontam para a vocação particular: “Seu divino poder nos deu todas as coisas de que necessitamos para a vida e para a piedade, por meio do pleno conhecimento daquele que nos chamou para a sua própria glória e virtude” (2Pe 1.3-NVI). No entanto, nesse texto, Calvino (2015c, p.293) observa que a salvação não se concretiza a não ser por meio da vocação do evangelho, o qual leva o homem a conhecer a Deus, quando este atrai a si mesmo os corações por meio da ação do Espírito Santo. Ou seja, a salvação ocorre por meio da ação da Palavra do Evangelho, sendo ela aplicada diretamente no coração do pecador.

¹⁹ Na teologia reformada há um só chamado, entretanto a eficácia desse chamado supõe a resposta da fé no coração do eleito, pela ação do Espírito Santo. Embora esta noção seja problematizada pela teologia católica e luterana da graça, corresponde ao pensamento de Calvino e se aproxima da noção de graça atual: o mesmo chamado geral à salvação pode obter respostas diferentes, como sugere a parábola do semeador.

Quando as boas novas são anunciadas, nem sempre há uma resposta positiva: “No entanto, nem todos os israelitas aceitaram as boas novas. Pois Isaías diz: “Senhor, quem creu em nossa mensagem?” (Rm 10.16-NVI). No entendimento de Calvino (2014, p.431) a aceitação ocorre “[...] quando Deus irradia em nós a luz de seu Espírito, é que a Palavra logra produzir algum efeito [...] Daí a vocação interna só é eficaz no eleito e apropriada para ele, distingue-se da voz externa dos homens [...]”. Nesse sentido, para que haja êxito na evangelização, há a necessidade da ação iluminadora do Espírito Santo no coração humano.

1.3. Carismas nas promessas do Antigo Testamento

O Novo Testamento apresenta várias referências sobre o Espírito Santo. Destacamos aqui o segundo capítulo de Atos dos Apóstolos, texto abordando a descida do Espírito sobre a comunidade reunida. Em sua pregação, Pedro entende (At 2.16-21) que os eventos desencadeados no dia de pentecostes cumprem a profecia de Joel (2.28-32) sobre as bênçãos messiânicas prometidas. Outras passagens no Antigo Testamento (Is 32.15; Ez 36.27,28; 23.14; Zc 12.10) também apontam para essas futuras graças do Espírito.

A passagem mais significativa nesse contexto encontra-se nos oráculos proféticos de Joel:

"E, depois disso, derramarei do meu Espírito sobre todos os povos. Os seus filhos e as suas filhas profetizarão, os velhos terão sonhos, os jovens terão visões. Até sobre os servos e as servas derramarei do meu Espírito naqueles dias" (Jl 2.28,29 - NVI).

Esse texto aponta para um futuro promissor, resultante da obra do Espírito. Calvino (2008, p.64) denomina esse tempo vindouro em termos de bênçãos espirituais de Deus para o Seu povo, tempo futuro em que o Espírito seria derramado, sendo denominado de “últimos dias”. Essa expressão, segundo Calvino, refere-se àquele período entre a primeira e a segunda vinda de Cristo, ou seja, todo o reino presente de Deus, do começo ao fim (2008a, p.71). Isso não significa que antes da chegada do Messias o Espírito não estivesse presente. Uma leitura de Gênesis 1 indica a presença da ação do Espírito na Criação.

Entretanto, há um contraste entre o que viria em termos de bênçãos do Espírito, e aquilo que o povo de Deus no Antigo Testamento desfrutava até então:

O Profeta, sem dúvida, promete aqui algo maior do que os pais sob a Lei haviam experimentado. O dom do Espírito, sabemos, até era desfrutado pelos antigos; só que o Profeta não promete o que os fiéis tinham outrora descoberto, mas, como dissemos, algo maior: e tal pode ser facilmente depreendido da palavra aqui usada, “derramar”; pois **שפך** **shafach** não significa gotejar, mas despejar em grande abundância; e Deus não derramou seu Espírito Santo tão farta e largamente sob a lei como quando depois da manifestação de Cristo. Dado, pois, que o dom do Espírito foi mais copiosamente dado à Igreja após o advento de Cristo, o Profeta utiliza aqui uma expressão rara — que Deus derramaria o Espírito dele (CALVINO, 2008a, p.64).

Outro aspecto diz respeito ao alcance da obra do Espírito. O alcance da ação da terceira pessoa da Trindade reveste-se da ideia de exclusividade e não exclusividade. No entendimento de Calvino, na Antiga Aliança havia atividade profética animada pelo Espírito, porém como vocação específica, distinta do caráter profético universal do povo que se manifesta a partir de pentecostes (2008a, p.64). De fato, anos antes, Moisés havia demonstrado o anseio pela ação do Espírito entre todo o povo de Deus e não somente na vida de uns poucos deles: “Quem dera todo o povo do Senhor fosse profeta e que o Senhor pusesse o seu Espírito sobre eles!” (Nm 11.29-NVI). Esse anseio pela universalidade da ação Espírito aponta que:

Deus trataria mais prodigamente sua nova Igreja quando restaurada, [...] derramaria seu Espírito sobre toda carne. Ele declara, pois, que todos em geral seriam partícipes do dom do Espírito e de sua rica abundância, ao passo que debaixo da lei alguns tiveram apenas uma parca amostra disso. Percebemos agora, então, qual o intento do Profeta: era fazer uma manifesta distinção entre o estado do povo da antiguidade e o estado da nova Igreja, de cuja restauração ele ora fala. A comparação é que Deus não somente dotaria uns poucos com seu Espírito, mas toda a multidão do povo; depois, que enriqueceria seus fiéis com todas as espécies de dons [...] (CALVINO, 2008a, p.64).

Retomando o texto de Joel, seu conteúdo trata não somente da abrangência da ação do Espírito, abordando também a natureza da manifestação do Espírito: “Os seus filhos profetizarão, os velhos terão sonhos, os jovens terão visões” (Joel 2.28-NVI). Calvino observa que o antigo povo de Deus desfrutou do carisma da profecia, mas de modo bastante reduzido (2008a, p.65). O cumprimento dessa atividade profética se cumpre a partir do dia de pentecostes. Jovens, homens e mulheres recebem a influência do Espírito Santo, por meio de sonhos e visões. Calvino (2008a, p.65) não vê diferença entre sonhos e visões, apenas reconhece ambos como meios da revelação profética. A Ênfase do texto é mais na riqueza procedente da ação do Espírito e menos em gêneros revelacionais.

Como visto anteriormente, na perspectiva de Pedro essas manifestações se cumpriram a partir de pentecostes (At 2.17). É curioso que no texto não haja referências ao carisma do falar em línguas, e, mesmo assim, Pedro vê o dia de pentecostes como cumprimento da mensagem profética. Mesmo em relação ao carisma da profecia, nem todos foram agraciados com esse dom:

Ele não afirma em termos explícitos que todos seriam participantes desse dom, mas que, comparando com a antiga Igreja, tal dom seria, por assim dizer, comum, e que assim foi é bem conhecido: pois se se comparar a antiga Igreja com aquela afluência com que Deus privilegiou o seu povo depois do advento de Cristo, decerto perceberá ser verdade o que eu digo — que o Espírito de Deus, que foi dado somente a poucos debaixo da lei, foi derramado sobre toda carne. Então é verdadeiro o que o Profeta diz, caso se entenda este contraste — que Deus foi muito mais liberal para com sua nova Igreja do que anteriormente para com os pais: pois os Profetas naquele tempo não eram em grande quantidade, mas foram muitos debaixo do Evangelho. Devemos também lembrar que o Profeta exalta a graça divina hiperbolicamente, pois é tal a nossa estupidez e letargia que jamais podemos compreender suficientemente a graça de Deus se não for ela apresentada a nós em linguagem hiperbólica [...] (CALVINO, 2008a, p.66).

Em outros textos do Novo Testamento o dom da profecia volta a ser abordado. Por exemplo, a perspectiva paulina está de certo indica o fato de que nem todos receberam o carisma da profecia. Diz Paulo: “São todos apóstolos? São todos profetas? São todos mestres? Têm todos o dom de realizar milagres?” (1Co 12.29-NVI). A ênfase aqui é que, embora a obra do Espírito seja universal em seu alcance. Isso não significa que todas as pessoas em todas as épocas seriam agraciadas com os mesmos carismas. Há variações manifestacionais no modo operacional da obra do Espírito.

1.4. Listas de carismas no Novo Testamento: o que diz Calvino?

Não se pode negar a atuação do Espírito por meio dos carismas no Antigo Testamento. O foco aqui repousa sobre o Novo Testamento, no qual há indicativos da existência de aproximadamente vinte carismas. Eles aparecem em quatro listas distribuídas em quatro livros (Rm 12.6-8; 1Co 12.8-10,28; Ef 4.11; 1Pe 4.10,11). Essas listas não parecem ser exaustivas. O que são esses carismas? Calvino (2015c, p.289) entende que esses dons espirituais são presentes ou dádivas de Cristo, frutos da graça imerecida do Espírito. São ferramentas para o desenvolvimento da comunidade da fé:

[...] todavia, visto que ele não habita visivelmente entre nós [...] o Senhor se serve do ministério dos homens, tornando-os como que substitutos seus, não decerto, para lhes outorgar seu direito e sua honra, mas para realizar por lábios humanos a sua obra, à semelhança do artesão que se serve de um instrumento para trabalhar (CALVINO, 2009b, p.501).

Eles são distribuídos de acordo com a realidade e particularidade de cada comunidade:

[...] cada pessoa tem sua própria responsabilidade a ela destinada pelo bom propósito de Deus, visto ser conveniente para a comum salvação do corpo, que ninguém seja suprido com tal plenitude de dons, e venha a menosprezar impunemente seus irmãos [...] nem todas as coisas são adequadas a todos os homens; por isso os dons divinos são bem distribuídos [...] Cada indivíduo deve viver tão satisfeito com a apropriação de seus dons pessoais, visando à edificação da igreja, que ninguém precisa negligenciar sua própria função a fim de invadir uma área precedente de outrem (CALVINO, 2014, pp.494-495).

Voltando às listas de carismas, é possível notar que elas abrangem uma pluralidade de formas manifestacionais da graça de Deus. Segundo Calvino (2014, p.495), essa variedade não tem sua origem no desejo humano, e sim na vontade de Deus em distribuir esses presentes da graça. De fato, conforme escreve o apóstolo Paulo, “temos diferentes dons, de acordo com a graça que nos foi dada” (Rm 12.6-NVI). Na página seguinte, apresentamos as listas de carismas no Novo Testamento.

Tabela 2: Lista de carismas no Novo Testamento

Romanos 12.6-8	1 Coríntios 12.8-10, 28-30	Efésios 4.11	1 Pe 4.10-11
Profecia	Palavra de sabedoria	Apóstolos	Falar
Serviço	Palavra de conhecimento	Profetas	Servir
Ensino	Fé	Evangelistas	
Ânimo	Dons de curar	Pastores	
Contribuição	Realização de milagres	Mestres	
Liderança	Profeta / profecia		
Misericórdia	Discernimento de espíritos		
	Variedade de línguas		
	Interpretação de línguas		
	Apóstolos		
	Mestres		
	Socorro		
	Administração		

Fonte: CARSON (2013, p.38)

1.4.1. Carismas na epístola aos Romanos

Dentre as várias listas, a primeira delas ocorre na epístola aos Romanos, conforme o texto da *Nova Versão Internacional da Bíblia*:

Assim como cada um de nós tem um corpo com muitos membros e esses membros não exercem todos a mesma função, assim também em Cristo nós, que somos muitos, formamos um corpo, e cada membro está ligado a todos os outros. Temos diferentes dons, de acordo com a graça que nos foi dada. Se alguém tem o dom de profetizar, use-o na proporção da sua fé. Se o seu dom é servir, sirva; se é ensinar, ensine; se é dar ânimo, que assim faça; se é contribuir, que contribua generosamente; se é exercer liderança, que a exerça com zelo; se é mostrar misericórdia, que o faça com alegria (Rm 12.4-8-NVI)

Há uma variedade de carismas com fins e natureza diversificada. Calvino observa que o desejo de cada membro da comunidade é, naturalmente, de independência, porém a realidade exige que dependam uns dos outros em suas necessidades básicas na comunhão cristã (2014, p.494). A grande diversidade dessas atividades visa ao atendimento e socorro para todo o corpo místico de crentes que forma a comunidade local:

[...] cada pessoa tem sua própria responsabilidade a ela destinada pelo bom propósito de Deus [...] que ninguém seja suprido com tal plenitude de dons, e venha a menosprezar os irmãos [...] ou seja: nem todas as coisas são adequadas a todos os homens; por isso os dons divinos são tão bem distribuídos, que cada um recebe uma porção limitada. Cada indivíduo deve viver tão satisfeito com a apropriação de seus dons pessoais, visando à edificação da igreja, que ninguém precisa negligenciar sua própria função a fim de invadir uma área que pertence a outrem [...] (CALVINO, 2014, pp.494-495).

O dom da profecia é o primeiro dos carismas dessa lista (Rm12.6). Não fica muito clara a natureza desse dom, porém, de acordo com o Reformador, se refere àquelas pessoas que interpretavam o texto bíblico, explicando e aplicando a vontade de Deus para a comunidade (CALVINO, 2014, p.495). Ainda, segundo o entendimento de Calvino, a profecia deve estar harmonizada com o depósito da Fé encontrada nas Escrituras (2014, p.496). Entretanto, ele reconhece várias possibilidades interpretativas sobre o sentido da “profecia”:

Está passagem, contudo, tem sofrido diversas interpretações. Alguns entendem *profecia* no sentido de faculdade de predizer, a qual vicejou na igreja durante os primórdios do evangelho, quando o Senhor quis enaltecer a dignidade e excelência de seu reino por diversos meios [...] (CALVINO, 2014, p.495)

Outro carisma aparece na lista, traduzido na NVI como servir ou serviço (Rm 12.7). Considerando que sempre ocorreu tempos de necessidade no seio da comunidade do povo de Deus, esse carisma teve um impacto profundo nesse sentido. Para Calvino (2014, 497), esse dom relaciona-se com o serviço dos ministros vocacionados no uso dedicado e correto. Diz ainda o reformador que o ministro “[...] cumpra sua função ministrando corretamente, fazendo jus a esta honra [...]” (CALVINO, 2014, p.497). Em outras palavras, que haja uma entrega total por parte daquele que exerce o ministério ordenado.

Na sequência, aparece o carisma relacionado com a instrução ou ensino (Rm 12.7). Segundo Calvino (2014), aqueles que exercem o carisma do ensino são denominados de mestres, instruindo a igreja na verdade. Para o reformador, o objetivo daquele que ensina não é outro senão cumprir, no sentido máximo, seu chamado, ou seja, fazer com que a igreja cresça cada vez mais no conhecimento doutrinal (CALVINO, 2014, p.497). No contexto da reforma, esse dom foi exercido pelos missionários, presbíteros e ministros ordenados.

O carisma da exortação é o próximo na lista, sendo traduzido na NVI como dar “ânimo” (Rm 12.8a). No entendimento de Calvino (2014, p.497), trata-se de uma atividade que envolve a ministração eficaz. Por meio da exortação, aqueles na comunidade que vivem situações de dificuldade ou cansaço espiritual têm suas forças renovadas.

Paulo olha a contribuição financeira também como um carisma do Espírito (Rm 12.8). Na concepção de Calvino (2014, p.498), esse dom não se trata da atitude de quem vende todas as suas posses e as doam, mas sim ao ministério dos diáconos na distribuição das arrecadações ofertadas na comunidade. Na igreja, sempre haverá a necessidade do sustento pastoral e socorro aos necessitados, de modo que as ofertas se destinam a suprir essas demandas.

Outro carisma está relacionado com liderança (Rm 12.8). Calvino vê em primeiro lugar aqui aqueles que exercem a função presbiteral, atuando no governo e disciplina na comunidade (CALVINO, 2014). Ele, porém, expande o sentido e atuação desse dom: “[...] destes pode estender-se e incluir todo e qualquer gênero de governo [...]” (CALVINO, 2014, p.498). Trata-se de um carisma que exige grande responsabilidade:

Grande prudência é requerida daqueles que têm a incumbência da segurança de todos; e grande diligência, daqueles que têm o dever de manter vigilância dia e noite, para a preservação de toda a comunidade [...] Paulo não está falando de governos em termos gerais [...] mas de anciãos que eram juizes para a regulamentação da moral e dos bons costumes (CALVINO, 2014, p.498).

Por fim, a lista aborda o exercício da misericórdia. Ela deve ser praticada alegremente (Rm 12.8). No entendimento do reformador, aqui estão incluídos não somente os ministros, mas também as viúvas e demais pessoas, objetivando ao cuidado para com os enfermos na igreja (CALVINO, 2014, p.498). No meio do povo de Deus sempre haverá pessoas carentes de cuidado, razão para que muitos sejam agraciados com esse carisma.

Percebe-se uma certa semelhança entre os carismas. Alguns dons e atividades ministeriais se aproximam em sua finalidade, conforme observa Calvino: “Esses ofícios conservam uma estreita relação e conexão entre si [...] Não obstante, é suficiente que preservemos a distinção que vemos nos dons divinos, bem como saibamos serem eles adequados à boa ordem da igreja” (CALVINO, 2014, p.497). Ou seja, apesar de certa similaridade na natureza dessas atuações, essa ampla variedade tem sua fonte em Deus, sendo úteis para o amadurecimento da comunidade do povo de Deus.

1.4.2. Carismas na epístola aos Coríntios

A segunda lista de carismas ocorre na primeira epístola de São Paulo aos Coríntios (1Co 12 - 14). Novamente se apresenta uma variedade de dons e ministérios específicos. Calvino (2015a) argumenta que a razão para a concessão dos carismas naquela comunidade tinha sido para que, por meio deles, a comunidade fosse enriquecida e edificada. De fato, essa era a perspectiva paulina: “A cada um, porém, é dada a manifestação do Espírito, visando ao bem comum” (1 Co 12.7-NVI).

Conforme a Nova Versão Internacional da Bíblia:

Irmãos, quanto aos dons espirituais, não quero que vocês sejam ignorantes. Vocês sabem que, quando eram pagãos, de uma forma ou de outra eram fortemente atraídos e levados para os ídolos mudos. Por isso, eu lhes afirmo que ninguém que fala pelo Espírito de Deus diz: "Jesus seja amaldiçoado"; e ninguém pode dizer: "Jesus é Senhor", a não ser pelo Espírito Santo. Há diferentes tipos de dons, mas o Espírito é o mesmo. Há diferentes tipos de ministérios, mas o Senhor é o mesmo. Há diferentes formas de atuação, mas é o mesmo Deus quem efetua tudo em todos. A cada um, porém, é dada a manifestação do Espírito, visando ao

bem comum. Pelo Espírito, a um é dada a palavra de sabedoria; a outro, a palavra de conhecimento, pelo mesmo Espírito; a outro, fé, pelo mesmo Espírito; a outro, dons de cura, pelo único Espírito; a outro, poder para operar milagres; a outro, profecia; a outro, discernimento de espíritos; a outro, variedade de línguas; e ainda a outro, interpretação de línguas. Todas essas coisas, porém, são realizadas pelo mesmo e único Espírito, e ele as distribui individualmente, a cada um, conforme quer. (1 Co 12.1-11-NVI).

Muitas vezes os dons são empregados de forma egoísta, o que pode ter ocorrido na comunidade de Corinto. Essa é a perspectiva de Calvino (2015a, p.429) ao observar que, naquela igreja, os dons eram utilizados de maneira errada, visando à ostentação e pouca preocupação com a prática do amor. O reformador chama a atenção para o fato de que “[...] a razão para que os crentes sejam enriquecidos por Deus com dons espirituais, é que seus irmãos sejam edificados [...]” (CALVINO, 2015a, p.429). O uso egoísta dos carismas, ao invés de ajudar na edificação da comunidade, produzia efeito contrário, ou seja, a jactância.

Quanto à origem das manifestações do Espírito, Calvino (2015a, p.430) argumenta que, tanto a vocação dos coríntios quanto os carismas que eles receberam têm sua fonte em Deus, sendo frutos de sua graça imerecida. Na concepção do Reformador, até mesmo os pagãos vivem sob a influência do Espírito, embora não regenerados no sentido soteriológico (CALVINO, 2015a, p.431). De certa forma há uma operação universal da obra do Espírito em toda a humanidade, de modo que salvos ou não, todos dependem da animação vital do Espírito de Deus.

Especificamente, em relação à igreja:

A simetria da Igreja está no fato de ela constituir-se, por assim dizer, numa unidade de muitas partes; em outros termos, quando os diferentes dons são todos direcionados para um e o mesmo fim, assim como na música partes diferentes são ajustadas umas às outras, e tão bem combinadas que produzem uma peça harmoniosa. É certo, pois, que os dons devem ser distinguidos uns dos outros, assim como os ofícios, e que, não obstante, devem ser todos eles combinados numa só harmonia [...] (CALVINO, 2015a, p.432).

O alvo dessa variedade de carismas aponta para a capacitação do povo de Deus:

Onde usamos a palavra poderes, o termo grego é *energhma*, termo esse que contém uma alusão ao verbo operar, como em latim *effectus* [um efeito] corresponde ao verbo *efficere* [efetuar], O que Paulo tem em mente é que, mesmo que os crentes estejam bem equipados com diferentes poderes, todavia todos esses poderes têm sua fonte no poder singular de Deus [...] (CALVINO, 2015a, p.434).

Todos os carismas têm lugar e propósitos bem definidos (1Co 12.7). Para Calvino (2015c, p.432), esses dons não são concedidos visando à ostentação daqueles os recebem; muito pelo contrário, eles visam a beneficiar a comunidade do povo de Deus. É preciso estar atento para esse objetivo, porque, onde se perde esse ideal, o uso e propósito dos carismas são corrompidos, desviando, desse modo, o desígnio de “visar ao bem comum” (1Co 12.7).

Em relação aos carismas propriamente ditos, os dois primeiros são a palavra de sabedoria e a palavra de conhecimento (1Co 12.8). Calvino entende que a sabedoria está relacionada com revelação de coisas secretas e sublimes, uma espécie de perfeição do conhecimento (2015a, p.436). Quanto ao carisma da palavra de conhecimento, o segundo dos carismas, trata-se daquela “[...] familiaridade com as coisas sacras [...] no sentido de informações ordinárias (CALVINO, 2015a, p.436). Sabedoria estaria mais para um dom extraordinário, enquanto que o conhecimento, um carisma mais ligado às coisas do dia a dia. Apesar de certa semelhança dos termos, há diferença entre os dois dons:

[...] Prudência é às vezes apresentada como uma espécie de posição intermédia entre estes dois, e nesse caso significa a habilidade de aplicar o conhecimento para algum propósito prático. Esses dois termos estão indubitavelmente muito relacionados um com o outro; entretanto, é possível alguém ver uma certa diferença entre eles, quando são postos lado a lado [...] (CALVINO, 2015a, p.436).

Em seguida, aparece o carisma relacionado com a “fé” (1Co 12.9). No entendimento de Calvino (2015a, p.436), não se trata da fé comum, mas de um gênero particular de fé, mais relacionado com a realização de eventos milagrosos. Diz ainda o reformador: “[...] Este é o tipo de fé que não se limita a Cristo em sua inteireza para a redenção, justificação e santificação, mas só no âmbito em que os milagres são efetuados em seu nome [...]” (CALVINO, 2015a, p.436). Diferente da fé salvífica, esta é uma manifestação do Espírito atuando mais na área extraordinária, ou seja, com a realização de milagres na comunidade.

Outro carisma aponta para restauração da saúde, ou seja, a cura divina (1Co 12.9). Calvino entendeu que esse dom era como que um remédio, pelo qual os enfermos desfrutavam da expectativa da restauração (2015c, p.121). Em suas palavras, “[...] os dons de cura [...] são canais da benevolência de Deus para conosco” (CALVINO, 2015c, p.437). Quanto à natureza da permanência desse dom na igreja,

foi, em sua concepção, do gênero carismático e temporário, como mostra seu comentário sobre oração e cura em Tiago 5.14-16:

Como o dom da cura ainda estava em vigor, ele leva o enfermo a desfrutar do recurso desse remédio. Deveras é certo que nem todos eram curados; mas o Senhor concedia este favor até ao ponto que bem sabia ser conveniente (CALVINO, 2015c, 121).

Na mesma categoria carismática, aparece o dom denominado de operação de milagres (1Co 12.10). Calvino reconhece certa dificuldade de argumentar sobre a identidade e natureza exata desse carisma, porém o identifica como uma espécie de canal pelo qual flui a bondade de Deus (2015a, p.437). Sua área de atuação estaria mais relacionada com o poder de Deus sobre Satanás:

Contudo, sinto-me inclinado a crer que se trata do poder [*virtutem*] que é exercido contra os demônios, bem como contra os hipócritas. Assim, quando Cristo e os apóstolos, com toda autoridade, subjugarão os demônios, ou os puseram em fuga, isto era *energhma* [operação poderosa]. Outros exemplos temos no fato de Paulo trazer cegueira ao mágico [At 13.11] e Pedro fazer Ananias e Safira caírem por terra mortos, simplesmente lhes dirigindo a palavra [At 5.1-11] (CALVINO, 2015a, p.437).

Também estava em atuação na comunidade de Corinto o dom de profecia (1Co 12.10). Por meio desse carisma, assevera Calvino (2015a, p.437), a vontade secreta de Deus é revelada, fazendo com que o profeta venha a ser uma espécie de mensageiro entre Deus e o homem. Ele observa, porém, que não se trata apenas de predição do futuro, e sim da correta e sábia interpretação das Escrituras e sua aplicação na vida da comunidade (CALVINO, 2015a, p.437). Sobre a identidade e função dos profetas, eles são:

[...] (1) destacados intérpretes da Escritura; e (2) homens dotados com extraordinária sabedoria e aptidão para compreender qual é a necessidade imediata da Igreja e falar-lhe a palavra exata de que ela carece para seu sustento. Eis a razão por que eles são, por assim dizer, embaixadores para comunicar a vontade divina (CALVINO, 2015a, p.451).

A seguir, Paulo se volta para o carisma de discernimento de espíritos (1Co 12.10). Segundo Calvino (2015a, p.437), tratava-se daquela clareza sobrenatural, para perceber e estabelecer um juízo diante das declarações sobre algum assunto na igreja. Essa atividade se assemelhava com “[...] uma iluminação especial com que alguns eram dotados pelo dom divino [...] quem o possuísse podia distinguir, como

por uma marca particular, os verdadeiros ministros de Cristo dos falsos (CALVINO, 2015c, p.437). Em outras palavras, uma capacidade para distinguir entre o certo e o errado nas diversas atividades na comunidade.

Um dos carismas mais misteriosos diz respeito ao falar em línguas e interpretação dessas línguas. Esse dom era praticado na comunidade de Corinto (1Co 12.10). Esse falar em línguas, na concepção de Calvino (2015a, p.438), estava relacionado aos idiomas estrangeiros, enquanto que a “interpretação” nada mais era do que a tradução dessas línguas. O reformador observa, entretanto, que ambos os carismas se originavam por meio da operação milagrosa do Espírito (CALVINO, 2015a, p.438). O Apóstolo Paulo trata mais detalhadamente sobre línguas nos próximos capítulos da carta (1Co 14).

O dom do apostolado ocorre no final do capítulo doze (1Co 12.28). Calvino (2015a, p.450) fala desse dom espiritual em termos de um ofício de caráter temporário, ofício esse que atuava no aspecto governamental da igreja. O Reformador esclarece ainda quanto à natureza e missão daqueles que foram agraciados com o apostolado:

Pois o Senhor designou [*creavit*] os apóstolos para que difundissem o evangelho pelo mundo todo. Não lhes designa quaisquer limites territoriais, nem paróquias, mas queria que agissem como seus embaixadores, por onde quer que fossem, entre os povos de cada nação e língua (CALVINO, 2015a, p.450).

Na igreja de Corinto havia também mestres, algo relacionado ao ensino (1Co 12.28). No entendimento de Calvino (2015a, p.451), esse carisma está relacionado com o ofício pastoral, cuja missão é cuidar para que a doutrina apostólica seja preservada e assim a igreja permaneça pura. Conforme o reformador, cada pastor/mestre ensina e pastoreia a igreja local e não universal, diferentemente dos Apóstolos, cuja função era mais abrangente (CALVINO, 2015a, p.450). A função do pastor desdobra-se em duas frentes: o ensino e o cuidado pastoral daqueles que lhe foram confiados.

Outro carisma da lista é denominado de socorros ou prestar ajuda, dependendo da versão bíblica adotada (1Co 12.28). O reformador identifica esse dom com o ofício do diaconato, aqueles que se responsabilizavam pelo cuidado dos pobres em suas comunidades (CALVINO, 2015a, p.452). Considerando que a pobreza era uma dura realidade nas igrejas naquele tempo, o serviço diaconal era de extrema importância, como ainda continua sendo na atualidade.

Por fim, aparece o carisma de governos ou administração (1Co 12.28). Na perspectiva de Calvino (2015a, p.452), era o conselho de anciãos ou presbíteros, tendo a tarefa do governo da comunidade local, bem como o exercício da disciplina eclesiástica. Entre as características daqueles que governam, destacam-se, na opinião de Calvino (2015a, p.452), a “[...] sobriedade, experiência e autoridade”. Essas qualidades são importantes por se tratar de pessoas cuja função era dirigir a igreja de Deus.

Como visto no início deste tópico, embora a lista de carismas em 1 Coríntios seja a mais ampla de todas, mesmo assim, o Apóstolo incentiva a busca por “melhores dons” (1Co 12.31). Para Calvino (2015a, p.453), o sentido das palavras de Paulo, visava à fuga da busca por ostentação, e que, por outro lado, se viesse a buscar aqueles carismas mais eficazes para o crescimento da igreja. Ou seja, antes de pensar em auto-edificação, eles deveriam priorizar o aperfeiçoamento da comunidade como um todo.

1.4.3. Carismas na epístola aos Efésios

A carta aos cristãos da Igreja em Éfeso é uma das mais importantes do NT. Nela ocorre a terceira lista de carismas (Ef 4.7-11). O texto se encontra no contexto da unidade cristã, colocando a distribuição dos carismas como uma ferramenta nesse processo de unidade e amadurecimento da comunidade. Calvino (2015b, p.289) observa que essa distribuição de dons espirituais é uma das formas que Deus utiliza para manter e preservar a relação mútua de unidade no corpo, visando ao crescimento do povo de Deus.

E a cada um de nós foi concedida a graça, conforme a medida repartida por Cristo. Por isso é que foi dito: "Quando ele subiu em triunfo às alturas, levou cativo muitos prisioneiros, e deu dons aos homens". (Que significa "ele subiu", senão que também descera às profundezas da terra? Aquele que desceu é o mesmo que subiu acima de todos os céus, a fim de encher todas as coisas). E ele designou alguns para apóstolos, outros para profetas, outros para evangelistas, e outros para pastores e mestres [...] (Ef 4.7-11-NVI).

A igreja é o corpo místico, formado por uma diversidade de pessoas, também como uma diversidade de necessidades, e, dessa forma, suprida por uma diversidade de dons. Para Calvino (2015b, p.289), “nenhum membro do corpo de Cristo é dotado de perfeição tal que seja capaz, sem a assistência de outros, de suprir suas

necessidades pessoais”. Anteriormente, Paulo havia dito que há “um só Deus e Pai de todos, que é sobre todos, por meio de todos e em todos” (Ef 4-6.NVI). Todos dependem mutuamente uns dos outros.

Para que a igreja funcione como um corpo é preciso que cada pessoa exerça sua função. No entendimento de Calvino (2015b, p.289), essa diversidade de carismas, ao invés de prejudicar a unidade da comunidade, muito pelo contrário, ajuda a estabelecer, fomentar e fortalecer essa unidade. Essa ampla variedade de formas de atuação nasce no propósito divino:

“[...] Deus não concede todas as coisas a ninguém isoladamente, senão que cada um recebe uma certa medida, para que dependamos uns dos outros; e, ao reunir o que lhes é dado individualmente, assim eles têm como socorrer uns aos outros (CALVINO, 2015b, p.289).

Todos os carismas atuantes na comunidade são frutos da graça de Deus. Essas graças, na concepção de Calvino (2015c, p.289), devem recordar à comunidade de Éfeso, de que, seja qual for o carisma que receberam, jamais devem se orgulhar por causa deles, indicando que maiores serão agora suas obrigações. No Evangelho de Lucas, é ensinado que “[...] a quem muito foi confiado, muito mais será pedido” (Lc 12.48-NVI).

Paulo enumera alguns carismas e ofícios, ambos entrelaçados em sua forma de atuação, apontando também para dons ministeriais na igreja. Calvino (2015, p.295) comenta que onde o Senhor chama e estabelece oficiais, os carismas estão necessariamente conectados aos ofícios correspondentes, visando à capacitação para cumprimento da função. Essa habilitação por meio dos carismas objetiva, então, à preparação para o serviço na igreja. Carismas e vocações ministeriais são prerrogativas de Deus em sua concessão:

Os Apóstolos não designaram a si próprios, mas foram chamados por Cristo; e, ainda hoje, os pastores genuínos não se precipitam temerariamente ao sabor de sua própria vontade, mas são levantados pelo Senhor [...] nenhum homem é apto ou qualificado para tão excelente ofício, se porventura não fosse formado e modelado pelo próprio Senhor [...] O fato de termos ministros do Evangelho, é dom de Cristo; o fato de se distinguirem nos dons necessários, é dom de Cristo; o fato de que se incumbem da responsabilidade que lhes foi confiada, é igualmente dom de Cristo (CALVINO, 2015b, p.296).

O primeiro dos carismas ministeriais nessa lista refere-se ao apostolado (Ef 4.11). Como indicado anteriormente, na lista de 1 Coríntios, Calvino (2015b, p.297)

entende que são aqueles que pertenceram ao grupo particular dos doze, mais Paulo, os quais foram chamados por Cristo e honrados com essa posição. Eles exerciam um amplo ministério na igreja, conforme explana o reformador:

Seu ofício consistia em publicar a doutrina do evangelho por todo o mundo, plantar igrejas e erigir o reino de Deus [...] não tinham igrejas propriamente a eles confiadas; mas tinham a comissão comum de proclamar o evangelho por onde quer que fossem (CALVINO, 2015b, p.297).

Na sequência, aparece o carisma ministerial do profeta na igreja (Ef 4.11). Calvino (2015b, p.297) reconhece que muitos estudiosos entendem profecia produtiva. Entretanto, sua opinião caminha mais no sentido de que eram eles os intérpretes, e que essa função está, de alguma maneira, acoplada ao ensino. Ele observa (CALVINO, 2015b, p.297) que o contexto do assunto em pauta converge para ensino, por isso entende o ministério profético operando em conjunto com o ensino. De certa forma, mesmo no Antigo Testamento, a função do profeta envolvia não somente predição, porém, muitas vezes, a instrução.

O carisma ministerial do evangelista é também abordado na lista (Ef 4.11). Calvino (2015b, p.297) identifica esse carisma interligado com o apostolado, porém não no mesmo nível de atuação. De acordo com o reformador “[...] o Senhor os usou como subsidiários aos apóstolos, a quem se assemelhavam em categoria” (CALVINO, 2015b, p.297). Por exemplo, Timóteo foi um dos evangelistas, cujo trabalho esteve bem próximo do apóstolo Paulo.

Os próximos carismas têm sido denominados de dons hifenados. São os “pastores e mestres” ou pastores-mestres (Ef 4.11), sendo motivo de discussão:

Há quem pense que pastores e mestres denotem um só ofício, visto não haver nenhuma partícula disjuntiva, como nas demais partes do versículo, para distingui-los [...] Em parte concordo com aqueles que dizem que Paulo fala indiscriminadamente de pastores e mestres como se constituíssem uma mesma ordem; tampouco nego que o título mestre, em certa medida, pertença a todos os pastores. Tal fato, porém, não me leva a confundir dois ofícios, os quais sinto que diferem um do outro. Doutrinar é dever de todos os pastores, mas há um dom particular de interpretação da Escritura, para que a sã doutrina seja conservada em um homem que possa ser mestre mesmo quando não seja apto para pregar (CALVINO, 2015b, p.298).

Em certo sentido há uma distinção entre pastores e mestres. O pastorado se aproxima mais de um carisma ministerial. Para o reformador, a função do pastor está mais relacionada com ao cuidado pastoral do rebanho, quando exercido numa

comunidade em particular (CALVINO, 2015b, p.298). Os doutores, por outro lado, estão mais relacionados com aquela classe de mestres cuja atividade é a educação, não somente da membresia da igreja, incluindo até mesmo de pastores (2015b, p.298). Nessa classe encontram-se os professores dos seminários ou professores do catecumenato em geral.

Há propósitos claros na concessão de todos os carismas (Ef 4.12). Segundo Calvino (2015b, p.299), a doação desses carismas objetiva à perfeita constituição da igreja local, para que haja simetria e proporção. O Reformador escreve ainda que “Deus mesmo poderia ter realizado essa obra, caso o quisesse; no entanto delegou ao ministério de homens [...]” (CALVINO, 2015b, p.299). Graça sobre graça, considerando que embora o ser humano seja falho, Deus se utiliza de seus filhos para cumprir seus propósitos na igreja. No corpo de Cristo, todos são importantes e desempenham funções para o bem recíproco.

1.4.4. Carismas na primeira carta de Pedro

A quarta lista de carismas aparece na primeira carta de Pedro 4.10,11. É a menor de todas as listas, abrangendo apenas dois carismas, ou duas categorias de dons espirituais:

Cada um exerça o dom que recebeu para servir aos outros, administrando fielmente a graça de Deus em suas múltiplas formas. Se alguém fala, faça-o como quem transmite a palavra de Deus. Se alguém serve, faça-o com a força que Deus provê, de forma que em todas as coisas Deus seja glorificado mediante Jesus Cristo, a quem sejam a glória e o poder para todo o sempre. Amém (1 Pe 4.10,11-NVI)

O apóstolo exorta cada pessoa que tenha recebido um determinado carisma, para que exerça fielmente a vocação (1Pe 4.10). Para Calvino (2015c, p.254), ao fazer o bem, a pessoa agraciada não doa do que é dela propriamente dito; apenas ministra aquilo que lhe foi confiado graciosamente por Deus. O reformador entende que ministrar o dom é servir, objetivando a ajudar aqueles irmãos que necessitam e, desse modo, tornar-se um ministro de Deus (CALVINO, 2015c, p.254). Assim, todos são abençoados: tanto aquele que necessita quanto aquele que, por meio desse dom, serve.

Os carismas são distribuídos numa pluralidade de formas:

[...] o Senhor tem dividido suas multiformes graças de tal maneira que ninguém deva viver contente com uma só coisa e com seus próprios dons,

mas cada um tem necessidade do auxílio e socorro de seu irmão. Digo que este é o vínculo que Deus designou para reter a amizade entre os homens, pois não podem viver sem assistência mútua. E assim sucede que aquele que em muitas coisas busca o auxílio de seus irmãos deve comunicar-lhes mais graciosamente o que recebeu. Este vínculo de unidade tem sido observado e notado por pagãos. Pedro, porém, nos ensina aqui que Deus fez isso intencionalmente, a fim de obrigar os homens entre si (CALVINO, 2015c, pp.254-255).

O primeiro carisma nessa pequena lista está vinculado com a pregação ou a fala (1Pe 4.11). Calvino entende tratar-se da instrução, sendo, assim, um dom que adorna aqueles que desempenham as funções do oficialato na igreja, sejam eles ministros ou mestres (2015c, p.255). O reformador observa ainda que ensinar as profecias divinas é expor a vontade de Deus, exigindo, então, daqueles que recebem esse carisma, a fidelidade. Afinal, são eles representantes de Cristo (2015c, p.255). Ensinar à comunidade é uma honra. Em contrapartida, porém, é também uma grande responsabilidade:

[...] não é lícito aos que se engajam no ensino fazer qualquer outra coisa senão fielmente entregar a outros, como que de mão em mão, a doutrina recebida de Deus; pois ele proíbe a qualquer um de proclamar, senão somente aquele que é instruído na palavra de Deus,²⁰ e que proclama os oráculos infalíveis, por assim dizer, com sua boca. Ele, pois, não deixa espaço para as invenções humanas; pois sucintamente define a doutrina que deve ser ensinada na igreja [...] (CALVINO, 2015c, pp.255-256).

Ministrar por meio do serviço é o segundo dos carismas da lista (1Pe 4.11). No entendimento de Calvino (2015c, p.256), trata-se de um termo que inclui vários carismas ministeriais, todos eles relacionados com o ensino. Ele observa ainda que aquele que ministra deve ter em mente que o carisma não lhe pertence, por isso deve ministrar humildemente, servindo a Deus e à igreja (2015c, p.256). Alguns conselhos são apontados pelo reformador:

[...] Seja qual for a parte do fardo que suportas na igreja, saiba que nada podes fazer senão o que te foi dado pelo Senhor, e que nada mais és do que um instrumento de Deus; cuidado, pois, para não usares mal a graça de Deus, exaltando a ti mesmo; cuidado para não suprimires o poder de Deus que se expressa e se manifesta no ministério para a salvação dos irmãos [...] (CALVINO, 2015c, p.256).

²⁰ Essa advertência de Calvino situa-se no quadro preciso do ministério ordenado, ou seja, do presbítero, responsável pela sã doutrina e interpretação das profecias bíblicas já cumpridas em Cristo. Expressa, portanto, a profecia no exercício do ministério da palavra; não significa a impossibilidade de um carisma profético em sentido mais amplo, na igreja, apesar do problema dos reformadores com os “entusiastas”.

Tudo deve ser feito para a glória de Deus. Os carismas não devem fugir desse objetivo. Conforme palavras do próprio reformador: “[...] o sentido é que Deus não nos adorna com Seus dons para fazer mau serviço e façamos dele, por assim dizer, um ídolo vazio, transferindo para nós sua glória pessoal [...] ao contrário disso, sua própria glória se manifeste por toda parte [...] (CALVINO, 2015c, p.256). E ele continua exortando que “[...] é uma profanação sacrílega dos dons divinos quando os homens se propõem algum outro objetivo que não seja glorificar a Deus [...]” (2015c, p.256). Isso exige todo cuidado na maneira com que o fiel utiliza seu carisma.

Qualquer que seja o ministério ou dom, seu exercício verdadeiro só é possível por meio de Jesus, Aquele que capacita, suprindo de energia aqueles que são favorecidos com algum ministério (CALVINO, 2015c, p.257). O versículo final da perícopete petrina termina de modo apropriado, chamando atenção para esse fato, ao afirmar que “em todas as coisas Deus seja glorificado mediante Jesus Cristo, a quem sejam a glória e o poder para todo o sempre. Amém (1Pe 4.11-NVI). Na tradição reformada, isso encontra eco no lema “*Soli Deo Gloria*”.

1.4.5. Carismas e primado da caridade: a justiça do Reino

Qual a relação entre os carismas e o cuidado social junto aos necessitados? A preocupação com os pobres, viúvas e estrangeiros remonta ao Antigo Testamento. O Salmista escreve: “O Senhor protege o estrangeiro e sustém o órfão e a viúva, mas frustra o propósito dos ímpios” (Sl 146.9-NVI). Esse cuidado continua no cristianismo primitivo, conforme escreve Tiago: “A religião que Deus, o nosso Pai, aceita como pura e imaculada é esta: cuidar dos órfãos e das viúvas em suas dificuldades” (Tg 1.27-NVI). Há outros textos nos dois Testamentos atestando a necessidade do cuidado pelos menos favorecidos da sociedade.

Nos tópicos anteriores observamos as listas de carismas. Alguns dos dons espirituais apontam para o cuidado pelo pobre e necessitado, como exercer misericórdia (Rm 12.8) e o dom de prestar ajuda (1Co 12.28). Por exemplo, no contexto seguinte de Romanos 12, ainda refletindo sobre os dons, Calvino (2014, p.503) exorta sobre os deveres do amor aos pobres carentes de socorro, enfatizando que somente quando o povo de Deus alivia as necessidades desses carentes é que, de fato, demonstram o verdadeiro amor.

Até mesmo os inimigos devem ser auxiliados em suas necessidades:

Somos não só impedidos de fazer injúria, mas também temos de fazer o bem aos que vivem a prejudicar-nos. Há um gênero de retaliação indireta, ou seja: quando fracassamos em tratar com benevolência àqueles que nos têm injuriado. Pelos verbos comer e beber devemos entender atos de bondade de toda espécie. Portanto segundo nossas responsabilidades, devemos auxiliar também nossos inimigos em qualquer problema, para que suas necessidades sejam supridas com nossos recursos, conselhos e empenhos (CALVINO, 2014, p.512).

O povo de Deus deve nutrir um zelo especial para com os necessitados, principalmente os da comunidade da fé. Nas palavras de Calvino (1967, p.532), “ao fazer o bem a nossos irmãos e mostrar-nos humanitários, [...] não há outra maneira de dispensar devidamente o que Deus pôs em nossa mão, que se ater à regra da caridade”. De modo que, para o reformador, o cuidado do irmão na fé é obrigação do cristão por meio de suas posses. O cuidado não se restringe apenas àqueles que fazem parte da comunidade de fé. No entendimento do reformador o socorro deveria ser inclusivo e aberto a todos: “Nosso amor deve ser visivelmente estendido a toda a raça humana [...] (CALVINO, 1997, p.160). Assim como a graça comum de Deus, ou seja, a chuva, o sol, é derramada sobre toda raça humana, de igual modo o amor caridoso com o necessitado deve ser dispensado a todas as pessoas.

Esse amor para com os desvalidos e necessitado não deve ser apenas uma obrigação, brotando, porém do coração:

Ao praticar uma caridade, os cristãos deveriam ter mais do que um rosto sorridente, uma expressão amável, uma linguagem educada. Em primeiro lugar, deveriam se colocar no lugar daquela pessoa que necessita de ajuda, e simpatizarem-se com ela como se fossem eles mesmos que estivessem sofrendo. Seu dever é mostrar uma verdadeira humanidade e misericórdia, oferecendo sua ajuda com espontaneidade e rapidez como se fosse para si mesmos. A piedade que surge do coração fará com que se desvaneça a arrogância e o orgulho, e nos prevenirá de termos uma atitude de reprovação ou desdém para com o pobre e o necessitado (CALVINO, 2000, p.39).

A prática da caridade para com o próximo, como expressão de amor, envolve decisão sacrificial. Há um preço a ser pago. Fazer o bem envolve disposição. Para o reformador “todos quantos desejam engajar-se nos deveres do amor, devem sentir-se preparados para uma vida de muito sacrifício [...] Nosso amor deve ser visivelmente estendido a toda raça humana” (CALVINO, 1997, p.160). Essa atitude ecoa o ensino do próprio Senhor Jesus Cristo sobre a bondade de Deus: Porque ele faz raiar o seu sol sobre maus e bons e derrama chuva sobre justos e injustos. Se vocês amarem

aqueles que os amam, que recompensa receberão? Até os publicanos fazem isso!” (Mt 5.44-46-NVI).

1.5. Síntese reflexiva do capítulo

Calvino tem sido denominado por alguns como o “Teólogo do Espírito Santo”. Embora o reformador não tenha escrito nenhuma obra específica sobre a pneumatologia, esse tema está distribuído em grande parte de seus escritos. Suas principais obras são *“As Institutas da Religião Cristã”*, bem como seus comentários nas cartas de “Romanos”, “1 Coríntios”, “Efésios” e “1 Pedro”. Iniciamos o capítulo apresentando a tradição reformada e a hermenêutica teológica de Calvino. Em seguida abordamos a obra do Espírito Santo em perspectiva calvinista clássica, finalizando com o ensino do reformador sobre as listas de carismas do Novo Testamento.

Para Calvino, o Espírito Santo é a Terceira Pessoa da Trindade. O Espírito Santo agiu inspirou os autores das Sagradas Escrituras. O Espírito Santo age na comunidade do povo de Deus, tornando compreensível o evangelho, operando, desse modo, o novo nascimento. O povo de Deus é suprido por meio de uma diversidade de carismas. Eles habilitam a igreja na execução dos mais variados tipos de atividades. Alguns carismas são de natureza extraordinária, em sua forma de operação. Retomaremos o tema do cessacionismo ou continuísmo de Calvino no último capítulo. Todos os carismas devem ser exercidos com amor, visando ao cuidado pelo próximo, socorrendo-os em suas necessidades e carências.

O último ponto abordado, “Carismas e primado da caridade: a justiça do Reino”, tem suas raízes na teologia social do Antigo Testamento. O cuidado para com os pobres, os órfãos e as viúvas aparece frequentemente nos textos bíblicos. Sob a teologia do Novo Testamento essa preocupação se encontra vinculada à ação do Espírito através da operação dos diversos carismas. Alguns dos dons espirituais pertencem a categoria de carismas de diaconia. Em Romanos 12, além de tratar de modo geral dos dons, São Paulo mostra elevada preocupação em relação ao amor em ação no seio da comunidade: a justiça do reino deve prevalecer por meio de atos de caridade. No próximo capítulo retomamos a pneumatologia reformada decorrente do pensamento de Calvino, expressa nas grandes Confissões e teólogos.

Capítulo 2

A PNEUMATOLOGIA NA TEOLOGIA REFORMADA DECORRENTE

O período subsequente à Reforma tem sido denominado de “ortodoxia protestante”. Mais especificamente em nossa proposta de pesquisa, faremos referência à “ortodoxia reformada”. Nesse período, foram produzidas as grandes confissões de fé e catecismos. O propósito na confecção desses documentos visava explanar o conteúdo doutrinário reformado nas igrejas. Um outro objetivo pretendia servir como guia de catequização, à medida que comunidades iam sendo estabelecidas nos países por toda a Europa continental e Ilhas Britânicas.

2.1. As Confissões Reformadas

As Igrejas de tradição reformada, originadas em Calvino, se estabeleceram na Europa continental e Ilhas Britânicas. Comunidades reformadas na Holanda acolheram como símbolos de fé *As Três Formas de Unidade: A Confissão Belga, O Catecismo de Heidelberg e Os Cânones de Dort*. Por outro lado, as igrejas reformadas nas Ilhas Britânicas, denominadas de “Presbiterianas”, têm suas crenças principais expressas por meio da *Confissão de Fé de Westminster, Catecismo Maior e Breve*.

Embora com nomes e características diferentes, o conteúdo teológico desses Símbolos de Fé segue o mesmo padrão doutrinário calvinista.

As igrejas reformadas na Europa continental professam a fé por meio das *Três Formas de Unidade*, da qual fazem parte três documentos: *Confissão Belga*; *Catecismo de Heidelberg* e *Cânones de Dort*. Destacaremos apenas dois. O primeiro dos Símbolos de Fé da Igreja Reformada da Holanda é a *Confissão Belga*.²¹ Esse documento foi elaborado por Guido de Brès, no ano de 1561, tendo em seu conteúdo uma introdução aos grandes temas doutrinários em perspectiva calvinista (*As Três Formas de Unidade*, 2009, p.11). Esse documento segue a teologia de João Calvino. A *Confissão Belga* foi:

[...] imediata e alegremente recebida pelas igrejas dos Países Baixos e adotada pelos Sínodos Nacionais convocados nas últimas três décadas do Século XVI. Depois de uma criteriosa revisão, não de conteúdo, mas textual, o grande Sínodo de Dort de 1618/1619 adotou como um dos padrões doutrinários das Igrejas Reformadas, a qual requer a subscrição de todos os seus oficiais eclesiásticos. É amplamente reconhecida a sua excelência como uma das melhores declarações simbólicas da fé Reformada (*AS TRÊS Formas de Unidade*, 2009, p.11).

O segundo Símbolo de Fé das Igrejas da Holanda é o *Catecismo de Heidelberg*.²² Esse documento foi elaborado a pedido do príncipe eleitor Frederico III, um piedoso príncipe cristão (*As Três Formas de Unidade*, 2009, p.49). Dois grandes teólogos Reformados – Zacarias Ursinos e Gaspar Olevianus – foram os responsáveis pela elaboração desse documento, sendo o primeiro professor na Universidade de Heidelberg e o segundo pregador da corte (*As Três Formas de Unidade*, 2009, p.49). Esse catecismo foi publicado na Alemanha no ano de 1563, dividido em cinquenta e dois domingos, para ser estudado e pregado nos cultos dominicais das Igrejas reformadas.

A reforma se espalhou a partir de Genebra para toda a Europa, sendo acolhida também nas Ilhas Britânicas. Por convocação do Parlamento da Inglaterra, foi convocado um concílio para tratar de assuntos teológicos, o qual se reuniu na Abadia de Westminster entre os anos de 1643 a 1649 (*SÍMBOLOS de Fé*, 2014, p.9). Nessa região, as igrejas reformadas foram denominadas de Presbiterianas. Isso ocorreu como resultado de sua organização de governo eclesiástico adotado, o qual consistia

²¹ Doravante CB.

²² Doravante CH.

basicamente de uma pluralidade de presbíteros na igreja local, conforme estabelecido na reforma em Genebra, por Calvino.

Trata-se de um documento muito bem elaborado:

[...] Os teólogos mais eruditos daquele tempo tomaram parte nos trabalhos da Assembleia. A Confissão de Fé e os Catecismos foram discutidos ponto por ponto, aproveitando-se o que havia de melhor nas Confissões já formuladas, e o resultado foi a organização de um sistema de doutrina cristã baseado nas Escrituras e notável por sua coerência em todas as suas partes (*SÍMBOLOS de Fé*, 2014, pp.10-11).

Os *Símbolos de Fé de Westminster* são compostos por três principais documentos: *A Confissão de Fé de Westminster*,²³ na forma uma declaração de Fé; o *Catecismo Maior de Westminster*, destinado à instrução de adultos, e o *Breve Catecismo de Westminster*, voltado à catequese infantil. Esse material tem sido publicado num único volume sob o nome “*Símbolos de Fé das Igrejas Presbiterianas*”, servindo de elo doutrinário entre Igrejas Presbiterianas no mundo todo. Muitas igrejas independentes e outras que seguem e professam a fé reformada também adotam esses documentos confessionais.

2.1.1. O Espírito Santo nos *Símbolos de Fé das Igrejas Reformadas*

A obra e a Pessoa do Espírito Santo são tratadas em vários capítulos da *Confissão Belga*. Conforme o artigo oitavo “[...] cremos em um só Deus, uno na essência, em quem há três pessoas distintas – de modo real, verdadeiro e eterno – conforme os seus atributos incomunicáveis: o Pai, o Filho e o Espírito Santo (*As Três Formas de Unidade*, 2009, p.17). Ainda, segundo a CB, o Espírito Santo é o eterno poder e força que procede do Pai do Filho (*As Três Formas de Unidade*, 2009, p.17). Nessas afirmações, o Espírito Santo aparece no contexto da doutrina da Santíssima Trindade.

Quanto à divindade do Espírito Santo, é ela claramente ensinada no artigo 11:

Cremos e confessamos também que o Espírito Santo procede do Pai e do Filho desde a eternidade. Ele não foi feito, nem criado, nem gerado; pode-se afirmar apenas que Ele procede de ambos. Ele é, pela ordem, a Terceira Pessoa da Trindade, de igual substância, majestade e glória com o Pai e o Filho, verdadeiro e eterno Deus, conforme nos ensinam as Sagradas Escrituras (*As Três Formas de Unidade*, 2009, p.20).

²³ Doravante CFW.

Também é abordada a relação entre a Inspiração da Bíblia e o processo de iluminação, sendo assuntos discutidos nos capítulos 3 e 5 da CB. De acordo com a Confissão, as Escrituras Sagradas não foram fruto da pretensão humana, mas registro da vontade de Deus, divinamente inspirada pelo Espírito Santo (*As Três Formas de Unidade*, 2009, p.14). A inspiração da Palavra de Deus escrita não depende tanto da recepção por parte da igreja, mas principalmente através da ação do Espírito Santo, que testifica no coração dos fiéis (*As Três Formas de Unidade*, 2009, p.14). Nesse sentido, tanto a origem quanto a iluminação são frutos da atividade do Espírito Santo em ação.

A ação do Espírito permeia também temas de natureza soteriológica. Sobre a justificação, por exemplo, segundo a CB, é o Espírito Santo Quem principia a fé no coração da pessoa, para que, por meio dela, haja apropriação de Cristo e Seus méritos. (*As Três Formas de Unidade*, 2009, p.29). Outro tema relacionado à soteriologia é a santificação. Nas palavras da Confissão: “Cremos que esta fé verdadeira operada no homem pelo ouvir da Palavra de Deus e pelo agir do Espírito Santo, que o regenera e torna-o um novo homem; faz com que viva uma vida nova e o liberta da escravidão do pecado [...]” (*As Três Formas de Unidade*, 2009, p.30). Nesse sentido, a ação do Espírito possibilita ao cristão a frutificação espiritual em sua caminhada.

O papel do Espírito em temas de natureza eclesiológica é também exposto nessa Confissão. O capítulo 28 esclarece sobre a importância de se juntar à igreja visível, a congregação local, onde, por meio dos talentos ou carismas, cada qual pode servir ao próximo, cooperando para sua edificação no corpo (*As Três Formas de Unidade*, 2009, p.36). Os carismas são operações do Espírito, como já visto no capítulo primeiro desta dissertação. Viver em comunidade é viver para o bem daqueles que estão ali presentes.

Passamos agora a abordar a obra e a Pessoa do Espírito Santo no segundo dos padrões doutrinários das Igrejas Reformadas da Holanda, o *Catecismo de Heidelberg*. Esse documento foi redigido em forma de perguntas e respostas. Como resposta à pergunta 53, “O que você crê sobre o Espírito Santo?”, lemos: “Creio que Ele é verdadeiro e eterno Deus, juntamente com o Pai e o Filho. Segundo: Creio que Ele foi dado também a mim [...]” (*As Três Formas de Unidade*, 2009, p.66). Tanto a

divindade do Espírito Santo quanto a Sua habitação na vida interior do cristão, emergem dessa resposta teológica.

Um tema de fundamental importância para a fé cristã se refere à doutrina da encarnação de Jesus, também sob a ação do Espírito Santo de Deus:

Que confessa você quando diz que Cristo: “foi concebido por obra do Espírito Santo; nasceu da virgem Maria”? R. O eterno Filho de Deus, o qual é e permanece Deus verdadeiro e eterno, tomou sobre Si a verdadeira natureza humana da carne e do sangue da virgem Maria, pela operação do Espírito Santo. Por isso, Ele é também a verdadeira semente de Davi, semelhante a Seus irmãos em tudo, porém, sem pecado (*As Três Formas de Unidade*, 2009, p.61).

A experiência diária do cristão, desde seu início e em seu desenrolar no dia a dia, também é obra do Espírito. Conforme resposta à pergunta 70, é por meio da ação do Espírito Santo que o cristão é renovado e se torna capaz de viver uma vida santa diante de Deus, tornando-se, assim, membro do corpo de Cristo (*As Três Formas de Unidade*, 2009, p.36). Ainda, de acordo com o Catecismo, o Espírito Santo é enviado após a ascensão do Senhor Jesus Cristo como uma garantia, objetivando que por meio de seu poder, o povo de Deus se volte para as coisas espirituais (*As Três Formas de Unidade*, 2009, p.65). Nesse sentido, através da habitação do Espírito, o fiel desfruta do fortalecimento espiritual em sua vida.

A teologia dos carismas é tema de discussão, sendo vistos como fruto da atuação do Espírito na vida comunitária do povo de Deus. Segundo o Catecismo “[...] todos os crentes, juntos [...] participam de todos os Seus tesouros e dons [...] cada um tem o dever de usar os seus dons com disposição e alegria para o benefício e o bem-estar dos outros membros (*As Três Formas de Unidade*, 2009, p.67). Esses dons, juntamente com o enchimento do Espírito, são concedidos, por meio da oração (*As Três Formas de Unidade*, 2009, p.65). Por enchimento do Espírito, o Catecismo faz referência àquela experiência de plenitude, por meio da qual os dons espirituais operam na igreja.

2.1.2. O Espírito nos Símbolos de Fé das Igrejas Presbiterianas

A pneumatologia está muito bem distribuída sob diferentes temas teológicos nos Símbolos de Fé das Igrejas Presbiterianas, os Símbolos de Westminster. Originalmente, não havia um tópico específico sobre o Espírito Santo. De modo que, em 1887, a Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos sentiu a necessidade de adicionar

um capítulo especialmente abordando a Pessoa e obra do Espírito Santo como um todo (*SÍMBOLOS de Fé*, 2014, p.12). O Sínodo da Igreja Presbiteriana do Brasil, organizado em 1888, acatou essa emenda confessional, anexando-a, então, na versão em português da *Confissão de Fé de Westminster* (*SÍMBOLOS de Fé*, 2014, p.12). Nela aparece a divindade do Espírito, sua operação em assuntos de natureza soteriológica e os carismas na vida da igreja.

O primeiro capítulo da *Confissão de Fé de Westminster* faz referência ao Espírito Santo em conexão com a Inspiração das Sagradas Escrituras. De acordo com a CFW, é somente por meio da iluminação do Espírito, operando e testificando no interior do coração do cristão, que a Palavra de Deus é aceita, e suas verdades são também compreendidas (*SÍMBOLOS de Fé*, 2014, pp.24-25). Essa questão já havia sido tema na teologia confessional holandesa por meio das *Três Formas de Unidade das Igrejas Reformadas*.

A pneumatologia é desenvolvida também em conexão com o dogma da Santíssima Trindade. Nas palavras da CFW, “o Filho de Deus, a segunda pessoa da Trindade, sendo verdadeiro Deus e verdadeiro homem [...] concebido pelo poder do Espírito Santo, no ventre da virgem Maria [...]” (*SÍMBOLOS de Fé*, 2014, p.43). A Confissão afirma ainda tanto a personalidade quanto a divindade do Espírito Santo:

Na unidade da Divindade há três pessoas de uma mesma substância, poder e eternidade - Deus o Pai, Deus o Filho e Deus o Espírito Santo, O Pai não é de ninguém - não é nem gerado, nem procedente; o Filho é eternamente gerado do Pai; o Espírito Santo é eternamente procedente do Pai e do Filho (*SÍMBOLOS de Fé*, 2014, p.29).

A soteriologia da CFW está recheada pelo trabalho do Espírito. Por exemplo, a vocação ou chamado eficaz é realizado no coração do pecador por meio da ação do Espírito, vivificando-o e habilitando-o a receber a graça de Deus (*SÍMBOLOS de Fé*, 2014, pp.49-50). As boas obras, ou seja, os frutos da santificação, são possíveis somente quando por meio da ação Espírito:

O poder de fazer boas obras não é de modo algum dos próprios fiéis, mas provém inteiramente do Espírito de Cristo. A fim de que sejam para isso habilitados, é necessário, além da graça que já receberam, uma influência positiva do mesmo Espírito Santo para obrar neles o querer e o perfazer segundo o seu beneplácito; contudo, não devem por isso tornar-se negligentes, como se não fossem obrigados a cumprir qualquer dever senão quando movidos especialmente pelo Espírito, mas devem esforçar-se por estimular a graça de Deus que há neles (*SÍMBOLOS de Fé*, 2014, p.61).

A doutrina da perseverança dos santos foi uma das características da Reforma em Calvino, tendo sido reafirmado pelos teólogos de Westminster. Na perspectiva da CFW, essa perseverança dos salvos só é possível porque Deus os aceitou, os santificou pelo seu Espírito e, por meio da permanência neles do Espírito Santo, são, então, capazes de perseverar (*SÍMBOLOS de Fé*, 2014, p.64). Considerando as lutas e dificuldades na caminhada cristã, esse ensino se reveste de um importante aspecto pastoral no fortalecimento da fé.

Por fim, a teologia dos carismas ocorre no capítulo XXXIV, aquele capítulo sob a forma de emenda na CFW, realizada em 1887 pela igreja americana e acatada pela pelo Sínodo da Igreja Presbiteriana do Brasil. Esse importante tópico trata dos carismas ministeriais na vida dos oficiais ordenados, e demais dons concedidos aos leigos na igreja:

Pela presença do Espírito Santo nos seus corações, todos os crentes, estando intimamente unidos a Cristo, a Cabeça, estão assim unidos uns aos outros na Igreja, que é o seu corpo. Ele chama e unge os ministros para o seu santo ofício, prepara todos os outros oficiais na Igreja para o seu trabalho especial e concede vários dons e graças aos demais membros (*SÍMBOLOS de Fé*, 2014, p.13).

Como observado anteriormente, o *Catecismo Maior de Westminster* faz parte dos *Símbolos de Fé das Igrejas Presbiterianas*. Ele fundamenta-se na CFW e reafirma os mesmos aspectos pneumatológicos. Esse Catecismo, entretanto, destaca a prática da oração cristã animada pelo Espírito: “Não sabendo nós o que havemos de pedir, como convém, o Espírito nos assiste em nossa fraqueza, habilitando-nos a saber por quem, pelo quê, e como devemos orar [...] aquelas apreensões, afetos e graças que são necessários [...]” (*SÍMBOLOS de Fé*, 2014, p.64). Todo o povo de Deus é chamado para desenvolver a disciplina da oração. Porém, somente por meio da ação do Espírito, ela torna-se verdadeira e eficaz.

2.1.3. O Espírito Santo e teologia social na Confissão de Westminster

Uma pneumatologia sem preocupação com o pobre e necessitado não faz jus ao ensino da Palavra de Deus. Como já observamos no capítulo anterior, Calvino trabalhou a teologia dos carismas sem esquecer a necessidade do olhar pelos pobres da terra, pelos doentes e demais desamparados. Assim como os carismas são presentes do Espírito Santo, também são os chamados “frutos do Espírito”, entre eles

a caridade (Gl 5.22). No entendimento dos teólogos reformados presentes na elaboração dos documentos de Westminster, há claras referências indicando a necessidade de uma teologia social. O povo de Deus, chamado e dotado com os carismas do Espírito, tem como missão externar obras de misericórdia e benfeitorias.

O *Catecismo Maior de Westminster*, em resposta à pergunta “Quais são os deveres exigidos no sexto mandamento?”, ensina que o povo de Deus deve dedicar-se com “todo empenho cuidadoso e todos os esforços legítimos para a preservação de nossa vida e a de outros [...] dando bem por mal, confortando e socorrendo os aflitos, e protegendo e defendendo o inocente (*Símbolos de Fé*, 2014, p.180). Quatro temas sociais que demandam esforço por parte do povo de Deus emergem no catecismo: o esforço pela preservação da vida humana; o esforço por confortar os abatidos diante das vicissitudes da vida; o socorro para com aqueles que se encontram em aflições e, por fim, o esforço pela defesa dos inocentes da terra.

Isso não significa que essas frentes de ação social estejam restritas apenas à igreja como povo misericordioso do Senhor, animados pelo Espírito. O Estado tem também suas obrigações. Sim, o poder público, quando plenamente legítimo e reconhecido, deve cumprir com suas obrigações políticas e sociais, conforme mostra o Capítulo XXIII da *Confissão de Fé de Westminster*, ao recomendar que o cristão, ao ocupar a magistratura, deve “manter a piedade, a justiça, e a paz segundo as leis salutares de cada Estado (*SÍMBOLOS de Fé*, 2014, p.82). É função do Estado zelar para que as leis sejam cumpridas, para que a justiça prevaleça e que a sociedade desfrute de plena paz, uns com os outros.

O Estado, muitas vezes, se desvia desse propósito e prevalece então a injustiça. No Antigo Testamento, o profeta Isaías expressou seu grito contra aqueles que estão no poder: “Ai daqueles que fazem leis injustas, que escrevem decretos opressores, para privar os pobres dos seus direitos e da justiça os oprimidos do meu povo, fazendo das viúvas sua presa e roubando dos órfãos!” (Is 101,2 – NVI). Ainda no Antigo Testamento, nos escritos de sabedoria, já se ouvia a exortação de que “Aquele que oprime o pobre com isso despreza o seu Criador, mas quem ao necessitado trata com bondade honra a Deus” (Pv 14.31 – NVI).

2.2. Pneumatologia na tradição reformada holandesa

A tradição reformada holandesa tornou-se um celeiro de teólogos calvinistas. Um deles foi Abraham Kuyper (1837-1920), autor de *A obra do Espírito Santo*, na qual cobre praticamente todos os temas da teologia do Espírito Santo. Kuyper foi filho de um ministro da Igreja Reformada Holandesa, recebeu formação na Universidade de Leiden, sendo ordenado logo em seguida, vindo a se tornar Primeiro Ministro em 1900 (HEXHAM, 2009, p.407). Além de escrever na área pneumatólogica, contribuiu também para o desenvolvimento da teologia reformada por meio do conceito da graça comum.²⁴

A pneumatologia de Abraham Kuyper é bastante densa, distribuída em mais de 650 páginas, em seu livro *A Obra do Espírito*. Ele divide o assunto em duas partes. Na primeira delas, ele aborda a obra do Espírito na vida da igreja como um todo. Na segunda parte, ele trata da obra do Espírito na vida do indivíduo. Por questão de delimitação e espaço, serão aqui focalizados apenas alguns dos elementos propostos por Kuyper, especialmente relacionados à Criação, carismas no AT e NT e o evento do dia de Pentecostes.

2.2.1. A obra do Espírito na Criação

Abraham Kuyper inicia sua discussão sobre a teologia do Espírito Santo tendo como seu ponto de partida a Criação. De acordo com seu entendimento, desde a vida de um inseto, um fungo na parede, passando pela beleza do cedro do Líbano e culminando na criação do homem, tudo aponta para a glória de Deus (KUYPER, 2010, p.60). Ele reflete, nessa fala, a narrativa do Pentateuco sobre a Criação: “Era a terra sem forma e vazia; trevas cobriam a face do abismo, e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas. Disse Deus: “Haja luz”, e houve luz. Deus viu que a luz era boa” (Gn 1.2-4 -NVI).

A teologia Kuyperiana avança da Criação inicial para o processo de desenvolvimento e objetivos da Criação da humanidade. Nas palavras de Kuyper (2010, p.62): “a obra do Espírito Santo conduzindo a criatura ao seu destino inclui uma influência sobre toda a criação desde o começo [...] primeiro impregnando a matéria

²⁴ Na teologia reformada, o conceito de graça comum está vinculado à Providência de Deus. Por meio da graça comum, todas as criaturas, batizadas ou não, são, de certa forma, presenteadas por Deus através de dons e talentos em diversas áreas: música, artes, esportes etc.

inanimada; segundo animando a alma; terceiro, assumindo sua residência [...]. A criação, de modo geral, tem sua origem na obra do Espírito Santo, não somente em sua origem, continuando também em sua conservação.

Entretanto, a obra de redenção do homem e da criação como um todo, está no centro da discussão:

A obra redentora de Cristo também tem partes visíveis e invisíveis. A reconciliação no Seu sangue foi visível. A santificação do Seu corpo e o embelezar da Sua natureza humana com múltiplas graças foram invisíveis. Sempre, quando esta obra, interna e oculta, é especificada, a Bíblia sempre a relaciona com o Espírito Santo [...] Também observamos no exército do céu uma vida material, exterior, tangível, que em pensamento nunca associamos com o Espírito Santo[...] Mesmo num tronco aparentemente morto há um sopro imperceptível. Das profundezas impenetráveis de tudo, um princípio interno e oculto opera, trabalha em direção para fora e para o alto. Mostra-se na natureza, muito mais nos homens e nos anjos. E o que é este princípio que desperta e que anima, senão o Espírito Santo? (KUYPER, 2010, p.63).

De acordo com a narrativa do Pentateuco “o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas” (Gn 1.2-NVI). Kuyper comenta que “o texto hebraico mostra que o trabalho do Espírito Santo se movendo [...] era semelhante àquele de uma ave, com suas asas estendidas, pairando sobre os filhotes para cobri-los, para afagá-los (2010, p.67). A ação do Espírito continua na providência ordinária e extraordinária, mantendo a Criação em seu rumo certo. O Salmista expressa essa realidade poeticamente: “Envias o teu Espírito, eles são criados, e assim renovas a face da terra” (Sl 104.30-NAA). Outras passagens bíblicas, entre elas Jó 26.13, Salmo 33.6, Salmo 104.30, relacionam a Criação e manutenção à obra do Espírito.

2.2.2. Dons e talentos concedidos pelo Espírito no Antigo Testamento

Após lidar com questões relacionadas à obra do Espírito na Criação e manutenção por meio da providência, Kuyper se move para a ação do Espírito na concessão de dons na era do Antigo Testamento. Em sua perspectiva (KUYPER, 2010, p.74), “o entusiasmo especial e a aptidão das pessoas para o trabalho, a elas designados por Deus, procedem do Espírito Santo”. Uma das atividades do Espírito no AT se refere à ação do Espírito Santo na construção do tabernáculo. Kuyper (2010, p.74) observa que, nas atividades como tecer, bordar, trabalhar com ouro ou prata e até mesmo em trabalhos de carpintaria, havia a necessidade de pessoas dotadas com

carismas potencializados pelo Espírito. A capacidade artística é fruto da ação do Espírito:

A partir de todos os ensinamentos das Escrituras, portanto, concluímos que o Espírito Santo tem uma obra em conexão com as artes mecânicas e funções oficiais – em todo talento especial pelo qual algum homem se destaca em tal arte ou ofício. Esse ensinamento não é simplesmente que tais dons e talentos não são do homem, mas de Deus, como todas as outras bênçãos, mas também que elas não são as obras do Pai, nem do Filho, mas do Espírito Santo [...] Os dons e talentos vêm do Pai, são dispostos para cada personalidade pelo Filho e são acesos pelo Espírito Santo como por uma centelha vinda de cima (KUYPER, 2010, pp.75-76).

Esses dons e talentos não se limitam a trabalhos artísticos. Eles operam também na esfera da organização nacional civil. Na concepção de Kuyper (2010, p.77) talentos como aquelas de oficiais graduados, detentores de cargos públicos, professores, especialistas em táticas militares, são também frutos da operação do Espírito Santo, o qual os vocaciona e capacita. Como exemplo de liderança, ele cita Juízes 3.10-11: “Mas, quando clamaram ao Senhor, ele lhes levantou um libertador, Otoniel [...] que os libertou. O Espírito do Senhor veio sobre ele, de modo que liderou Israel e foi à guerra” (NVI). A vida cristã no Espírito prepara o ser humano para cumprir suas obrigações como cidadão.

2.2.3. Derramamento do Espírito no Dia de Pentecostes

Um dos eventos mais significativos na economia pneumatológica se refere ao Dia de Pentecostes conforme relatado no segundo capítulo de Atos. O derramamento do Espírito ocorreu como cumprimento da promessa do próprio Senhor Jesus Cristo, conforme relato do Evangelho: “Ele estava se referindo ao Espírito, que mais tarde receberiam os que nele cressem. Até então, o Espírito ainda não tinha sido dado, pois Jesus ainda não fora glorificado” (Jo 7.39-NVI). Lucas, provável autor do terceiro Evangelho e do livro dos Atos dos Apóstolos, relata de forma vívida esse importante episódio:

Chegando o dia de Pentecoste, estavam todos reunidos num só lugar. De repente veio do céu um som, como de um vento muito forte, e encheu toda a casa na qual estavam assentados. E viram o que parecia línguas de fogo, que se separaram e pousaram sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito os capacitava (Atos 2.1-4-NVI).

A celebração do Pentecostes trata de uma importante festa judaica, sendo ainda um evento litúrgico celebrado anualmente pelas igrejas cristãs. Kuyper (2010, p.145) deixa claro que não pretende dar ao Pentecostes um novo significado, porém refletir sobre o sentido do mesmo, reconhecendo, entretanto, se tratar de um texto bastante difícil de ser explicado. Ele reconhece ainda que o Espírito já habitava no povo da antiga aliança, não, porém, com a intensidade que se manifestou no NT (KUYPER, 2010, pp.146-147). O Espírito é o mesmo, entretanto há uma mudança na forma de atuação. Em suas palavras:

Nós falamos até aqui da obra do Espírito Santo em pessoas individuais, o que é suficiente para explicar essa obra nos dias do Antigo Testamento, mas quando nós chegamos no dia de Pentecostes, isso não funciona mais, pois sua operação em particular, naquele dia e depois dele, consiste na extensão de sua operação a um grupo de homens organicamente unidos (KUYPER, 2010, p.152).

Essa observação sobre um “grupo de homens” relaciona-se, de alguma maneira, com a queda e a redenção. Para Kuyper (2010, p.152) assim como em Adão a raça humana se corrompe, de modo semelhante, a nova criação animada pela presença re-criadora do Espírito, deve receber as bênçãos no coletivo, e não isoladamente. Na concepção de Kuyper (2010, p.153), a vinda do Espírito, por meio do qual a igreja é unida a Cristo, é parte das bênçãos advindas de sua exaltação e glorificação. Ou seja, a igreja tem sua origem na sua união com Cristo pelo Espírito, e continua sua caminhada unicamente por meio das bênçãos do Espírito difundida por Jesus.

O livro de Atos relata outras ocasiões em que o Espírito foi derramado (At 8.14-17; 10.44-45; 19.1-6). Para Kuyper, essas descrições evidenciam que o Espírito não estava restrito apenas ao primeiro grupo no dia de Pentecostes, mas se repetiria como menor ênfase em outras ocasiões, mesmo assim, com sinais extraordinários (2010, p.156). Ele observa, porém, que alguns sinais, como o falar em línguas nem sempre se repetiu nos derramamentos subsequentes (KUYPER, 2010, p.156). Na experiência registra em Atos 4.31, há informação de eventos físicos, mas não do falar em línguas. Também Atos 8.14-17 não parece indicar nada de sobrenatural como no dia de Pentecostes. Todavia, o Espírito continua agindo ainda na comunidade cristã na atualidade:

E quem pode negar que haja um derramamento do Espírito Santo hoje em dia nas igrejas? Sem ele não pode haver regeneração ou salvação.

Apesar disso os sinais do Pentecostes estão faltando [...]. Certamente, é necessário distinguir entre o derramamento comum que ocorre agora e o extraordinário, de Corinto, Cesareia, Samaria e Jerusalém (KUYPER, 2010, p.156).

Atualmente muitos cristãos oram e anseiam por uma derramar do Espírito. Apesar de reconhecer a necessidade da atuação do Espírito na igreja hoje, Kuyper escreve: “a oração por outro derramamento ou batismo do Espírito Santo é incorreta e vazia de significado real.²⁵ Tal oração, na verdade, nega o milagre do Pentecostes, pois aquele que veio habitar conosco não pode vir mais a nós” (2010, p.157). Isso aponta que sempre que alguém é colocado no seio da igreja por meio do batismo, o Espírito passa a habitar nessa pessoa, sem a necessidade da repetição da efusão do Espírito como no dia de Pentecostes.

2.2.4. Os carismas do Espírito Santo no Novo Testamento

A primeira carta aos Coríntios recomenda ao povo de Deus: “Entretanto, busquem com dedicação os melhores dons” (1Co 12.31-NVI). Esses carismas ou dons espirituais são “[...] meios e poderes divinamente ordenados pelos quais o Rei capacita sua igreja a realizar sua tarefa na terra” (KUYPER, 2010, p.209). Nesse sentido, por meio dos carismas, as pessoas são preparadas para o ministério e a igreja cumpre sua missão no mundo. Esse é o pensamento de Kuyper (2010, p.2010), ao observar que os cristãos cometem um erro quando se isolam da vida da igreja, deixando, nesse sentido, de utilizar seus dons em conexão com os demais membros do corpo.

Refletindo sobre 1 João 2.10, ele argumenta:

Não é o indivíduo isolado, mas sim toda a igreja, como um corpo que possui a unção do Santíssimo e conhece todas as coisas. A igreja como um corpo não precisa que ninguém venha de fora para ensiná-la, pois possui todo o tesouro da sabedoria e do conhecimento, sendo unida a Cabeça, que é o reflexo da glória de Deus, em quem habita toda a sabedoria (KUYPER, 2010, p.156).

²⁵ Kuyper tem em mente que o dia de pentecostes foi um evento histórico e que, nesse sentido, não se repete. Entretanto, as bênçãos pentecostais continuam na igreja, na experiência de cada cristão em sua dependência do Espírito e devoção cristã.

Nem todos os carismas são iguais em sua natureza e nem se manifestam de igual modo na comunidade do povo de Deus. Kuyper (2010, p.2012) classifica os dons do Espírito em duas categorias: carismas de atuação comum e carismas de natureza extraordinária. Os carismas variam em sua natureza e poder, conforme reconhece o apóstolo: “São todos apóstolos? São todos profetas? São todos mestres? Têm todos o dom de realizar milagres?” (1Co 12.29-NVI). A resposta para todas essas perguntas parece apontar para um “não”.

Nas listas de 1 Coríntios 12.8-11 e Romanos 12.6-8, há a ocorrência de alguns carismas, alguns de natureza ordinária, outros de cunho extraordinário em sua atuação. Kuyper vê na profecia a pregação da Palavra de Deus (2010, p.212). Em relação ao dom de ensino, é esse carisma, no entendimento de Kuyper, a catequese comum na igreja (2010, p.212). Ainda, segundo Kuyper (2010, p.212), algumas pessoas são agraciadas com o carisma da administração, tendo sua relação conectada ao governo, aos oficiais ordenados para o governo da igreja. Ele não discute todos os carismas ordinários, mas os mais importantes em seu entendimento.

A cura divina foi um dos dons mais interessantes nos anos iniciais da igreja. Para Kuyper (2010, p.2013), “refere-se à gloriosa capacitação de curar os enfermos; não apenas os que sofrem de doenças nervosas e padecimentos psicológicos [...] também aqueles cujas enfermidades se situam totalmente fora do reino espiritual”. Ele insere também o falar em línguas, o discernimento de Espíritos, línguas e interpretação das línguas nessa mesma categoria de carismas extraordinários (2010, p.213). Eram fenômenos manifestacionais além da esfera comum da atuação do Espírito.

Na teologia reformada, há uma discussão em relação à continuidade desses carismas. Por se tratar de dons extraordinários, continuam ou não atuando na igreja da atualidade? No entendimento de Kuyper (2012, p.213), continuam na igreja atual apenas aqueles carismas ordinários, ou seja, não estão mais em operação os carismas extraordinários como línguas, curas, milagres e outros. Essa questão da atualidade dos carismas tem sido denominada de cessacionismo ou continuísmo. No capítulo três, esse assunto será discutido com mais detalhes, conforme interpretam essas duas correntes.

2.3. Pneumatologia na *Declaração de fé da Fraternidade Reformada Mundial*

Denominações religiosas de tradição reformada estão presentes em quase todos os países do mundo. Essas denominações são independentes, tanto em questões administrativas quanto nas decisões teológicas. Como já foi dito anteriormente, muitas dessas igrejas caminham juntas por meio do elo de suas Confissões de Fé e Catecismos, como, por exemplo, as “*Três Formas de Unidade*” e os “*Símbolos de Fé de Westminster*”. Em nível regional e mundial, essas igrejas mantêm um pacto de comunhão, por meio de relações ecumênicas através de órgãos reconhecidos, entre eles a *Fraternidade Reformada Mundial*.

2.3.1. Breve Histórico da Fraternidade Mundial Reformada

A *Fraternidade Mundial Reformada*²⁶ é o mais recente movimento unificador ecumênico entre Igrejas Reformadas. Ele reúne comunidades espalhadas nos cinco continentes, sendo mais de oitenta e cinco denominações fazendo parte de seu quadro de membros oficiais. Sua assembleia inaugural ocorreu no ano 2000, em Orlando, e a segunda assembleia na África do Sul, onde foi instalada a comissão responsável por elaborar uma declaração de Fé (*FRATERNIDADE Mundial*, 2011, p.2). Entre as razões para a elaboração de uma nova declaração de fé estão:

[...] a necessidade de uma declaração confessional que tratasse das questões que a igreja enfrenta hoje. Todas as nossas confissões foram escritas nos séculos 16 e 17 sendo em grande medida elaboradas para defenderem a fé Reformada contra o catolicismo romano medieval e, no caso das últimas, contra o arminianismo. Nenhuma das confissões trata das questões principais que têm confrontado a igreja ao longo dos séculos 19 e 20, tais como o Liberalismo, o Pluralismo e o Pós-modernismo (*FRATERNIDADE Mundial*, 2011, p.2).

Os trabalhos prosseguiram por mais de oito anos, reunindo teólogos de diversas igrejas-membro da Fraternidade. A versão final da Declaração de Fé foi aprovada em 31 de março de 2011, ano em foi também oficialmente recebido pelas comunidades reunidas em Assembleia Geral (*FRATERNIDADE Mundial*, 2011, p.3). O intuito desse documento não visa a substituir as Confissões de Fé oficiais já adotadas no período pós-reforma. O intuito objetiva a servir como elo de fé para a

²⁶ Doravante FRM.

FRM. A Igreja Presbiteriana do Brasil, igreja membro da FRM, recebe essa nova declaração de fé como uma expressão da doutrina reformada para o século 21.

O conteúdo teológico dessa nova Declaração de Fé Reformada reflete a teologia das principais Confissões históricas: as “*Três Formas de Unidade*” e os “*Símbolos de Fé de Westminster*”. Entre os temas abordados estão aqueles relacionados ao estudo pneumatológico, como a pessoa e deidade do Espírito, Pentecostes, ação do Espírito na salvação e os carismas. Há outros temas teológicos importantes, entretanto, neste documento dissertativo, focalizaremos apenas aspectos pneumatológicos.

2.3.2. Espírito Santo: Pessoa e Obra

A Doutrina da Santíssima Trindade é uma das crenças mais importantes no *corpus* dogmático da fé cristã histórica. Conforme a declaração da Fraternidade Reformada Mundial, tanto o Pai, quanto o Filho e o Espírito Santo são pessoas e iguais entre si, sendo, ambas, plenamente Deus, destacando a vinda do Espírito ao mundo como testemunha do Pai e do Filho (*FRATERNIDADE Mundial*, 2011, p.7). As pessoas da Trindade são identificadas:

Pai, Filho e Espírito Santo são igualmente e plenamente Deus por si sós e não por derivação, transferência ou herança do Pai nem de ninguém mais. Eles partilham uma natureza divina comum e, por existir apenas um único Deus, é inadequado alegar-se conhecer uma das pessoas sem conhecer todas as três. As pessoas divinas se relacionam entre si de maneiras distintas a cada uma delas, mas todas são caracterizadas pelo denominador comum do amor. Porque ama o Filho, o Pai lhe deu toda autoridade no céu e na terra. Porque ama o Pai, o Filho se sacrificou voluntariamente por nós, para que pudéssemos viver com ele no céu, assim como o Pai deseja para nós. Porque ama o Pai e o Filho, o Espírito Santo veio ao mundo, não para falar principalmente de si mesmo, mas para testemunhar deles e nos trazer à sua vida comum [...] (*FRATERNIDADE Mundial*, 2011, p.7).

O Espírito Santo esteve ativo no processo de formação da Bíblia Sagrada: “As Escrituras são inspiradas por Deus, sendo escritas quando os homens falavam da parte de Deus, quando eram conduzidos pelo Espírito Santo” (*FRATERNIDADE Mundial*, 2011, p.14). A ação do Espírito Santo não ocorre apenas na inspiração, agindo também e persuadindo a humanidade sobre a autoridade divina da Palavra de Deus, realizando esse convencimento no coração de cada pessoa (*FRATERNIDADE*

Mundial, 2011, p.14). Na Tradição Reformada tem sido dado destaque para o trabalho do Espírito no processo de entendimento das Sagradas Escrituras.

Emergem, na *Declaração de Fé da FRM*, temas de natureza soteriológica. De acordo com o documento, é por meio da atividade do Espírito que o ser humano em seu estado de morte espiritual, é despertado e recebe a vida implantada, voltando-se para Deus e sua justiça (*FRATERNIDADE Mundial*, 2011, p.11). Declara ainda que “Somente o Espírito Santo é que pode realizar a mudança [...] Embora essa obra de regeneração produza mudanças de caráter, os cristãos são pessoas singulares, pois, ainda que todos eles possuam o Espírito Santo, todos são diferentes (*FRATERNIDADE Mundial*, 2011, p.11). Ou seja, embora seja o mesmo Espírito agindo, nem sempre ocorrem os mesmos eventos ou resultados iguais em todas as pessoas.

Outro aspecto abordado diz respeito ao evento do dia de Pentecostes e a doação dos carismas. Segundo a Declaração de Fé, a fundação da igreja cristã ocorreu o dia de Pentecostes mediante a vinda do Espírito Santo, dando, assim, início a um novo tempo na atividade de Deus (2011, p.10). A chegada do Espírito foi acompanhada pela distribuição de vários carismas:

Os dons revelacionais extraordinários concedidos naquela época eram sinais singulares do início de uma era messiânica e não podem ser automaticamente reivindicados nem exigidos como prova decisiva do poder de Deus em ação hoje. A continuação e os diferentes dons do Espírito Santo devem ser buscados com humildade, em conformidade com a sua vontade e para glorificar a Deus no serviço pelo bem comum da igreja (*FRATERNIDADE Mundial*, 2011, p.10).

Conforme a declaração acima, nem todos os dons são exercidos por todas as pessoas em todas as épocas. O Espírito Santo é soberano em seu modo de atuação. Alguns ministérios e carismas são concedidos em épocas especiais, entre eles o ofício do Apóstolo e do profeta, sendo que, na igreja atual, continua o ministério do presbíterato e do diaconato (2011, p.16). Isso aponta para aquela perspectiva de que alguns carismas e ofícios foram temporários ou talvez evidentes na História e experiência da igreja cristã.

Alguns podem interpretar que não haja espaço para a obra do Espírito. Mas não é esse o caso: “O poder do Espírito Santo continua a se manifestar de formas especiais em tempos de reavivamento [...] que ocorrem periodicamente na vida da igreja [...] promovem a expansão do reino de Deus” (*FRATERNIDADE Mundial*, 2011,

p.10). Novamente, nas palavras da FRM “[...] a obra do Espírito Santo [...], evidente em períodos de reavivamento espiritual, está sempre presente na igreja, e os crentes devem orar fervorosamente pelos seus frutos (*FRATERNIDADE Mundial*, 2011, p.10). Longe de engessar a ação do Espírito, a declaração de fé deixa clara a soberania de Deus por meio de seu Espírito entre o seu povo.

2.4. Perspectivas sobre o Batismo no Espírito Santo

O batismo no Espírito Santo tem sido entendido de diferentes maneiras nas várias tradições cristãs. O advento do pentecostalismo reacendeu o interesse pelo seu significado. De acordo com Ryrie (2004, p.624), “o batismo no Espírito é a atividade do Espírito Santo que une o cristão ao corpo de Cristo no momento da conversão”. Esse é ponto de vista tradicionalmente reconhecido no meio protestante histórico, concebido com uma experiência paralela à regeneração ou conversão.

Em contrapartida, a teologia pentecostal clássica enfatiza o batismo no Espírito Santo como experiência distinta da conversão, acompanhada do falar em línguas, sendo este o sinal inicial como norma padrão para todos os cristãos (SYNAN, 2009, p.131). Igrejas como as Assembleias de Deus e Igreja Internacional do Evangelho Quadrangular fazem parte desse grupo. De acordo com a *Declaração de Fé das Assembleias de Deus*:

Todos os filhos de Deus têm o direito a, e deveriam ardentemente esperar e intensamente buscar, a promessa do Pai, que é o batismo no fogo [...] Esta experiência era comum a todos os crentes na igreja primitiva [...] A evidência inicial e física do batismo no Espírito e no fogo, é o falar noutras línguas, conforme o Espírito de Deus conceder (HORTON & MENZIES, 1995, p.280).

Esse é, portanto, o ensino padrão e oficial nas igrejas pentecostais. A glossolalia ou o falar em línguas representa o sinal inicial do batismo no Espírito. Todavia, um exame nos textos bíblicos nem sempre confirma que a manifestação do Espírito se seguiu do falar em línguas. Por exemplo: “Falam todos em línguas? Todos interpretam?” (1Co 12.30-NVI). A resposta parece ser negativa. Em conformidade com o texto bíblico, é possível afirmar que “os cristãos têm dons diferentes, e ninguém é obrigado a ter nenhum dom específico” (MARE, 2003, p.1973). De forma que não é sábio tornar o falar em línguas um padrão para todas as pessoas na comunidade.

Portanto, o entendimento comum no protestantismo histórico se mostra bastante diferente daquele expresso no Pentecostalismo e Neopentecostalismo. De acordo com Erickson (2011, p.24), o batismo no Espírito é uma “[...] Bênção que, segundo João Batista, acompanharia o ministério de Jesus (Mt 3.11; Mc 1.8; Lc 3.16) [...] ocorreu no Pentecostes, e Lucas interpretou como o cumprimento de Joel 2.28-32 (cf. At 2.16-21)”. As profecias e os evangelhos olham para frente, para a promessa, enquanto que as experiências narradas em Atos dos Apóstolos são o cumprimento dessas promessas.

Na teologia lucana, conforme aparece no livro de Atos, há relatos de experiências de enchimento do Espírito não resultando em glossolalia:

Será que o livro de Atos ensina que o batismo com o Espírito Santo resulta em glossolalia? A resposta é não [...] numerosas pessoas foram batizadas e não falaram em línguas: os três mil crentes em Jerusalém no dia de Pentecostes (2.41); o oficial etíope (8.38,39); Paulo em Damasco (9.18); Lídia e sua casa (16.15); e o carcereiro filipense e sua família (16.33). Terceiro, muitas pessoas que creram foram cheias do Espírito Santo mas não falaram em línguas: Pedro perante o Sinédrio (4.8); Estevão se dirigindo ao Sinédrio (7.55); e Paulo confrontando Elimas (13.9) (KISTEMAKER, 2006b, p.248).

O Novo Testamento apresenta alguns textos esclarecedores sobre essa questão. Por exemplo, o autor da carta à igreja em Éfeso escreveu: “Nele, quando vocês ouviram e creram na palavra da verdade, o evangelho que os salvou, vocês foram selados com o Espírito Santo da promessa” (Ef 1.13-14-NVI). Essa é uma passagem chave para entender o batismo no Espírito. A expressão Espírito Santo da promessa, é uma referência as palavras de Pedro (Atos 2.38), aquela promessa de que todos aqueles que viessem a crer receberiam o batismo no Espírito.

Conforme Paulo, “em um só corpo todos nós fomos batizados em um único Espírito: quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres. E a todos nós foi dado beber de um único Espírito” (1Co 12.13-NVI). Não parece que o batismo no Espírito seja somente para uma classe privilegiada do povo de Deus. Ao contrário, o texto remete à ideia da inclusão de todos. A ideia de dois grupos de cristãos, uns batizados no Espírito e outros não, fica totalmente fora de questão. No Dia de Pentecostes todos foram cheios do Espírito:

O ponto controlador da posição aqui assumida é que o Pentecostes deve ser entendido primeiramente como uma parte do cumprimento definitivo e único da redenção (*história salutis*), ao invés de ser entendido como uma parte de sua aplicação paulatina e continua [...] o batismo no Espírito

é um evento único, com significado para uma época na história da redenção. Desse modo, não é suscetível a se repetir ou a servir de modelo para a experiência cristã individual, mais do que a morte, a ressurreição e Ascensão de Cristo, com as quais está tão integralmente conjugada, que se constitui em parte de um complexo único de eventos [...] (GAFFIN, 2010, pp.24-25)

A busca pelo batismo no Espírito é uma das ênfases do pentecostalismo. Entanto, Hoekema (1997, p. 55) argumenta que o salvo “não precisa buscar um batismo no Espírito Santo, como uma experiência pós-conversão [...] já foi batizado com o Espírito Santo”. Considerando que o batismo no Espírito ocorre na conversão, simbolizado pelo evento histórico “pentecostes”, há espaço ou incentivo para uma busca ou amadurecimento na relação do cristão com o Espírito? O pentecostes foi um evento histórico, porém com valor atemporal: “O pentecostes [...] não se repete; mas uma teologia do Espírito que não suscita oração por sua vinda em poder não é uma teologia do *ruach!*” (FERGUSON, 2014, p.118). A concepção reformada não nega que ocorrem “outras experiências” além da conversão, apenas não trata essas experiências como batismo no Espírito.

O que seriam, então, essas supostas experiências posteriores de batismo no Espírito pós-conversão? Grudem (1999, p.635), um autor reformado não nega que cristãos tradicionais e pentecostais têm de fato experimentando alguma espécie de segunda bênção, reconhecendo, entretanto, concepções diferentes. É possível que aquilo que cristãos pentecostais entendam como “batismo no Espírito”, seja, na verdade, um enchimento do Espírito. Por outro lado, aquele entendimento reformado denominado de “enchimento do Espírito”, é visto por cristãos pentecostais como batismo no Espírito. Seriam nomes diferentes para a mesma experiência.

Há certa preocupação quanto a isso nas igrejas reformadas. Caso essas diferenças não sejam tratadas adequadamente, acabarão por gerar divisões. Pelo bem da unidade do corpo de Cristo, isso deve ser evitado. Qual deve ser, então, a atitude de pastores e líderes em relação àqueles que afirmam supostamente ter recebido esse batismo com o Espírito após a conversão ou essa “segunda bênção”? Ao invés de ruptura, as lideranças de igrejas e teólogos, dentro da perspectiva reformada, deveriam investir em estudos bíblicos e aconselhamento, com o propósito de conduzir aqueles que vivem essa experiência em direção ao ensino confessional.

2.5. Síntese do capítulo

A pneumatologia situada no período pós-reformado tem sido denominada de “ortodoxia reformada” ou “escolasticismo protestante”. As grandes confissões reformadas surgiram nessa época. As igrejas reformadas continentais subscrevem as *Três Formas de Unidade*, contendo a *Confissão Belga*, o *Catecismo de Heidelberg* e os *Cânones de Dort*. As igrejas reformadas nas Ilhas Britânicas – Igrejas Presbiterianas – subscrevem os *Documentos de Westminster*, contendo a *Confissão* e os *Catecismos Maior e Breve Catecismo de Westminster*. Desses documentos emerge a teologia e a práxis religiosa nessa tradição.

Deixando de lado as listas de carismas, o foco recai sobre a obra do Espírito vinculada com os grandes temas soteriológicos. Assim, buscamos interagir com os temas pneumatológicos mais importantes em perspectiva reformada. Enfatizamos tópicos como o Espírito Santo na Criação; os carismas no período do Antigo Testamento; o derramamento do Espírito no dia de Pentecostes e as listas de carismas no Novo Testamento. Abordamos também a pneumatologia do teólogo holandês “Abraham Kuyper, bem como a teologia do Espírito na declaração de Fé da *Fraternidade Mundial Reformada*, o mais recente documento confessional sobre esse assunto. A questão do cessacionismo e continuísmo dos carismas será retomada no último capítulo.

O *Espírito Santo e teologia social na Confissão de Westminster*, foi um dos pontos destacado neste capítulo. Comunidade cheias do Espírito Santo devem externar de modo prático ações concretas visando sanar as carências sociais nestes tempos conturbados. A igreja cristã, fortalecida pelo sopro do Espírito, deve se empenhar em ações visando a preservação da vida, a proteção dos mais fracos e o combate a fome. É também função da igreja cobrar junto ao estado o estabelecimento de leis objetivando o estabelecimento da justiça social para o mundo desfrute da paz e da vida plena. No próximo capítulo abordaremos a teologia do Espírito Santo na tradição reformada mais recente em diálogo com grandes pensadores da atualidade.

Capítulo 3

PNEUMATOLOGIA NA TEOLOGIA REFORMADA RECENTE

Tratar da pneumatologia na teologia reformada recente é um desafio. São várias perspectivas dentro dessa tradição. É preciso ter em mente quais linhas de teologia são essas e quais ou qual delas será aqui abordada. Propomos, neste capítulo, interagir com fontes situadas em autores reformados confessionais. Eles estão presentes nas mais diversas denominações, principalmente nas chamadas igrejas presbiterianas e reformadas de tradição holandesa. Há ainda aqueles reformados pertencentes à tradição anglicana e batista.

Sendo este o último capítulo, serão explorados alguns temas, com destaque nas palavras originais no hebraico do Antigo Testamento e grego do Novo Testamento, traduzidas por “Espírito”. Ressaltamos também a importância da *Carta Pastoral da Igreja Presbiteriana do Brasil* sobre o Espírito Santo e os dons, no contexto do presbiterianismo brasileiro. E por fim, procuramos entender o conceito de

cessacionismo e do continuísmo moderado, em relação aos carismas extraordinários. Estão eles em operação na igreja da atualidade?

3.1. Espírito Santo: um estudo no hebraico e grego

Nos capítulos anteriores, desde Calvino, passando pelas confissões reformadas, apresentamos alguns aspectos da pneumatologia. Entretanto permanece a pergunta “Quem é o Espírito Santo?” É com esse questionamento que Sinclair Ferguson²⁷ inicia seu livro *O Espírito Santo*, um dos mais recentes livros sobre esse tema na tradição reformada. Ferguson (2014, p.17) observa que grande parte dos cristãos poderia responder facilmente quem é Jesus, seu ministério, porém esses mesmos cristãos têm certa dificuldade ao explicar sobre a Pessoa e obra do Espírito Santo. Essa é também a análise de teólogo reformado:

[...] O Espírito Santo era mencionado na igreja. A fórmula trinitarista: “Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo” era ouvida com frequência nas cerimônias de casamento, nas palavras dos sacramentos do batismo e da Ceia do Senhor, nas bênçãos e nos encerramentos da oração pastoral. Contudo [...] as palavras “Espírito Santo” referiam-se simplesmente a uma porção vaga e abstrata da liturgia [...] (SPROUL, 2013, p.12).

Um entendimento correto sobre a teologia do Espírito Santo pode proporcionar maturidade às igrejas brasileiras. No contexto do movimento neo-pentecostal, algumas experiências sobre a atuação e a pessoa do Espírito Santo são no mínimo curiosas. Augustus Nicodemus Lopes apresenta alguns conceitos comuns na experiência situada no neo-pentecostalismo:

[...] a julgar pelo que alguns [...] têm praticado no seu ministério, temos a impressão que, para eles, Espírito Santo é uma espécie de gás celestial, que desce do céu e enche as pessoas ou um determinado ambiente; ou ainda um líquido divino, que é derramado sobre as almas, que são vistas como uma espécie de recipiente vazio. Outros tratam o Espírito Santo como se fosse um vento, e chagam ao ponto de se apresentarem como sendo capazes de “soprar” o Espírito Santo, ou lançá-lo sobre outros. Ou ainda outros que tratam o Espírito Santo como se fosse uma espécie de energia celestial, como uma corrente elétrica [...] (LOPES, 1998, p.15).

Diante de distorções como essa citada acima, urge a importância de uma análise das palavras originais utilizadas pelos autores bíblicos sobre o Espírito Santo.

²⁷ Sinclair Ferguson possui Ph.D. pela Universidade de Aberdeen, e é ministro da Palavra e Sacramentos na Igreja Presbiteriana da Escócia. Ensinou Teologia Sistemática por muitos anos no *Westminster Theological Seminary*. Foi Deão do programa de Doutorado em Ministério da Academia de Estudos Bíblicos e Teológicos do Legioner.

Compreender o conceito intencional dos autores é uma das chaves para uma correta compreensão da pneumatologia bíblica. No Antigo Testamento ocorre a palavra hebraica *ruach* (רוּחַ). No Novo Testamento a palavra grega *pneuma* (πνεῦμα). Conforme observa Ferguson (2014, p.19), tanto *ruach*, quanto *pneuma*, têm, em sua raiz, o sentido de “vento, fôlego de vida ou energia de vida”. A *ruach*, segundo Ferguson (2014, p.19) aponta mais para o sentido de “ar em movimento, amiúde manifestado na ordem natural como um poderoso vento ou tormenta [...] ou fôlego de vida do indivíduo [...]”. Alguns textos no Antigo Testamento evidenciam isso, entre eles Gênesis 2.7; Jó 1.19; 1Reis 10.4,5; 2Samuel 22.16, Ezequiel 37.5,6.

De acordo com Waltke (1998, p.1407), o verbo *ruach* aparece cerca de 387 vezes no Antigo Testamento. Diante de tantas referências, levanta-se aqui a questão da pessoalidade do termo *ruach*:

Não obstante, já se faz evidente, à luz das várias passagens bíblicas supracitadas, que *ruach* indica mais do que simplesmente a energia de Deus; a palavra descreve Deus envolvendo-se num esforço ativo em sua criação e de uma forma pessoal. Isso traz a lume a questão para a qual devemos voltar nossa atenção: essas referências ao Espírito devem ser consideradas meramente como que descrevendo o modo da presença de Deus no mundo, ou como que denotando distinções hipostáticas (pessoais) dentro do ser de Deus, prefigurando a diversidade em Deus, que seria expressa na doutrina posterior da igreja acerca da Trindade? (FERGUSON, 2014, p.21).

A narrativa bíblica da criação mostra a *ruach elohim* em ação. A Bíblia de Jerusalém verte o texto nas seguintes palavras: “Ora, a terra estava vazia e vaga, as trevas cobriam o abismo, e um vento de Deus pairava sobre as águas” (Gn 1.2 - BJ). Outra versão traduz: “Era a terra sem forma e vazia; trevas cobriam a face do abismo, e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas” (Gn 1.2-NVI). Como pode ser observado, o *ruach elohim* é visto de modo diferente nessas duas importantes traduções em língua portuguesa. A razão para a diferenças em ambas as versões se dá pelo fato de que:

Aqui, *ruach elohim* às vezes tem sido compreendido como uma referência ao Espírito de Deus e traduzido de maneira consistente. Embora nunca houvesse unanimidade sobre este ponto, mais recentemente, dentro da tradição cristã de exegese, este conceito tem sido vigorosamente defendido; extensamente, a pressuposição é que por detrás da interpretação tradicional está um desejo hermenêutico deslocado para achar uma hipostatização antiga ou, pelo menos embrionária, do Espírito, e (dentro da exegese cristã) um trinitarismo embrionário correspondente nas palavras iniciais de Gênesis (FERGUSON, 2014, p.22).

O Novo Testamento apresenta a palavra “Espírito”, traduzida do termo grego *pneuma*. O termo ocorre mais de 250 vezes em todo o NT (DUNN, 2000, p.718). *Pneuma* está também associado com a ideia de “sopro”, “respiração”, “hálito”, “fôlego”, carregando, desse modo, aquele sentido de “ar em movimento” (KAMLAH, 2000, p.713). De certo modo, *pneuma*, tem uma grande proximidade teológica com a expressão *ruach*, do AT. Algumas vezes, *pneuma* é utilizado de modo intercambiável: “O que nasceu da carne é carne, o que nasceu do Espírito é espírito” (Jo 3.6-BJ). Ou, conforme outra tradução: “O que nasce da carne é carne, mas o que nasce do Espírito é espírito” (Jo 3.6-NVI). Essa variação é explicada por Ferguson (2014, p.19):

No mundo da filosofia helenística, o qual forneceu o ambiente intelectual mais amplo do último período bíblico, *pneuma* era um termo usado para significar um tipo de matéria profundamente refinada e purificada (matéria originalmente considerada como arruinada e má por definição). Na filosofia dos estóicos, por exemplo, ela considerada a substância da alma, um tipo de “fluido sensitivo vital”, que se estende desde a alma, permeando toda a pessoa [...].

Considerando que a revelação foi progressiva, não fica difícil entender um desenvolvimento teológico do sentido de *ruach* e *pneuma*, saindo apenas do conceito de “ar ou força”, sendo direcionado aos poucos para a noção de “pessoa”. Essa é a compreensão de Ferguson (2014, p.31), quando afirma que “[...] qualquer teologia bíblica da obra do Espírito deve reconhecer o caráter progressivo e cumulativo da revelação histórica [...]”. Os grandes temas da teologia judaico-cristã não nasceram da noite para o dia. Ocorreu um desenvolvimento gradual de amadurecimento dogmático à luz da revelação e direção do próprio Espírito Santo.

3.2. Pessoa e Divindade do Espírito Santo

Em que ponto, no desenvolvimento da teologia, ocorreu a percepção de *ruach/pneuma* não apenas como vento ou força, mas como Pessoa divina? Por exemplo, Louis Berkhof (2012, p.90) observa que o Antigo Testamento [...] emprega o termo “espírito” sem qualitativos [...] enquanto que no Novo Testamento veio a ser uma designação da terceira Pessoa da Trindade [...]. A progressão na economia da revelação bíblico-teológica acarretou a percepção de que o Espírito Santo é uma Pessoa e não meramente uma força impessoal.

São várias as passagens no NT mostrando o Espírito Santo como uma Pessoa. Novamente, Berkhof (2012, p.91-92) observa que são atribuídos ao Espírito pronomes

pessoais (Jo 16.14; Ef 1.13); características de pessoa (Jo 14.26; At 16.7); e relações com outras pessoas, o que implica pessoalidade (At 18.28; 1Pe 1.1; Jd 20.21). Uma das mais importantes passagens da Bíblia se encontra no livro de Atos: “Enquanto adoravam ao Senhor e jejuavam, disse o Espírito Santo: “Separem-me Barnabé e Saulo para a obra a que os tenho chamado” (At 13.2-NVI). A obra ou atividade do Espírito aponta para sua essência como Pessoa:

(1) A atividade do Espírito é atividade divina? A resposta é certamente positiva. (2) A atividade do Espírito é pessoal? Uma vez mais, a resposta é, com certeza, afirmativa. O Espírito dirige o povo de Deus. É axiomático o fato de que somente um Espírito pessoal poderia engajar-se na atividade do mais alto nível no relacionamento com outras pessoas (FERGUSON, 2014, p.36).

Noutra passagem do NT há uma recomendação apostólica: “Não se embriaguem com vinho, que leva à libertinagem, mas deixem-se encher pelo Espírito” (Ef 5.18-NVI). Comentando esse texto, Lopes (1998, p.15) observa que Paulo está tratando de uma pessoa, e essa pessoa é nada mais nada menos que a Terceira pessoa da Trindade, o Espírito Santo. O texto paulino deixa transparecer o Espírito como uma pessoa capaz de dirigir a vida daqueles que estão debaixo de seu controle. Ou seja, há uma grande diferença entre uma força abstrata e uma pessoa:

A Bíblia revela o Espírito Santo não como uma força abstrata, um poder ou uma coisa, mas como “ele”. O Espírito Santo é uma pessoa. Pessoalidade inclui inteligência, vontade e individualidade. Uma pessoa age por intenção. Nenhuma força abstrata pode “ter intenção” de fazer qualquer coisa. Boas ou más intenções são limitadas aos poderes dos seres pessoais (SPROUL, 2013, p.13).

O relacionamento do povo do SENHOR se reveste de natureza pactual, envolvendo duas partes: Deus e seus filhos. Uma das características da obra do Espírito é aquela que trata do chamamento do povo de Deus para um relacionamento. Comentando sobre a bênção apostólica (2 Co 13.13), Sproul afirma que a crença no Espírito Santo, bem como o fato de serem as pessoas batizadas em seu nome, indicam ações de companheirismo pessoal nesse relacionamento (2012, p.15). Um relacionamento pessoal e real só é possível com alguém que seja, de fato, uma pessoa e não meramente uma força influenciadora.

Algumas passagens do NT relatam determinadas atividades da obra do Espírito. Por exemplo, ele distribui carismas (1Co 12.11), ele ensina (Jo 14.26), ele intercede (Rm 8.26), ele fala (Ap 2.7). Sproul observa que, ao realizar essas atividades

de direção, ensino, encorajamento, e outras em favor de seu povo, o Espírito mostra ser uma pessoa, realizando tarefas particulares (2013, p.15). O mesmo autor continua enfatizando que:

A maneira como o Espírito Santo consola, guia, ensina, etc, é pessoal. Quando ele realiza essas tarefas, a Bíblia as descreve como atividades do Espírito, que envolve inteligência, vontade, sentimentos e poder. O Espírito perscruta, seleciona, revela e admoesta. As estrelas e o pôr-do-sol não agem dessa maneira. Em suma, concluímos que se o Espírito Santo pode ser amado, adorado, obedecido, ofendido, entristecido, ou se podemos pecar contra ele, é porque ele deve ser uma pessoa (SPROUL, 2013, p.16).

Mas não se trata simplesmente de uma pessoa, como as demais criaturas ou os anjos. O Espírito Santo é a Pessoa cujos atributos evidenciam sua divindade. No cristianismo histórico tem havido pontos de discordância sobre questões teológicas secundárias. Entretanto, quando se trata da divindade das Pessoas da Trindade não há negociação. Conforme observação de Sproul (2013, p.18), todos concordam quanto à deidade de Jesus, menos os Mórmons, Testemunhas de Jeová e adeptos do unitarismo. Isso é novidade no cristianismo. Afinal, desde o 4º século, a divindade do Espírito Santo foi raramente colocada em questão, como fazem esses grupos.

Uma comparação entre alguns textos do AT e NT aponta a divindade da Terceira Pessoa da Trindade. Sob ordens do SENHOR, o profeta Isaías escreveu: “Vá, e diga a este povo: ‘Estejam sempre ouvindo, mas nunca entendam; estejam sempre vendo, e jamais percebam’” (Is 6.9-NVI). Paulo relê esse texto, colocando-o na boca do Espírito Santo: “Bem que o Espírito Santo falou aos seus antepassados, por meio do profeta Isaías: ‘Vá a este povo e diga: "Ainda que estejam sempre ouvindo, vocês nunca entenderão; ainda que estejam sempre vendo, jamais perceberão" (At 28.25,26-NVI). Observando esses dois textos acima, Sproul escreve: “Nas Escrituras encontramos alusões frequentes à deidade do Espírito Santo [...] As obras do Espírito Santo aparecem como obra de Deus” (2013, p.19). Simon Kistemaker, biblista reformado comenta:

Paulo atribui as palavras que ia dizer não ao profeta Isaías mas ao Espírito Santo, que é o autor primário das Escrituras. Se os judeus rejeitassem as Escrituras, eles não estariam somente desdenhando de Isaías, mas também desafiando o Espírito Santo. Em sua Palavra, Deus deu-lhes as profecias messiânicas, enviou seu servo Paulo para explicar que Jesus cumpriu essas profecias (KISTEMAKER, 2006, p.619).

Um dos textos do NT mais importantes para entender a divindade do Espírito Santo se encontra no livro dos Atos dos apóstolos: "Ananias, como você permitiu que Satanás enchesse o seu coração, a ponto de você mentir ao Espírito Santo [...] Você não mentiu aos homens, mas sim a Deus" (At 5.3,4-NVI). Sproul pondera sobre essa passagem: "Encontramos aqui a seguinte equação: Mentir ao Espírito Santo é mentir ao próprio Deus" (2013, p.20). Mais esclarecedor ainda é o comentário de Simon Kistemaker (2006a. p.247):

Pedro não faz nenhuma distinção entre Deus e o Espírito Santo. No versículo 3, ele declara que Ananias mentiu ao Espírito Santo e no versículo seguinte diz que Ananias mentiu a Deus. Portanto, Pedro identifica o Espírito Santo com Deus. Num versículo subsequente (v. 9), ele menciona o Espírito do Senhor. Logo, para ele o Espírito Santo é Deus; é a terceira pessoa da Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo.

Na teologia cristã ocorre o conceito dos atributos de Deus. São características da divindade. Alguns desses atributos de Deus, o Pai, aparecem, em certa medida, na obra do Espírito Santo. O salmista escreve sobre a onisciência do Espírito: "Para onde poderia eu escapar do teu Espírito? Para onde poderia fugir da tua presença?" (Sl 139.7-NVI). Paulo, apóstolo escreve: "O Espírito sonda todas as coisas, até mesmo as coisas mais profundas de Deus" (1 Co 2.10-NVI). Sproul observa que a onisciência é um atributo de Deus:

Podemos perceber, nessa passagem, que a presença do Espírito Santo é identificada com a presença de Deus. Onde estiver o Espírito, ali estará Deus. A pergunta retórica do salmista subentende que não há lugar onde um fugitivo possa se abrigar que esteja fora da presença do Espírito Santo. O Espírito Santo está em todos os lugares; ele é onipresente. Tais atributos são qualidades que pertencem ao ser de Deus e não são compartilhadas pelas criaturas. Nem mesmo os anjos, seres espirituais como são, têm a capacidade de se fazer presentes em mais de um lugar ao mesmo tempo [...] Nenhum ser criado é onipresente (SPROUL, 2013, p.21).

Enfim, as Sagradas Escrituras apresentam uma série de textos conectando as obras do Espírito Santo com as atividades de Deus, o Pai. Por exemplo, são-lhe dados nomes divinos (Ex 17.7; Hb 3.7-9; At 5.3,4); A Ele são atribuídas perfeições divinas (Is 40.13,14; Hb 9.14); Ele realiza obras divinas (Gn 1.2; Jó 26.13; Tt 3.5); É-lhe prestada honra divina (Mt 28.19; Rm 9.1). Diante dessas evidências, o cristianismo histórico, bem como a tradição reformada, mantém como Dogma de Fé a divindade do Espírito Santo como pessoa, ou seja, a Terceira Pessoa da Trindade. Em face dessas

evidências bíblicas, a negação dessa verdade incorre em heresia já condenada na igreja cristã no decorrer da história.

3.3. Carismas na teologia reformada recente

A temática dos carismas tem sido um assunto recorrente em várias obras de teologia reformada da atualidade. Autores como William Hendriksen, Simon Kistemaker, Anthony Hoekema, bem como a nova geração de autores, entre eles Sam Storms e Wayne Grudem, têm escrito consideravelmente sobre o tema. Alguns desses estudiosos são da tradição reformada presbiteriana, enquanto que outros são batistas e independentes. Todos eles, porém, comprometidos com o núcleo da teologia reformada. Serão abordados aqui mais especificamente aqueles carismas extraordinários.

Começamos por definir o que são os carismas ou dons do Espírito. Na concepção de Hoekema, carismas são ministérios que habilitam o povo de Deus para realização dos mais variados tipos de serviço na igreja, edificando, construindo e servindo (1997, p.39). O mesmo autor faz uma distinção entre carismas miraculosos e não miraculosos, sendo que, em sua opinião, os carismas miraculosos não continuam mais atuando na igreja (1997, p.39). Esse autor se enquadra no conceito cessacionista, tema que será abordada mais detalhadamente nos próximos tópicos.

Alguns teólogos reformados da atualidade classificam dons espirituais ou carismas até mesmo como “meios de graça”. Essa é a perspectiva de Wayne Grudem, por exemplo. Em sua concepção, ao servir ao próximo por meio dos carismas, a graça de Deus é, por meio deles, dispensada à comunidade do povo de Deus (GRUDEM, 1999, p.808). Em sua visão, um carisma é “[...] qualquer talento potencializado pelo Espírito Santo e usado no ministério da igreja” (GRUDEM, 1999, p.859). Olhando por esse ângulo, os talentos naturais são potencializados ou desenvolvidos por meio da ação do Espírito Santo, visando a contribuir para a maturidade da comunidade.

3.3.1. O profeta e a Profecia

O carisma da profecia aparece nas listas de Romanos 12.6; 1 Coríntios 12.10 e Efésios 4.11, em conexão com o ofício do profeta. William Hendriksen entende por profecia aquele carisma relacionado com a revelação especial, vinda diretamente do

Espírito Santo, incluindo a exortação, edificação e consolação (HENDRIKSEN, 2011, p.513). Escrevendo sobre Efésios 4.11, o mesmo comentarista argumenta que os profetas eram portadores do carisma da profecia, e atuavam como meios ocasionais da revelação inspirada (2005, p.232). Os profetas e Apóstolos foram os fundadores da igreja, portanto, nesse sentido de elemento fundador ou alicerce, temos um carisma historicamente situado. Esse ponto de vista é compactuado por Simon Kistemaker (2004, p.588):

Com o livro final do Novo Testamento, Deus completou o cânone da Bíblia (Ap 22.18,19) e não deu nenhuma revelação canônica adicional. Antes que o cânon fosse fechado, as profecias a respeito do futuro tinham significado temporal (ver At 11.28; 21.11). Os profetas que não prediziam o futuro explicavam e ensinavam as Escrituras ao exortarem os membros das igrejas.

A visão clássica entende esse carisma como declarações canônicas, portanto ocorrendo somente no período de formação do NT.²⁸ Recentemente alguns estudiosos têm apresentado uma interpretação um pouco diferenciada em relação à profecia. Para Grudem profecia (1999, p.892) consiste em “dizer algo que Deus traz de modo espontâneo à mente”. Ele argumenta que a profecia no Novo Testamento se trata de algo que Deus traz à mente da pessoa, todavia não com aquela autoridade que resulta em escrituração canônica, como foi no caso dos livros do AT e NT (GRUDEM, 1999, p.898). Essa interpretação é recente na teologia reformada, sendo, assim, ponto de vista bastante inovador.

Essa perspectiva é compactuada também por Sam Storms, um renomado teólogo reformado, professor no Wheaton College, pastor numa comunidade reformada independente. Storms (2003, p.214) define profecia como “relato humano de uma revelação divina”. A profecia é perfeita, porém os portadores da revelação são imperfeitos, podendo, então, tornar a mensagem falível na transmissão de seu conteúdo (STORMS, 2003, p.2015). Em sua visão, os portadores do carisma da profecia devem analisar o conteúdo dessas revelações à luz do ensino das Escrituras Canônicas (STORMS, 2016, p.136). Esse tipo de profecia está mais relacionado com a edificação, exortação e consolação do povo de Deus (1Co 14.3).

²⁸ Isso não quer dizer que não haja a ação do Espírito atuando por meio da Palavra pregada. O Espírito continua atuando na igreja por meio de diversos outros carismas.

3.3.2. O apostolado

Originalmente, o Colégio Apostólico foi escolhido por Jesus, descrito em Mateus 10.1-4. Após os eventos da prisão de Jesus, Judas, tomado de remorso, deu cabo da própria vida. Os Apóstolos julgaram necessária a escolha de um substituído. O escolhido para ocupar a vacância deixada por Judas foi preenchido por um discípulo chamado Matias (At 1.25-26). Quem foram os Apóstolos e como operava o carisma do apostolado? De acordo com Hendriksen (2005, p.232) esse dom esteve unicamente restrito aos onze, Matias e mais tarde o Apóstolo Paulo, testemunhas oculares da ressurreição. Portanto, desse modo de autoridade, é universal e vitalícia. Na teologia do NT, a igreja cristã está edificada sobre “o fundamento dos apóstolos e dos profetas, tendo Jesus Cristo como pedra angular” (Ef 2.20-NVI).

No cristianismo protestante e, juntamente com ele, a tradição reformada, o carisma do apostolado sempre foi entendido como um dom de natureza temporária, ou seja, não repetível em seu modo e operação. Por exemplo, Kistemaker (2004, p.612) argumenta que os apóstolos serviam todas as igrejas em seu período embrionário, tratando-se, entretanto, de um carisma temporário, não tendo, nesse sentido, sucessores. De modo geral essa visão tem prevalecido na teologia reformada desde os tempos de João Calvino:

A palavra *apóstolo* pode ser usada em um sentido amplo ou restrito. Em sentido amplo ela significa “mensageiro” ou “missionário pioneiro”. Mas em sentido restrito, o que é mais comum no Novo Testamento, refere-se a um ofício específico, “apóstolo de Jesus Cristo”. Esses apóstolos tinham autoridade única para fundar e liderar a igreja primitiva e podiam falar e escrever a Palavra de Deus. Muitas de suas palavras tornaram-se as Escrituras do Novo Testamento (GRUDEM, 1999, p.784).

Retomando a questão da sucessão para a vaga deixada por Judas, após sua morte, algumas exigências eram necessárias. Um Apóstolo verdadeiro devia ter sido designado pelo próprio Cristo: “Jesus subiu a um monte e chamou a si aqueles que ele quis, os quais vieram para junto dele. Escolheu doze, designando-os como apóstolos” (Mc 3.13,14-NVI)”. Outra qualificação exigida estava vinculada à ressurreição de Jesus: “escolhamos um dos homens que estiveram conosco durante todo o tempo em que o Senhor Jesus viveu [...], desde o batismo [...] até o dia em que Jesus foi elevado dentre nós às alturas. É preciso que [...] seja conosco testemunha de sua ressurreição (At 1.21,22-NVI). Diante dessas considerações, para muitos

nessa tradição, esse carisma foi de natureza temporária, cessando com a morte dos Apóstolos.

3.3.3. A glossolalia

Um dos temas mais discutidos e de difícil compreensão é o carisma da glossolalia, comumente conhecido como “falar em línguas”. Trata-se de um dos dons mais polêmicos nos debates teológicos da atualidade. A ocorrência desse carisma aparece em Atos 2.4; 10.44-46; 19.6 e em 1 Coríntios 12-14. Na opinião de Kistemaker (2004) era a capacidade de falar idiomas ou dialetos conhecidos, bem como a experiência da oração numa língua desconhecida como forma de culto a Deus. Todavia não há consenso entre os estudiosos em relação à natureza exata do falar em línguas. O entendimento mais comum entende que se tratava de idiomas humanos:

A palavra grega *glossa*, traduzida por "língua" (plural = glossais), quando não se refere ao órgão do corpo chamado língua, refere-se tanto a um grupo étnico (um grupo separado pelo idioma) ou aos idiomas humanos. "A palavra *glossa* é utilizada por volta de trinta vezes na Septuaginta - versão grega do Antigo Testamento - e o seu significado é sempre de uma língua humana normal" (16). Nossa preocupação principal é quanto ao que o termo se refere quando fala do dom de línguas no Novo Testamento. A Bíblia claramente ensina que o dom espiritual de falar em línguas sempre se refere a línguas humanas reais (inteligíveis) e conhecidas (SCHWERTLEY, 2000, p.24).

A ideia de que o falar em línguas se tratava de idiomas humanos é a mais popular na tradição reformada. Entretanto, essa não é a única interpretação aceita no meio reformado. Por exemplo, Wayne Grudem (1999, p.910) aponta que esse falar em línguas seria algo como uma “[...] oração ou louvor expresso em sílabas não compreendidas pelo locutor”. Sam Storms (2016, pp.167-168), seguindo essa mesma linha de pensamento argumenta que se trata de idiomas humanos de uma determinada região geográfica e uma linguagem espiritual ou angélica. A declaração de Paulo (1Co 14.4,18-19), sobre a prática da glossolalia nas devoções particulares aponta para uma linguagem espiritual, um tipo de adoração no culto particular a Deus.

3.3.4. As curas

Outro carisma de natureza miraculosa era o dom de curas ou dons de curar. Ao que parece, ocorreu na experiência da comunidade de Corinto, conforme relata de 1 Coríntios 12.9. O texto de Tiago 5.14-16 parece abordar também esse mesmo assunto. O que era esse carisma e como agia? Na perspectiva de Gaffin (2010, p.123) esse carisma estava relacionado com os sinais e maravilhas, fazendo parte do ministério apostólico, tendo desaparecido na vida da igreja após a era apostólica. Kistemaker (2004, p.585) observa que não somente os apóstolos curavam nos primeiros anos da igreja, sendo que esse carisma havia sido concedido também aos diáconos. Atos 8.6,7 relata a experiência de cura no ministério diaconal de Filipe. A teologia reformada clássica é cessacionista em relação a esse carisma, embora afirme a possibilidade de cura por meio da oração:

Aos crentes hoje falta o dom de cura que os apóstolos possuíam na época em que a Igreja neotestamentária estava em sua infância. Atualmente, quando os crentes oram em fé e aguardam resposta, frequentemente descobrem que nenhuma cura está ocorrendo. Deus pode escolher curar uma pessoa por meio de medicamentos e cuidados físicos ou então não curá-la de forma alguma (KISTEMAKER, 2004, p.586).

Os dons miraculosos em operação no período apostólico ocorriam visando a alguns propósitos bem definidos. Dentro dessa categoria, enquadra-se o dom da cura. Segundo Grudem (2004), as curas autenticavam a mensagem do reino de Deus e, ao mesmo tempo, serviam de consolo diante dos sofrimentos causados pelas enfermidades. Um fato curioso é que esse carisma está no plural em 1 Coríntios 12.9. De acordo com Storms (2016, p.66), isso aponta para diferentes tipos de dons de cura relacionados com diferentes tipos de enfermidade. É preciso esclarecer, porém, que, mesmo no tempo dos Apóstolos, nem todas as pessoas eram curadas (Fl 2.25-30, 2Tm 4.20). Em última análise, todos os carismas operam debaixo da soberania de Deus no que diz respeito à manifestação e resultados.

Como observado anteriormente, alguns – entre eles Calvino –, têm negado a manifestação dos carismas miraculosos na igreja. Porém, alguns estudiosos em tempos recentes nessa tradição, têm olhado o carisma da cura de uma forma mais positiva, ou seja, professando sua contemporaneidade de acordo com a soberania de Deus. Grudem (1999, p.907) observa que os cristãos da atualidade devem desenvolver a fé no sentido de que ainda ocorrem curas por meio desse carisma,

observando, porém, que a igreja vive no período do “já e ainda não”. Isso significa que nem todas as pessoas serão curadas. Deus é que decide quem deve ou não ser curado. Àqueles que julgam possuir esse carisma cabe apenas orar pelos enfermos e confiar em Deus.

3.3.5. Carismas e o cuidado social na Igreja Presbiteriana do Brasil

Retomamos aqui a relação entre os carismas do Espírito e o cuidado pelos pobres e necessitados da terra. Carismas como primado da caridade. No primeiro capítulo observamos a preocupação de João Calvino em relação às obras de socorro aos necessitados. De modo semelhante, no segundo capítulo, esse mesmo tema, porém sob a ótica dos *Símbolos de Fé de Westminster*, enfatizando que o cuidado social é tarefa da igreja animada pelo Espírito. Propomos aqui alguns apontamentos da ação do Espírito Santo a partir do serviço da diaconia do povo de Deus. Lembremos que a diaconia é também um dos carismas do Espírito Santo, conforme Atos 6.1-6 – NVI.

A igreja tem, em suas diversas missões, a obrigação de socorrer os aflitos por meio da diaconia. Conforme o *Manual Presbiteriano*, em seu artigo 53, “o diácono é o oficial eleito pela Igreja e ordenado pelo Conselho, para, sob a supervisão deste, dedicar-se especialmente: a) à arrecadação de ofertas para fins piedosos; b) ao cuidado dos pobres, doentes e inválidos locais” (*MANUAL Presbiteriano*, 2013, p.30). Ainda, segundo o artigo 83, os conselhos das igrejas locais devem “designar, se convier, mulheres piedosas para cuidarem dos enfermos, dos presos, das viúvas e órfãos, dos pobres em geral, para alívio dos que sofrem” (*MANUAL Presbiteriano*, 2013, p.46).

A Igreja Presbiteriana do Brasil, desde o início de sua história neste país teve uma forte preocupação social. Desde seus primeiros anos foram estabelecidas, ao lado de suas igrejas, as escolas presbiterianas. Mais tarde, vieram os hospitais evangélicos, chamados de hospitais de caridade. Recentemente, foi adquirido em Curitiba o hospital evangélico, atendendo à população em parceria com o SUS. O Conselho de ação social (CAS) é uma autarquia da IPB. A seguir, um breve apontamento das áreas onde a CAS tem atuado em favor do pobre e necessitado:

Já são mais de 500 entidades operantes e eficientes; mais de 1000 projetos nas áreas de: Combate à pobreza; Políticas Sociais — Direitos humanos e Ambientalismo; Gestão social — Planejamento; Capacitação;

Assessoria; Recursos Humanos [...]. Inúmeros programas nas áreas de Atenção à Educação e Saúde; Complementação de Renda; Geração de Empregos; Erradicação do trabalho Infantil, etc. Obras e Ações em todos os Estados do Brasil. Mais de 300 leitos hospitalares, com média de 4.400 atendimentos por mês; mais de 210 escolas ensinando com eficiência e qualidade; cerca de 115.000 alunos da pré-escola à pós-graduação; inúmeras classes de alfabetização de jovens e adultos; e, campanhas emergenciais, mutirões e clínicas de curta duração (*CONSELHO de Ação Social*, 2018).

A igreja Presbiteriana do Brasil, por meio das decisões de seu Supremo Concílio, recomenda que o povo de Deus esteja engajado na luta pela igualdade, pelo combate à pobreza e injustiça social. A igreja deve “clamar contra a injustiça, a opressão e a corrupção, e tomar a iniciativa de esforços para aliviar os sofrimentos dos infelicitados, por uma ordem social iníqua” (*IGREJA Presbiteriana do Brasil*, 2018). É ainda missão da igreja “defender a necessidade de mais equitativa distribuição das riquezas, inclusive da propriedade da terra, e advertir, em nome da justiça de Deus e da fraternidade cristã, aqueles cujo enriquecimento seja fruto da exploração do próximo” (*DIGESTO Presbiteriano*, 1998, p.109). Onde há clamor por justiça social, ali se deve fazer presente o povo de Deus, atuando por meio dos carismas do Espírito Santo.

3.4. Pneumatologia na *Carta Pastoral da Igreja Presbiteriana do Brasil*

Como observado anteriormente, a Igreja Presbiteriana do Brasil é uma comunidade de teologia reformada confessional. Parte de sua teologia sobre a pessoa e obra do Espírito Santo já foi explanada em conexão com o estudo nas confissões reformadas, mais especificamente na *Confissão de Fé de Westminster*. De modo que, neste tópico serão pontuados alguns temas pneumatológicos sob a perspectiva da *Carta Pastoral sobre o Espírito Santo* e os dons espirituais. Esse documento foi elaborado a pedido do Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil.

As igrejas reformadas seguem uma forma de governo representativo, conhecido também como “governo presbiteriano”. Em cada igreja há uma pluralidade de Presbíteros. Entretanto, decisões de natureza teológica são tomadas nos concílios superiores, seguindo a seguinte ordem: Supremo Concílio²⁹ ou Assembleia Geral

²⁹ O Supremo Concílio ocorre a cada quatro anos. Para as reuniões do SC-IPB, são enviados representantes dos presbitérios regionais com direito a voto.

nacional; Sínodo regional,³⁰ Presbitério regional³¹ e por fim o Conselho de Presbíteros da Igreja local (BERKHOF, 2012, p.541). O conselho ou consistório das igrejas locais age mais nos aspectos administrativos e pastorais, sem prerrogativa de legislar sobre questões teológicas e doutrinárias.

O Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil³² se reúne a cada quatro anos, formando uma assembleia de deputados eleitos pelos presbitérios (*MANUAL Presbiteriano*, 2013, p.49). Entre as atribuições do SC-IPB estão:

- a) formular sistemas ou padrões de doutrina quanto à fé; estabelecer regras de governo, de disciplina e de liturgia, de conformidade com o ensino das Sagradas Escrituras; b) organizar, disciplinar, fundir e dissolver Sínodos; c) resolver em última instância, dúvidas e questões que subam legalmente dos concílios inferiores; d) corresponder-se, em nome da Igreja Presbiteriana do Brasil, com outras entidades eclesiais; e) jubilar ministros [...] (*MANUAL Presbiteriano*, 2013, pp.49-50)

A “Comissão Permanente de Doutrina” é um órgão instituído pelo SC-IPB. Sua função consiste em tratar de questões de cunho teológico, elaborando cartas pastorais e decisões bíblico-teológicas. São decisões confessionais, sempre dialogando com as demais interpretações dentro da tradição reformada. A Comissão Permanente de Doutrina elaborou uma carta pastoral sobre a pneumatologia da IPB à luz da CFW. A abordagem segue a teologia reformada confessional no contexto das comunidades e experiência das Igrejas Presbiterianas. Esse documento foi baixado aos Sínodos, Presbitérios e comunidades locais como determinação de doutrina e prática sobre o assunto.

3.4.1. Batismo no Espírito ou com o Espírito Santo

O primeiro tema abordado na *Carta Pastoral* trata do batismo no Espírito. De acordo com a *Carta Pastoral*,³³ a igreja reconhece as promessas das graças do Espírito na era messiânica, entendendo, porém, que essas bênçãos se cumpriram no Dia de Pentecostes, quando o Espírito veio sobre a igreja cristã (*CARTA Pastoral*, 1996, p.2). Essa declaração faz referência à promessa contida no livro profético de Joel: “E, depois disso, derramarei do meu Espírito sobre todos os povos. Os seus

³⁰ Um Sínodo regional é formado por diversos presbitérios de certa região.

³¹ Um presbitério é formado por diversas igrejas de uma região, representada por seus presbíteros locais.

³² Doravante SC-IPB.

³³ Doravante CP.

filhos e as suas filhas profetizarão, os velhos terão sonhos, os jovens terão visões” (Jl 2.28-NVI).

Vale ressaltar que o cumprimento dessa promessa está relacionado com os últimos dias. De acordo com a CP, na exaltação de Cristo no dia de Pentecostes, ocorreu o cumprimento desse oráculo, inaugurando assim os últimos dias ou a era da igreja, tempo em que o evangelho deve ser pregado a todos os povos (*CARTA Pastoral*, 1996, p.4). A vida e ação da comunidade do povo de Deus são reflexos desse derramamento do Espírito em seu meio. Em relação à natureza do batismo no Espírito:

A Escritura também ensina que o batismo com o Espírito Santo, como narrado no livro de Atos, foi dado soberanamente por Deus em circunstâncias especiais, ocorrendo algumas vezes de forma súbita, como no Pentecostes. Quando o Espírito veio sobre os apóstolos e os demais reunidos no cenáculo, tomou-os de surpresa, vindo "de repente" (At 2.2a). Eles esperavam o cumprimento da promessa, mas não sabiam quando e nem como ela se daria. Em outras ocasiões, o batismo com o Espírito ocorreu de forma inesperada, como na casa de Cornélio, e ainda em outras através da imposição de mãos dos apóstolos. c Em nenhum lugar ela encoraja os que já são crentes a buscar esse batismo, quer por preceito, quer por exemplo. Na expressão "batizar com o Espírito Santo," o verbo ocorre no tempo futuro ("batizará") apenas antes de Pentecoste, e aponta para aquele evento como o futuro cumprimento da promessa do Antigo Testamento. Após o Pentecoste, nas cartas escritas pelos apóstolos às comunidades, os crentes são reconhecidos como já tendo sido batizados com o Espírito. Paulo escreveu aos Coríntios: "em um só Espírito, todos nós fomos batizados em um corpo" (*CARTA Pastoral*, 1995, p.4).

A vinda do Espírito em sua plenitude era uma das promessas messiânicas na Antiga Aliança, tendo seu cumprimento ocorrido no dia de Pentecostes. Entretanto, a CP entende e recomenda a busca alegre por uma vida espiritual profunda, tanto na vida dos oficiais como dos membros, visando a desfrutar uma espiritualidade profunda, enfatizando também que essa busca deve ser mantida (*CARTA Pastoral*, 1996, p.5). Embora o Dia de Pentecostes tenha sido um evento histórico, isso não significa que a ação do Espírito tenha sido encerrada nesse evento. Os filhos e filhas de Deus desfrutam das bênçãos da regeneração, experimentando o batismo com o Espírito no momento da conversão.

3.4.2. A plenitude ou enchimento do Espírito

O batismo do Espírito marca o início das atividades do Espírito na vida da igreja. Enquanto o batismo no Espírito ocorre uma única vez, o NT recomenda o enchimento constante com o Espírito. Conforme as palavras da CP “[...] ser cheio do Espírito denota o domínio de Cristo [...] os crentes crescem na graça e nos benefícios [...] A evidência desse crescimento é o fruto do Espírito, a prova de que eles estão em Cristo, e de que a Sua palavra está neles [...]” (*CARTA Pastoral*, 1996, p.6). Essa deve ser uma experiência constante na vida do povo de Deus, perpassando todo o processo da caminhada cristã.

De alguma forma, essa experiência está vinculada aos sacramentos como “meios de graça”: o Batismo e a Santa Ceia. Deus providencia esse recurso – o enchimento do Espírito na vida da comunidade –, visando ao crescimento de seus membros. A CP recomenda o uso correto dos meios de graça, não devendo nunca ser ignorado na vida de cada fiel (*CARTA Pastoral*, 1996, p.6). Por meio da leitura e pregação da Palavra de Deus, aliadas à meditação no significado do batismo e participação na Santa Ceia, o povo de Deus avança na maturidade espiritual.

Considerando que, na tradição reformada, o povo de recebe o batismo no Espírito na conversão, representada pelo batismo, resta então a busca pela plenitude do Espírito. Segundo a CP:

A Escritura ordena que cada crente seja cheio do Espírito Santo, e cresça espiritualmente pela obediência à Palavra de Deus escrita [...] Quando ignoramos ou negligenciamos a Palavra de Deus, ou somos desobedientes a ela, nos tornamos culpados de entristecer e apagar o Espírito Santo. Ao orarmos a Deus suplicando a plenitude do Espírito, a qual nos foi prometida, devemos empregar uma terminologia que esteja em plena harmonia com a afirmação da Escritura de que cada crente genuíno já tem o Espírito Santo desde a sua conversão [...] (*CARTA Pastoral*, 1996, p.6).

Todo cristão autêntico deve ponderar sobre a necessidade de uma abertura às operações do Espírito. Situações diversas no decorrer da vida são evidências da necessidade desse enchimento. Conforme o livro de Atos, os discípulos já haviam recebido o batismo no Espírito no Dia de Pentecostes. Entretanto, ocorreu a necessidade de uma segunda experiência com o Espírito, denominada por Lucas como “enchimento do Espírito”: Depois de orarem, tremeu o lugar em que estavam reunidos; todos ficaram cheios do Espírito Santo e anunciavam corajosamente a palavra de Deus (At 4.31-NVI).

3.4.3. Os carismas do Espírito

Retomamos o tema dos carismas, porém, agora, na perspectiva da teologia reformada atual. Conforme testemunho do NT, o Espírito Santo distribui uma grande variedade de carismas para o crescimento da comunidade do povo de Deus (Rm 12.6-8; 1Co 12.8-10,28; Ef 4.11; 1Pe 4.10,11). Segundo observa a CP, a igreja se alegra por ver suas comunidades em suas reuniões de adoração interagindo e crescendo no serviço por meio dos carismas (*CARTA Pastoral*, 1996, p.7). Essa declaração está amparada na orientação do Apóstolo Paulo: “a cada um, porém, é dada a manifestação do Espírito, visando ao bem comum” (1 Co 12.7-NVI).

Há uma variedade de carismas descritos nessas listas do NT. No entendimento da CP, não se trata de uma lista completa e fechada, deixando, desse modo, em aberta a possibilidade de que outros dons possam ser encontrados em outras passagens bíblicas (*CARTA Pastoral*, 1996, p.8). A distribuição dos carismas ocorre de acordo com a soberania de Deus em sintonia com a ação do Espírito Santo. No entanto, esses carismas devem também ser buscados pelo povo de Deus com dedicação e oração:

Dons espirituais são concedidos a cada crente pelo Espírito Santo, o qual os distribui a cada um “conforme lhe apraz.” Isto não impede que os crentes desejem ardentemente os melhores dons espirituais, desde que os mesmos sejam utilizados para a edificação da comunidade, e não para proveito próprio. Os “melhores dons” que Paulo encoraja os Coríntios a buscar (1 Co 12.31) são os primeiros da lista de 12.28, que é claramente uma lista por ordem de utilidade (notar “primeiro,” “segundo,” “terceiro,” etc.). Em 1 Co 14.1,40 Paulo encoraja o dom de profecia (entendida como exortação baseada nas Escrituras). O dom de línguas, embora não proibido, é claramente desencorajado pelo apóstolo, em vista das suas limitações e problemas potenciais, e mau uso por parte dos Coríntios (*IGREJA Presbiteriana*, 1996, p.8).

Todo cristão é agraciado com pelo menos um carisma, objetivando ao serviço na comunidade do povo de Deus. De acordo com a CP, “os crentes devem usar seus dons para servir a Cristo na obra do Seu Reino, e para a edificação do Seu Corpo [...] todos os crentes genuínos recebem algum ou alguns dos dons espirituais (*CARTA Pastoral*, 1996, p.8). Cada carisma tem suas potencialidades e nenhum deles deve ser deixado de lado. O cristão deve responder à convocação divina, colocando-se ao seu serviço. O Apóstolo Paulo recomenda: “Visto que estão ansiosos por terem dons espirituais, procurem crescer naqueles que trazem a edificação para a igreja” (1 Co 14.12 – NVI).

3.4.4. A continuidade dos carismas extraordinários na igreja

Os carismas miraculosos permanecem ou foram retirados com a morte dos Apóstolos? Esse é um dos temas abordados na *Carta Pastoral*, em conexão com os carismas. Responder a esse questionamento não é uma tarefa fácil. Se Deus é soberano, cabe a Ele a prerrogativa conceder ou não, de acordo de Sua concessão, e isso conforme a sabedoria do Espírito Santo, haja vista ser Ele o doador direto (*CARTA Pastoral*, 1996, p.8). A História da Igreja aponta para uma diminuição na atividade carismática:

A contemporaneidade do Espírito, portanto, não exclui o propósito do Deus Triúno em seguir um plano progressivo de revelação, dispensando ou retendo durante a História as manifestações espirituais de acordo com Sua sabedoria. Por exemplo, não há registro inequívoco na História da Igreja de homens com o poder de ressuscitar mortos, desde o período pós-apostólico até hoje. Mesmo no período bíblico, a ressurreição de mortos ocorreu somente em algumas épocas e através de poucas pessoas, como Eliseu, o Senhor Jesus e alguns dos apóstolos. Deus é o mesmo, Cristo é o mesmo, e o Espírito é o mesmo — porém, o Deus Triúno é soberano para agir de formas distintas em diferentes épocas. Portanto, afirmar a contemporaneidade de todos os dons e manifestações descritos na Bíblia, com base na imutabilidade de Deus, é inconsequente (*CARTA Pastoral*, 1996, p.9).

É importante frisar que nem todos os carismas foram distribuídos para todas as pessoas em todas as épocas. Por exemplo, a *Carta Pastoral* evoca o exemplo do poder extraordinário que operou na experiência de Sansão, bem como a autoridade para ressuscitar mortos, demonstrada por alguns dos Apóstolos (*CARTA Pastoral*, 1996, p.8). Essas atuações miraculosas tiveram seu propósito em épocas diferentes, sendo hoje menos evidente na comunidade do povo de Deus. Entretanto, a ausência desses dons não significa sua cessação definitiva.

São Paulo escreveu à Igreja em Corinto: “São todos apóstolos? São todos profetas? São todos mestres? Têm todos o dom de realizar milagres? Têm todos dons de curar? Falam todos em línguas? Todos interpretam? Entretanto, busquem com dedicação os melhores dons (1 Co 12:29-31-NVI). O teor dessas perguntas exige um não como resposta. Embora a intensidade dos carismas manifestacionais da graça possam variar de comunidade para comunidade em diferentes épocas, não é sábio afirmar sua cessação definitiva.

3.4.5. Recomendações aos concílios e igrejas

Apesar de apresentar uma pesquisa em nível teológico, a *Carta Pastoral da Igreja Presbiteriana do Brasil* traz em seu bojo algumas recomendações práticas de cunho pastoral. Esse foi o entendimento da Comissão Permanente de Doutrina, após analisar as implicações práticas e pastorais:

À luz do exposto acima [...] a Igreja Presbiteriana do Brasil, partindo de uma hermenêutica baseada não na experiência individual, mas nos princípios da sua Tradição Reformada, e sobretudo no entendimento que as Escrituras dão de si mesmas e na busca da iluminação do Espírito, faz as seguintes recomendações aos seus concílios, pastores, oficiais e membros da Igreja (*CARTA Pastoral*, 1996, p.21).

De acordo com a primeira recomendação “a doutrina do batismo com o Espírito Santo, como uma segunda bênção distinta da conversão, não deve ser ensinada e nem propagada pelos pastores ou membros nas comunidades [...]” (*CARTA Pastoral*, 1996, p.21). Ainda, segundo a CP, as comunidades e suas assembleias devem tratar como paciência e amor aqueles que julgam ter experimentado o batismo no Espírito, conduzindo-os ao entendimento Reformado (*CARTA Pastoral*, 1996, p.22). Que haja um cuidado pastoral no sentido de orientação e reintegração, e não de separação. Fundamentada no princípio reformado do *Sola Scriptura*,³⁴ uma outra recomendação chama atenção para o fato de que:

A base para as nossas formulações doutrinárias é a Escritura, e não as experiências individuais — por mais emocionantes e preciosas que elas sejam. Portanto, a Igreja recomenda o estudo sério de todos os fenômenos e experiências, à luz da Palavra de Deus (*CARTA Pastoral*, 1996, p.22).

Outra recomendação visa ao crescimento e amadurecimento do povo de Deus. A orientação aos Concílios e Igreja propõe a promoção do estudo dessa pastoral entre o povo, e que, na medida do possível, mantenha um diálogo aberto com a Comissão Permanente de Doutrina, responsável pela elaboração do documento (*CARTA Pastoral*, 1996, p.21). Trata-se de um chamado ao diálogo, no espírito cristão, com o intuito de aprofundar a comunhão e a compreensão, tanto teologicamente quanto na experiência pastoral nas comunidades.

³⁴ No protestantismo histórico, esse termo significa que a autoridade final em questões de fé e prática não repousa sobre experiências ou interpretações pessoais, mas na Palavra de Deus escrita.

3.5. Carismas no posicionamento reformado cessacionista

Retomamos aqui o problema da pesquisa. Algumas referências já foram feitas no decorrer do texto sobre a questão da cessação de certos carismas, especialmente aqueles de natureza carismática ou miraculosa. Que os dons ordinários continuam na igreja não tem havido grandes disputas teológicas. Entretanto, não se pode dizer isso dos carismas miraculosos. Se, de fato, alguns carismas cessaram, quando ocorreu ou ocorrerá essa cessação ou descontinuidade? Entre os cristãos situados no protestantismo histórico, há pelo menos quatro posições teológicas em relação ao debate cessacionismo/continuismo:

1. Os cessacionistas. São aqueles que crêem que os dons de sinais registrados em I Coríntios 12 foram restritos ao tempo dos apóstolos. Para os cessacionistas esses dons não são contemporâneos nem estão mais disponíveis na igreja contemporânea.
2. Os ignorantes. São aqueles que não conhecem nada sobre os dons. Paulo orienta os coríntios para não serem ignorantes com respeito aos dons espirituais. Havia gente na igreja que ignorava esse assunto, e por isso, não podia utilizar a riqueza dessa provisão divina para a igreja.
3. Os medrosos. São aqueles que têm medo dos dons. Aqueles que têm medo dos excessos. Medo de cair em extremos. O medo leva essas pessoas a enterrar os seus dons e não utilizá-los para a glória de Deus nem para a edificação do corpo.
4. Os que crêem na contemporaneidade. São aqueles que crêem que os mesmos dons espirituais concedidos pelo Espírito Santo no passado estão disponíveis para a igreja atualmente (LOPES, 2008, p.224).

A tabela na página a seguir ilustra as perspectivas mais populares sobre a cessação ou continuação dos carismas:

Tabela 4: Lista de perspectivas teológicas quanto aos carismas:

Cessacionista	Continuista moderada	Carismaníaca
Os dons espirituais sobrenaturais (ex: línguas, milagres e profecia) tiveram sua função somente na igreja primitiva e não devem ser mais praticados hoje. Deus nos fala somente pela Escritura.	Os dons espirituais sobrenaturais são concedidos a cada geração e devem ser praticados hoje, mas sempre testados de acordo com as diretrizes da Escritura.	Os dons espirituais sobrenaturais são concedidos a cada geração. Revelações contemporâneas são, de fato, mais valorizadas do que a Escritura. Manifestações sobrenaturais expressivas evidenciam a presença de Deus.

Fonte: DRISCOLL (2013, p.38)

No contexto teológico reformado o cessacionismo é o mais antigo posicionamento sobre os carismas. Wayne Grudem (1999, p.873) define

cessacionismo como “[...] o ensino de que os dons extraordinários tais como profecias, línguas, curas, eram dons apenas para o tempo dos Apóstolos”. O pensamento cessacionista está representado entre diversos teólogos reformados. Alguns dos cessacionistas mais conhecidos na história da teologia reformada foram George Whitefield, Jonathan Edwards, Matthew Henry, Charles Spurgeon, Abraham Kuyper (HENDRIKSEN, 2014, p.737). Os principais argumentos cessacionistas são apresentados nos tópicos a seguir.

3.5.1. Carismas extraordinários eram sinais dos Apóstolos

O primeiro dos argumentos da escola cessacionista estabelece uma conexão entre os carismas extraordinários ao ministério dos Apóstolos. Segundo essa perspectiva, muitos dos dons carregavam o objetivo de servir como “sinais dos Apóstolos”. Nas palavras de Frame (2006, p.56), esses “dons sobrenaturais foram conferidos à igreja apenas no período de sua fundação, para atestar o ministério dos apóstolos”. Essa posição é bem colocada por Anthony Hoekema:

Algumas passagens do Novo Testamento especificamente associam os dons miraculosos do Espírito com o trabalho dos apóstolos enquanto lançavam as fundações da igreja [...] Não está Paulo dizendo que os dons miraculosos, que ele não só tinha, como também estava habilitado a transmitir aos outros em Corinto, serviam ao propósito de autenticar seu apostolado? (1997, p.40).

Uma passagem, a primeira delas, encontra-se no livro de Atos dos Apóstolos: “Paulo e Barnabé passaram bastante tempo ali, falando corajosamente do Senhor, que confirmava a mensagem de sua graça realizando sinais e maravilhas pelas mãos deles (Atos 14.3-NVI). Qual o significado dessa afirmação? De acordo com o entendimento de Anthony Hoekema (1997, p.40), indica que esses sinais atestavam o ministério Apostólico, creditando-lhes como mensageiros da boa nova. Outro comentarista reformado escreve:

O Senhor, pois, capacita os missionários a realizar obras extraordinárias, fazendo com que o povo de Icônio preste atenção. Deus realiza milagres em resposta ao aumento da fé e para o benefício desse aumento. Os apóstolos recebem de Deus os dons carismáticos para curar os enfermos e ressuscitar os mortos, de forma que a fé do povo de Deus é fortalecida (KISTEMAKER, 2006b, p.16).

O Apóstolo Paulo, escrevendo à Igreja de Roma diz: “Não me atrevo a falar de nada, exceto daquilo que Cristo realizou por meu intermédio em palavra e em ação [...] pelo poder de sinais e maravilhas e por meio do poder do Espírito de Deus” (Rm15.18-19-NVI). De acordo com João Calvino, essas manifestações miraculosas selavam o apostolado de Paulo, de modo a comprovar que fora ele enviado (2014, pp.570-571). Do mesmo modo, Hoekema (1997, p.41) observa que esses sinais autenticavam seu ministério como Apóstolo, mas nada menciona sobre ocorrerem eles em outras reuniões dos crentes.

A passagem mais explícita ligando os dons miraculosos ao ministério dos Apóstolos foi escrita à igreja de Corinto: “As marcas de um apóstolo — sinais, maravilhas e milagres — foram demonstradas entre vocês” (2Co 12.12-NVI). Novamente Calvino (2008, p.308) argumenta aqui que esses sinais autenticam a genuinidade do ministério de Paulo e que, quanto maior era o poder de operar sinais, maior era a confirmação do Apostolado. O que Paulo está insinuando com essas observações?

Vocês pessoas de Corinto [...] deviam saber que realmente sou um Apóstolo foram-lhes por mim demonstrado [...] Paulo está dizendo [...] os dons miraculosos – que ele não só tinha, como também estava habilitado a transmitir aos outros [...] (HOEKEMA, 1997, p.40).

Por fim, aparece um último texto, agora no livro de Hebreus: “Esta salvação, primeiramente anunciada pelo Senhor, foi-nos confirmada pelos que a ouviram. Deus também deu testemunho dela por meio de sinais, maravilhas, diversos milagres e dons do Espírito Santo” (Hb 2.3,4-NVI). João Calvino argumenta que Apóstolos tiveram seu ministério confirmado através de sinais, maravilhas e dons, entre eles o carisma do falar em línguas, servindo como selo da veracidade do evangelho (2012, p.52-54). É difícil determinar se passagens comprovam definitivamente a cessação dos carismas miraculosos. Entretanto, são apontamentos que devem ser levados em consideração no estudo do tema.

3.5.2. Os carismas miraculosos cessaram com a conclusão do Cânon

Um segundo argumento, utilizado pela escola cessacionista, estabelece uma ligação dos carismas extraordinários com a conclusão do Cânon do Novo Testamento,

conforme relata Paulo: “O amor nunca perece; mas as profecias desaparecerão, as línguas cessarão, o conhecimento passará. Pois em parte conhecemos e em parte profetizamos; quando, porém, vier o que é perfeito, o que é imperfeito desaparecerá” (1Co 13.8-10-NVI). A vinda desse “perfeito”,³⁵ conforme entendem alguns cessacionistas, ocorreu quando o NT ficou completo:

O Espírito Santo conferira à Igreja primitiva certos dons especiais ou carismas. Contavam-se entre eles: a capacidade de realizar milagres de cura, falar em línguas e profetizar. [...] A Igreja, em sua infância, não possuía ainda a Bíblia completa (Antigo Testamento e Novo Testamento). Não possuía ainda um vasto acervo de literatura cristã, tal como possuímos hoje. A hinologia cristã também estava ainda em sua fase incipiente. Numericamente falando, também, a Igreja ainda era bastante insignificante. Além disso, ela era objeto de escárnio e desprezo de todos os lados. Em tal situação, Deus, graciosamente, providenciou apoios ou dotações especiais, até que chegasse o tempo quando esses dons não mais seriam necessários (HENDRIKSEN, 2007, p.164).

Os símbolos de fé da Igreja Presbiteriana não discutem com profundidade essa questão. A *Confissão de Fé de Westminster* apenas afirma que “[...] cessaram aqueles antigos modos de revelar Deus a sua vontade ao seu povo” (*SÍMBOLOS de Fé*, 2005, p.21). Esses antigos modos da revelação da vontade de Deus seriam os carismas revelacionais, como as línguas, profecias, amparados e confirmados pelos sinais e maravilhas. Se, de fato, era esse o propósito desses carismas, conforme entende essa perspectiva, então, de fato, parece não haver mais espaço para os dons carismáticos na igreja da atualidade.³⁶

3.5.3. A cessação dos carismas miraculosos na História

Um terceiro argumento, bastante popular na escola cessacionista, relaciona-se com testemunho da História. Alguns observam o declínio na concessão dos carismas miraculosos, logo após final da era apostólica. Esse fato é comprovado na igreja antiga por homens como Crisóstomo e Agostinho, os quais entenderam que as línguas e outros carismas extraordinários ficaram no passado (OSBORNE, 2009). Embora haja,

³⁵ Essa perspectiva de que o “perfeito” se refere à conclusão do Cânon do NT não representa oficialmente nenhuma Confissão de Fé reformada. Aparece, porém, em alguns escritores reformados como uma possibilidade, mas não definitivamente.

³⁶ O assunto não está fechado na teologia reformada. Essa questão será retomada nos argumentos para o continuísmo dos carismas nas próximas páginas.

de fato, evidências nesse sentido, nem todos os estudiosos concordam com essa opinião, como será exposto na escola continuísta.

Nos tempos do Apóstolo Paulo, os dons estavam em evidência na Igreja de Corinto. Entretanto, pelo contexto da fala de Crisóstomo, parece que houve uma cessação, um esfriamento culminando na cessação. São João Crisóstomo (347-407), por exemplo, escrevendo sobre os dons em 1 Coríntios 12, diz:

Essa passagem é muito obscura. O desconhecimento dos acontecimentos de então, e que agora não advêm, produz a obscuridade. E por que agora não sucedem? Eis, pois, que a causa da obscuridade gera outra interrogação para nós. Por que acontecia então e agora, não? (CRISÓSTOMO, 2010, p.403).

Alguns anos mais tarde, nesse mesmo século, viveu Agostinho de Hipona (354-430), doutor da igreja antiga. Em suas homilias sobre o evangelho de João, ele escreve:

"No período primitivo, o Espírito Santo caiu sobre os que criam: e falavam em línguas que jamais haviam aprendido, "como o Espírito lhes concedia que falassem". Eram sinais adaptados a essa época. Precisava haver aquela evidência do Espírito em todas as línguas, mostrando que o evangelho de Deus havia de correr através de todas as línguas sobre a terra. Aquilo foi como evidência e então passou" (AGOSTINHO apud CHANTRY, 1996, pp.129-130).

Esse debate veio à tona novamente nos tempos da Reforma, por meio dos escritos de Martinho Lutero e João Calvino. O carisma da cura miraculosa, segundo o pensamento de Martinho Lutero (1988, p.420), "[...] tratava-se de um certo rito na igreja primitiva, pelo qual se faziam milagres entre os enfermos [...] desapareceu há muito [...]". Essa opinião ainda prevalece nas Igrejas luteranas confessionais. Outro reformador – João Calvino –, relaciona a cessação dos carismas com a *parusia*. O reformador comenta o texto bíblico de 1 Coríntios 13.8-10:

Mas quando tal perfeição virá? Em verdade, ela começa na morte, quando nos despimos das inúmeras fraquezas juntamente com o corpo; ela, porém não será plenamente estabelecida, até que chegue o dia do juízo final, como logo veremos. Portanto, desse fato concluímos que é algo em extremo estúpido alguém fazer toda essa discussão aplicar-se ao estado intermediário (CALVINO, 2015a, p.467).

Em outras obras de João Calvino, é possível entender na íntegra seu pensamento teológico sobre os carismas. Por exemplo, escrevendo sobre dons de

cura ele argumenta “[...] que o mesmo há muito tempo evidentemente cessou, bem como seu significado” (CALVINO, 2015c, p.122). Essa discussão sobre cura e restauração da saúde ocorre no contexto da unção com óleo, destinada aos enfermos, conforme registra o livro de Tiago 5.13-17. Ao comentar também o texto de 1 Coríntios 14, ele escreve sobre a grande variedade de carismas ainda operando na igreja primitiva:

À luz desta passagem podemos deduzir o quanto aquela igreja florescia com uma notável riqueza e variedade de dons espirituais. Pois havia escolas de profetas, para que houvesse esmero e cumprissem a tarefa de distribuir seus respectivos turnos. Havia tão grande diversidade de dons, que havia superabundância. Hoje vemos nossos próprios recursos reduzidos, pior ainda, nossa pobreza [...] (CALVINO, 2015a, p.506).

O reformador observou certa redução na concessão dos carismas, especialmente aqueles de categoria extraordinária e revelacional, após o final da era apostólica. No entendimento de Calvino (2014, p.495), o dom de profecia foi um daqueles carismas que vicejou no início da igreja e que, mais tarde, teve um processo de desaparecimento nas comunidades. Lembrando que a glossolalia quando interpretada, equivalia ao carisma da profecia (1Co 14.4,11), logo fica também subentendida sua cessação.

Embora haja certo silêncio da História em relação aos carismas extraordinários na igreja, esse silêncio não deve ser tomado como argumento conclusivo ou prova irrefutável para a cessação. Mesmo assim, para a escola cessacionista, são informações que devem ser levadas em consideração, juntamente com a evidência de que esses dons carismáticos eram sinais dos Apóstolos. No entendimento do conceito cessacionista, aqueles que hoje alegam possuir esses carismas devem fornecer as provas de que são eles da mesma categoria daqueles mencionados nos textos do NT. Enfim, a discussão sobre a continuidade ou descontinuidade dos carismas extraordinários não surgiu com Calvino nem com os demais teólogos Reformados, vindo, porém, de longa data.

3.5.4. Cessacionismo não significa negar a possibilidade de milagres

O Conceito da cessação dos carismas não tem sido bem compreendido, principalmente por aqueles que estão na posição contrária dessa perspectiva. Embora

na concepção teológica reformada clássica os dons extraordinários, entre eles curas, línguas e profecias e milagres tenham cessado no final da era apostólica, isso não significa que Deus não esteja ativo no meio do Seu povo. Deus continua operando sinais e maravilhas. Conforme observa um reformado carismático:

Nunca deveríamos subestimar o amor de nossos amigos cessacionistas por Deus, pelas Escrituras, pela sã doutrina e pela vida santa. Eles são o sal da terra [...] eles certamente aceitam o milagroso na Bíblia. Contudo, eles simplesmente não crêem que Deus se revele a Si mesmo, de maneira direta e imediata, através da revelação hoje. É claro que ele pode fazê-lo, dizem. Porém, ele decidiu soberanamente não demonstrar o Seu poder como fazia nos tempos da igreja primitiva [...] (KENDALL, 2015, p.166).

De acordo com a citação acima, na escola cessacionista Deus continua agindo e, algumas vezes, de modo sobrenatural. Isso acontece de conformidade com o seu soberano plano ou como resposta às orações do Seu povo. Essa é uma observação importante, considerando que algumas pessoas, em certos grupos de orientação pentecostal e neopentecostal, argumentam que, na concepção cessacionista, não há mais espaço para a atuação sobrenatural de Deus. Essa é uma observação equivocada, como demonstra um destacado estudioso reformado adepto do cessacionismo:

“Deus pode operar um milagre quando quiser e onde Ele quiser, e Ele pode responder à oração de uma forma fora do comum quando Ele decidir fazê-lo [...] dizer que o OS DONS foram dados somente para aquele período, não significa negar a possibilidade de milagres hoje, nem a possibilidade de maravilhosas respostas às orações, e coisas que evidentemente pertencem à esfera sobrenatural” (JONES, 1996, p.14).

Deus continua sendo onisciente. A presença de Deus no meio das reuniões de adoração de seu povo é uma realidade sempre presente. John Frame, um cessacionista reformado escreve: “Não se pode duvidar que Deus está pessoalmente presente de maneira pessoal nas assembleias cristãs [...] em seus aspectos temporários e extraordinários” (FRAME, 2006, p.56). Essa presença se dá na vida pessoal e comunitária. Deus age na individualidade e na coletividade. Sua ação pode ocorrer pelos meios naturais, ordinários, porém, algumas vezes, de modo sobrenatural, extraordinário.

Deus se manifesta também no culto cristão. Joseph Pipa observa que “devemos orar durante a semana pela proclamação da Palavra, pedir para que o pastor possa pregar no poder do Espírito Santo [...]; que o próprio Deus fale a nós e a

cada pessoa na igreja por intermédio da pregação” (2000, p.213-214). A Palavra de Deus é transformadora. Por meio dela pessoas são convertidas. Esse continua sendo um dos maiores milagres. A pregação continua sendo uma das partes mais importantes na liturgia dominical.

Considerando que Deus continua soberano sobre todas as coisas, líderes das igrejas devem orar por intervenções de Deus:

“Nenhum cristão de pensamento sóbrio negaria que Deus continua em atividade no mundo, fazendo coisas maravilhosas em resposta às orações [...] é oportuno para o enfermo não só consultar um médico, mais ainda chamar os presbíteros para que orem por ele [...] pessoas continuam sendo curadas por Deus [...]” (FERGUSON, 2014, p.312).

Mesmo com a cessação do carisma da cura, os crentes devem orar por milagres dessa natureza, mesmo em comunidades reformadas cessacionistas:

“Aos crentes de hoje falta o dom de cura que os apóstolos possuíam na época em que a Igreja neotestamentária estava em sua infância [...] A cura acontece porque Deus responde à oração que os crentes oferecem em fé. Os crentes reconhecem que Deus realiza o milagre de curar os doentes em resposta à oração [...]” (KISTEMAKER, Simon, 2004, p.586).

A imagem que muitos têm dos cultos em igrejas reformadas é aquela de um culto frio e engessado. Por exemplo, Pipa (2000, p.214) observa que “precisamos orar pela ajuda do Espírito Santo e adorar: que ele manifeste a nós a presença de Deus, que ele nos capacite adorar com o coração [...]. Há espaço para palavras proféticas, como observa Gaffin: “Frequentemente, também, o que é tido como profecia é, de fato, uma espontânea aplicação da Escritura operada pelo Espírito [...] Todos os cristãos precisam estar abertos a estas operações mais espontâneas do Espírito (2010, p.131). Ou seja, mesmo em ambiente cessacionista, a adoração na igreja deve ocorrer no poder do Espírito.

3.6. Carismas no posicionamento Reformado continuísta moderado

Nos tópicos anteriores observamos a primeira visão sobre os carismas na igreja. Ela tem sido denominada de “cessacionismo”. Entretanto tem ocorrido entre teólogos e igrejas reformadas, uma certa abertura ou até mesmo um repensar sobre a presença dos carismas na igreja, entre eles os carismas miraculosos. Isso tem

ocorrido com maior ou menor grau entre as igrejas presbiterianas, batistas reformadas e anglicanas.

Essa perspectiva tem sido denominada de “continuísmo moderado”.³⁷ Segundo Hernandes Dias Lopes (2008, p.224), “são aqueles [...] que crêem na contemporaneidade dos dons [...] que os mesmos dons espirituais concedidos pelo Espírito Santo no passado, estão disponíveis para a igreja atualmente”. Embora seja uma escola bastante positiva em suas asserções, há certas variações sobre a intensidade e quais carismas miraculosos continuam operando na igreja. A seguir, serão apresentados alguns argumentos para a continuidade dos carismas na igreja, sob essa perspectiva.

3.6.1. Apóstolos e demais cristãos exerciam carismas miraculosos

Os dons extraordinários operavam unicamente pelas mãos dos apóstolos, como entendem os cessacionistas? De acordo com o continuísmo moderado, a resposta é não. Por exemplo, Wayne Grudem (1999, p.884) questiona a tese cessacionista, apontando que no ministério de Estevão e Felipe ocorreram vários milagres, sinais e maravilhas (At 6.8; 8.6-7), sendo que o mesmo ocorreu por meio de Felipe. Na opinião de Jack Deere (1995, p.224), Filipe e estevão são provas de que os milagres não ocorriam apenas por meio da agência dos Apóstolos.

Considerando que Estevão e Felipe não eram apóstolos, como explicar as ocorrências de manifestações miraculosas em seus ministérios como listadas acima? Se de fato, argumenta Deere (1995, p.223), os sinais e maravilhas eram sinais exclusivos dos Apóstolos e serviam apenas para autenticar e mensagem apostólica, por qual razão então sinais e maravilhas foram realizados por dois não apóstolos? Um outro estudioso reformado, adepto do continuísmo moderado observa:

Além dos apóstolos, outros cristãos comuns que exerceram dons milagrosos, incluíram: os setenta seguidores de Jesus que expulsaram demônios (ver Lc 10.9,19-20) [...] Ananias, um leigo (ver At 9) [...] irmãos anônimos da Galácia realizaram milagres (ver Gl 3.5) [...] Obviamente, não era necessário um apóstolo estar presente para orar ou impor às mãos sobre as pessoas para que os dons como o de profecia se manifestassem (STORMS, 2014, pp.24-25).

³⁷ No contexto protestante histórico, o continuísmo moderado é uma posição situada entre o cessacionismo e o movimento carismático.

Observamos que na concepção cessacionista, milagres, sinais e maravilhas eram marcas dos Apóstolos. Nenhum continuísta contraria essa tese. Entretanto, a questão é saber se essas eram marcas unicamente dessa natureza ou haveria outras. Wayne Grudem (1999) lista outros sinais do apostolado, entre eles o poder espiritual, zelo pelo bem-estar das igrejas, auto sustento, sofrimento, dificuldades, contentamento e força na fraqueza. De modo que os sinais dos apóstolos envolviam muito mais do que a realização de sinais e milagres.

3.6.2. A conclusão do Cânon não encerra os carismas miraculosos

Difícilmente o sentido do termo “perfeito” em 1 Coríntios 13.10, estaria relacionado com a conclusão do Cânon das Escrituras. A determinação exata do “perfeito” é conclusiva para a continuidade ou não dos carismas na igreja. São muitas as possíveis interpretações para esse termo. Segundo a observação de Carson, esse “perfeito” pode estar relacionado com a maturidade da igreja na parúsia ou segunda vinda de Jesus (2013, pp.70-71). O mesmo autor chama atenção para a necessidade de olhar com equilíbrio quanto a essas várias linhas de pensamento:

Se esse momento puder ser estabelecido no primeiro ou no segundo século, então nenhum suposto dom de profecia, conhecimento ou línguas é válido hoje. Por outro lado, se esse momento for estabelecido na parúsia, então não há mais nada nessa passagem para excluir o dom de línguas ou profecia hoje. É claro que isso não necessariamente significa que toda reivindicação atual de algum dom carismático particular seja válida. Também não significa necessariamente que um dom carismático ou dons carismáticos não possam ter desaparecido antes da parúsia. Significa, contudo, que a Escritura não oferece fundamento para os que querem eliminar todas as reivindicações dos dons carismáticos hoje (2013, p.72).

É interessante o fato de que até mesmo entre reformados cessacionistas, há quem admita essa dificuldade com a ideia de que “perfeito” refira-se a parúsia. Simon Kistemaker, um cessacionista, observa que dificilmente os Coríntios entenderiam que as palavras de Paulo se referiam à conclusão do Canon (2004, p.648). Para outro cessacionista reformado, “[...] ler este versículo como se as línguas tivessem de cessar após a era apostólica é interpretá-lo mal [...] se o versículo quisesse dizer isto, então a ciência também deveria ter cessado” (BOICE, 2011, p.538). A ciência, longe de cessar, vem se multiplicando no decorrer da História da Igreja.

Para Calvino, a cessação definitiva dos carismas, conforme leitura nessa passagem (1Co 13.10), é algo que deve ocorrer no futuro:

Ele então mostra que a profecia e todos os demais dons desse gênero serão destruídos, visto que nos são outorgados para auxiliar-nos em nossa debilidade. Ora um dia nossa imperfeição chegará ao fim; portanto, o uso desses dons também cessará concomitantemente. Porquanto seria absurdo que continuassem em vigor quando não haja mais nenhuma necessidade deles; por isso, perecerão [...] (CALVINO, 2015a, p.466).

Para Calvino, a chegada do “perfeito” não está relacionada ao fechamento do Cânon, como pensam alguns no cessacionismo. Conforme já citado anteriormente, nesta dissertação, para o reformador, o “perfeito” relaciona-se com os futuros eventos escatológicos:

Mas quando tal perfeição virá? Em verdade, ela começa na morte, quando nos despimos das inúmeras fraquezas juntamente com o corpo; ela, porém não será plenamente estabelecida, até que chegue o dia do juízo final, como logo veremos. Portanto, desse fato concluímos que é algo em extremo estúpido alguém fazer toda essa discussão aplicar-se ao estado intermediário (CALVINO, 2015a, p.467).

Na concepção do Apóstolo Paulo, os carismas continuarão na igreja até os tempos da parúsia: “de modo que não lhes falta nenhum dom espiritual, enquanto vocês aguardam que o nosso Senhor Jesus Cristo seja revelado” (1Co 1.7-NVI). Qual o significado dessa passagem, contrapondo com o texto com 1 Coríntios 12.10, onde aparece a ideia de “perfeição”? Martin Lloyd Jones desafia o pensamento cessacionista, principalmente aqueles que se agarram na suposta “perfeição” oriunda do fechamento do Cânon do NT, indicando resultados com significados, no mínimo, curiosos:

“Significa que eu e você, que temos as escrituras abertas diante de nós, conhecemos a verdade de Deus muito mais do que o Apóstolo Paulo [...] Significa que somos superiores, até mesmo aos Apóstolos [...] Que conhecemos como somos conhecidos por Deus [...] Realmente só existe uma Palavra para descrever tal ponto de vista: Absurdo” (JONES Apud GRUDEM, 1999, p. 880)

No contexto da teologia reformada no Brasil, a Igreja Presbiteriana do Brasil tinha e ainda tem, entre seus pastores, teólogos e membresia, aqueles que se alinham com o pensamento cessacionista. Todavia, o posicionamento oficial da denominação está claramente exposto em sua *Carta Pastoral sobre o Espírito Santo* e os dons espirituais. Tomando o carisma da glossolalia como exemplo, a carta pastoral do Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil argumenta que a perfeição em 1 Coríntios 13.10, não se refere ao fechamento do Cânon, e sim à vinda de Jesus:

Os que crêem na cessação absoluta do dom de línguas têm, às vezes, apelado para 1 Co 13.10 como evidência. Entretanto, esta passagem não pode ser usada como prova indiscutível da cessação das línguas, visto que não é claro no texto que [...] “o que é perfeito,” se refira quer ao fechamento do Cânon, quer à maturidade espiritual da Igreja, podendo perfeitamente ser uma referência à Segunda Vinda de Cristo (*CARTA Pastoral*, 1996, p.15).

Conforme observado anteriormente, no pensamento cessacionista é possível que alguns carismas tenham cessado. Há também o entendimento de que a *Confissão de Fé de Westminster* aponta para a cessação dos carismas extraordinários. A *Confissão de Fé* ensina, de fato, a cessação da escrituração do Novo Testamento (*SÍMBOLOS de Fé*, 2014). Todavia, é preciso observar que a ênfase da CFW, faz referência à cessação da escrituração e não diretamente a cessação dos carismas extraordinários como línguas, profecias, curas e outros. De modo que prova irrefutável que evidencie que, com a conclusão do Cânon, tenha-se encerrado a concessão dos carismas extraordinários não é o ponto de discussão na CFW.

3.6.3. Os carismas miraculosos ocorreram na História

O nível de atuação dos carismas miraculosos diminuiu após o segundo século. Isso não significa o desaparecimento total na História Igreja. Por exemplo, Inácio (1995, p.69.) viveu entre 35 e 107 d.C., e relata sua experiência com profecias e palavra de conhecimento. Por volta de 155 d.C., Policarpo (1995, p.90) teve a visão de sua própria morte quando buscava comunhão com Deus em oração. Justino (1995, p.155), em torno de 165 d.C., escreveu: “Entre nós, com efeito, até o presente existimos carismas proféticos [...] vós mesmas deveis compreender que os de antes que existiam em vosso povo, passaram para nós”. Por volta de 258 d.C., havia ainda forte atuação dos dons do Espírito:

“O Espírito [...] é, portanto, quem constitui na Igreja os profetas, instrui os mestres, organiza o dom de línguas, realiza prodígios e curas, produz obras maravilhosas, dá o discernimento dos espíritos, fornece o poder de governo, sugere os conselhos, compõe e reparte quaisquer outros dons de carismas, e, assim, torna perfeita e consumada a Igreja do Senhor sob todos os aspectos e em todas as coisas” (NOVACIANO, 2017, p.89).

Os dons continuaram a manifestar-se na igreja. No ano de 202 d.C., Irineu (1995, p.309) escreveu: “irmãos na Igreja, que possuem o carisma profético [...] falam em todas as línguas, revelam as coisas escondidas dos homens, para sua utilidade e

expõem os mistérios de Deus”. Em meados de 430 d.C., Agostinho (1961, p.342) testemunha: “Também agora se fazem milagres em seu nome, quer por seus sacramentos, quer pelas orações [...] porém sua fama e sua glória não se estendem como as daqueles [...]”. Ele cita mais de uma dezena de curas ocorridas em seu tempo. Um fato curioso é que é que no início de sua vida cristão, Agostinho havia negado a continuidade dos milagres.

Outros estudos também demonstram a continuidade dos carismas na história. Na opinião de Carson (2013, p.168), talvez o maior teólogo reformado da atualidade, há evidência histórica suficiente em favor da continuidade dos carismas, mesmo que ocorrendo de modo esporádico. Segundo pesquisas de Osborne (2009, p.441), a prática da glossolalia ocorreu em alguns mosteiros na Idade Média; na vida de Francisco Xavier; entre os Huguenotes no sul da França, e até, possivelmente, na vida de Martinho Lutero.

O dom da profecia parece de modo destacado entre diversos teólogos reformados. Vale a pena ressaltar que por profecia se entende uma palavra de sabedoria, e em casos raros visão do futuro, para um momento específico, sem nenhuma relação com a profecia canônica que cessou com os Apóstolos. De acordo com Grudem (2004, p. 445-457), entre os reformadores de segunda geração, havia aqueles que praticavam a profecia, entre eles John Knox, Samuel Rutherford, George Gillespie, William Bridge, Richard Baxter. E de acordo com Jack Deere (1998, p.67-74), homens como “John Welsh, Robert Bruce, Alexandre Peden, Jorge Wishart também praticaram a profecia. Esse dom manifestou-se de modo dramático no ministério de Charles Spurgeon:

Certa vez, enquanto pregava no Exeter Hall, em Londres, ele interrompeu seu sermão e apontou em certa direção declarando: “Jovem, as luvas que você está vestindo não foram pagas: você as furtou de seu empregador”. Após o culto, um jovem visivelmente pálido e agitado, aproximou-se e pediu para falar-lhe em particular: foi a primeira vez que furtei meu patrão e nunca mais farei isso de novo (SPURGEON apud STORMS, 2014, p.49).

No primeiro capítulo observamos a pneumatologia de Calvino em ênfase nos carismas. Embora o reformador reconheça o desaparecimento de muitos dons, mesmo assim entende que esses carismas, em última análise, devem permanecer em maior ou menor grau até a vinda de Cristo (CALVINO, 2015a, p.467). Ele ainda estava disposto a aceitar que não havia unanimidade sobre a profecia e sua forma de atuação

na comunidade do povo de Deus, de modo que era necessário a tolerância (CALVINO, 2015a, p.451). Para Calvino, se Deus assim quiser pode conceder os dons, até mesmo a semelhança do apostolado:

Paulo nomeia, primeiro, os apóstolos; depois, os profetas; depois, os evangelistas; depois, os pastores; e, por fim, os doutores (Ef 4, 2). Entre esses encargos, somente os dois últimos possuem múnus permanente na Igreja; os outros três foram suscitados pelo Senhor no início de seu reino, isto é, quando o Evangelho começou a ser pregado, e, por vezes, ainda os suscita na medida em que a necessidade dos tempos o exige." (CALVINO, 2009, p.502).

Ao contrário de certos cessacionistas extremados da atualidade, que parecem celebrar o desaparecimento de alguns carismas, Calvino, por outro lado, lamenta a ausência dos dons extraordinários para a edificação da comunidade:

[...] quanto aquela igreja florescia com uma notável riqueza e variedade de dons espirituais. Pois havia escolas de profetas, para que houvesse esmero e cumprissem a tarefa de distribuir seus respectivos turnos. Havia tão grande diversidade de dons, que havia superabundância. Hoje vemos nossos próprios recursos reduzidos, pior ainda, nossa pobreza; mas nisto temos um justo castigo, enviado como recompensa de nossa ingratidão (CALVINO, 2015a, p.506).

Autores reformados da atualidade reconhecem a importância do pensamento e posicionamento moderado, não somente de Calvino, mas Lutero também em relação aos carismas. O doutor R. C. Sproul (2013, p.141), argumenta que "A questão do falar em línguas certamente não foi ignorada pelos grandes santos [...] Lutero e Calvino falavam favoravelmente sobre o dom, embora pareçam tê-lo ligado à pregação missionária [...]". O dom de línguas tem ocorrido entre reformados, inclusive entre ministros ordenados:

Um dos pastores da igreja da Escócia estava internado na unidade de tratamento intensivo de um hospital em Glasgow. Ele sabia que sua vida estava por um fio – a qualquer minuto poderia estar face a face com seu Senhor. E de repente notou que estava falando em uma língua que nunca ouvira antes. Contou a um amigo, mas nunca mais tocou no assunto com ninguém. Recuperou a saúde e serviu a seu Senhor por mais alguns anos" (GRAHAM, 1995, p.162).

Retomando as ocorrências históricas de outros carismas, há testemunhos relatando casos de recuperação milagrosa em questões envolvendo a saúde. Chappell (2009, p.394) relata experiências de curas entre os Valdenses; na experiência pastoral de Lutero; no ministério de alguns reformadores ingleses e entre os irmãos Morávios. Se o dom de cura está disponível hoje, por que aqueles que

possuem o carisma não saem pelos hospitais curando todas as pessoas? Essa é uma pergunta interessante e desafiadora. Deere (1995, p.65) apresenta uma resposta interessante: “[...] o dom de curas não é automático, nem pode ser exercido segundo nossos próprios critérios. O próprio Senhor Jesus esteve em um “hospital”, mas curou somente um homem”. A referência faz alusão ao paralítico curado junto ao tanque de Bestesda, local aglomerado de enfermos.

Nenhum continuísta moderado ensina que os milagres ocorrem hoje na mesma intensidade que ocorriam na igreja apostólica. Grudem (1999, p.908) observa que mesmo nos tempos apostólicos Epafrodito adoeceu quase que mortalmente (Fl 2.7); Paulo recomendou a Timóteo o uso do vinho medicinal (1Tm 5.23); e relata a enfermidade de Trófimo (2Tm 4.20). Por que o Apostolo Paulo não os curou? Esses casos servem de indicativo que mesmo nos tempos apostólicos os dons miraculosos não eram exercidos livremente, mas operavam debaixo da soberania de Deus.

Esses casos de manifestação de carismas extraordinários, alguns deles ocorridos entre cristãos reformado, apontam para a continuidade na comunidade cristã. Nas últimas décadas, a Igreja Presbiteriana do Brasil tem tomado uma posição pluralista em relação aos carismas extraordinários, acolhendo tanto o cessacionismo clássico, quanto adeptos do continuísmo moderado. Isso pode ser observado na literatura oficial da denominação. Por exemplo, a Bíblia de Estudo de Genebra, com notas teológicas em perspectiva reformada, expõe tanto o pensamento cessacionista quanto o pensamento continuísta moderado:

É provável que Paulo tenha mencionado esses três itens como representantes de todos os dons espirituais que terão uma função temporária e terrena até o fim de nossa era. Outros têm sugerido que esses três dons, em particular, foram mencionados por Paulo por terem uma função reveladora que chegou ao fim ao se completar o cânon do Novo Testamento (*BÍBLIA de Genebra*, 1999, p.1362).

A crença na continuidade e na prática dos carismas de natureza miraculosa nas igrejas reformadas, acarretaram algumas mudanças significativas na liturgia e prática em muitas de suas comunidades locais. Diante disso, ocorreu a necessidade de um posicionamento oficial do Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil, por meio da Comissão Permanente de Doutrina. A *Carta Pastoral sobre o Espírito Santo* e os dons, após sua confecção, foi publicada nos veículos oficiais de comunicação da denominação, e enviada aos sínodos, presbitérios e igrejas locais.

Tomando como exemplo o carisma da glossolalia, a *Carta Pastoral* ensina e orienta que:

A igreja ensina e a igreja crê, que em Sua soberania, Deus pode conceder o dom de línguas à igreja quando lhe aprovar, em qualquer período da história. A igreja também ensina e a igreja crê igualmente, que uma manifestação genuína do dom de línguas deverá sempre seguir o padrão revelado pelo próprio Deus na Escritura, quanto à sua natureza, propósito e utilização. A igreja não se sente compelida a aceitar como genuínas quaisquer manifestações contemporâneas de “línguas” que não se conforme com o precedente estabelecido pelo Espírito Santo nas Escrituras. Cabe aos que acreditam e tem ensinado que Deus tem renovado esse dom na igreja contemporânea, o ônus de fornecer evidências claras e inequívocas de que estas coisas são assim. (*CARTA pastoral*, 1996, p.16).

Conforme exposto nos tópicos anteriores, há, basicamente, duas correntes na Tradição Reformada em relação aos carismas miraculosos: A visão clássica representada pelo “cessacionismo”, e a visão mais recente denominada de “continuismo moderado”. As duas concepções estão presentes entre Igrejas, Pastores e membros da Igreja Presbiteriana do Brasil. É importante que se diga que há bons argumentos tanto na escola cessacionista quanto na continuísta. As duas correntes mostram pontos fortes e pontos fracos. A escola continuísta moderada tem apresentado argumentos mais convincentes, desfrutando, assim, de maior aceitação no contexto reformado brasileiro.

As decisões da Igreja Presbiteriana do Brasil estão em harmonia com seus cânones, ou seja, do ponto de vista constitucional, são decisões legais. Porém, as opiniões teológicas e decisões oficiais tomadas nesses Concílios não são perfeitas e inerrantes e carecem muitas vezes de reflexão e amadurecimento, não devendo ser tomadas como verdades absolutas (KYLE apud *SÍMBOLOS de Fé*, 2014, p.15). A própria Confissão de Fé de Westminster, documento de Fé das Igrejas Presbiterianas relembra que:

Todos os sínodos e concílios, desde os tempos dos apóstolos, quer gerais quer particulares, podem errar, e muitos têm errado; eles, portanto, não devem constituir regra de fé e prática, mas podem ser usados como auxílio em uma e outra coisa (*SÍMBOLOS de Fé*, 2014, p.101).

Finalmente, sendo a Igreja Presbiteriana do Brasil uma denominação de tradição reformada, deve prezar por suas decisões conciliares. Essa atitude demonstra, entendo, que a igreja segue em frente, refletindo as orientações do Espírito em questões teológicas e pastorais. Como visto logo acima, a Igreja

reconhece a possibilidade de falha na interpretação, carecendo avançar no processo de amadurecimento. Diante disso, deve haver respeito mútuo entre aqueles que defendem diferentes perspectivas teológicas, tendo o amor como guia e linha mestra: “Acima de tudo, porém, revistam-se do amor, que é o elo perfeito” (Cl 3.14-NVI).

3.7. Síntese reflexiva do capítulo

Neste capítulo, tratamos da teologia do Espírito Santo na tradição reformada mais recente. Iniciamos, por meio de um olhar exegético nas palavras originais no hebraico e no grego traduzidas por “Espírito”. Em seguida, retomamos as listas de carismas, agora, porém sob uma perspectiva mais contemporânea. Apresentamos uma breve exposição da *Carta Pastoral da Igreja Presbiteriana do Brasil* sobre o Espírito e dons na Igreja, enfatizando o sentido do “batismo no Espírito”.

Na sequência, expomos o problema da continuidade e descontinuidade dos carismas na igreja. A corrente cessacionista em relação aos carismas extraordinários – profecias, línguas, curas etc –, entende que esses dons estiveram em evidência no período apostólico, vindo a declinar gradativamente na História. Por outro lado, a corrente continuísta moderada argumenta que os carismas extraordinários continuam em operação na igreja. Essas duas perspectivas teológicas estão presentes na tradição reformada, com maior ou menor ênfase.

O sopro dinâmico da *ruach* moveu e animou o povo de Deus no Antigo Testamento. A vida e ação da igreja sob o Novo Testamento é guiada pelo *pneuma*, o sopro, vento e folego divino. Não se trata de uma simples força ou energia, mas de uma pessoa. Na teologia cristão é a Terceira Pessoa da Trindade. A ação do Espírito pode ser observada na Palavra de Deus desde a criação do mundo, passando pelas concessões de carismas artísticos no período do Antigo Testamento, de modo que, retomamos os aspectos principais da pneumatologia, agora, porém, numa perspectiva teológica em diálogo com a tradição reformada mais recente.

Destacamos o interesse e a redescoberta dos carismas extraordinários, com destaque para o apostolado, a profecia, as curas e o falar em línguas, este último dom o mais cobiçado e polêmico dos carismas. O debate sobre a descontinuidade ou continuidade dos carismas extraordinários na igreja ainda tem sido motivo de calorosas discussões teológicas. Procuramos apresentar as duas perspectivas sobre

o tema, dialogando com a *Carta Pastoral sobre o Espírito Santo*, documento do Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil.

Apesar de avanços e convergências teológicas em diversos aspectos, ainda tem prevalecido a injustiça social. O mundo moderno rodeado de tecnologia não tem conseguido suprir as necessidades básicas do ser humano, seja por interesse ou desinteresse. A comunidade do povo de Deus, sob o poder do Espírito, continua sua missão social através das obras de misericórdia. Dentro da delimitação proposta nesta dissertação, a Igreja Presbiteriana do Brasil tem realizado importantes obras sociais visando cumprir a missão da busca por estabelecer a justiça do reino através dos carismas da diaconia e serviço ao próximo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em termos práticos, como a pneumatologia e a teologia dos carismas ajudam o povo de Deus em sua caminhada no dia a dia? Devemos nos lembrar de que a Humanidade, fruto da Criação, é obra da ação criadora do Espírito. Desde o Gênesis até ao Apocalipse, a mão poderosa de Deus se move por meio do Espírito criador e recriador. A vida nova e a regeneração do pecador são frutos do poder transformador do Espírito. O nascimento da igreja no dia de Pentecostes ocorreu como resultado da vinda do Espírito. Essa igreja é fortalecida, animada e capacitada a cumprir sua missão por meio dos dons espirituais.

Considerando que muitas das comunidades de tradição reformada estão situadas em localidades carentes, a atuação social por meio dos carismas do Espírito é mui proveitosa. Devemos ter em mente que o amor é a medida de todos os carismas, como ensina Paulo em 1Coríntios 13. Os dons devem ser pautados pela prática do amor a Deus e ao próximo. Infelizmente, algumas pessoas, e até mesmo certos movimentos, se concentram muito nos carismas que trazem visibilidade, como o falar em línguas, curas e profecias, e deixa de lado aqueles carismas mais relacionados com o amor ao próximo.

Vivemos em tempos de desajustes sociais, por vezes em nível global. É necessário um resgate desses carismas, visando ao cuidado do pobre, do imigrante, dos enfermos e outros malefícios. Essa temática aparece em alguns dos carismas na lista de Romanos, com destaque para o dom de servir e o dom do exercício da

misericórdia. Esses carismas são expandidos em todo o capítulo 12 de Romanos, sendo enfatizados seus aspectos práticos. O exercício dos carismas deve ocorrer no espírito e modelo de Jesus de Nazaré, o diácono por excelência, conforme relata o santo evangelho:

Jesus os chamou e disse: "Vocês sabem que os governantes das nações as dominam, e as pessoas importantes exercem poder sobre elas. Não será assim entre vocês. Pelo contrário, quem quiser tornar-se importante entre vocês deverá ser servo, e quem quiser ser o primeiro deverá ser escravo; como o Filho do homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos" (Mt 20.25-28 – NVI).

João Calvino, em sua teologia do Espírito Santo, procurou abordar a questão em termos teológicos, sem ignorar as questões de vida prática. Conforme observado na introdução desta dissertação, no período da Reforma, vários temas foram abordados, sendo mais enfatizados aqueles relacionados com a soteriologia. Nenhuma obra específica sobre pneumatologia foi escrita por João Calvino. Entretanto, em todas as partes de seus escritos ocorrem referências à obra do Espírito. No período subsequente à Reforma, por meio das confissões reformadas e outros autores, ocorreu uma retomada em relação à pneumatologia, seja na corrente holandesa da teologia reformada ou na corrente Presbiteriana, nas Ilhas Britânicas.

Na concepção de João Calvino, em maior ou menor grau, e demais estudiosos prevaleceu o posicionamento cessacionista em relação aos carismas extraordinários. Relembramos que no período da patrística ocorreu uma diminuição na manifestação carismática, não, porém seu desaparecimento total. Observamos, também, que mais recentemente, ocorreu certa retomada e abertura para a prática dos dons miraculosos. Diante de mudanças, surgem dúvidas e posicionamentos diferentes sobre o assunto. Isso está bem presente no contexto teológico e pastoral da Igreja Presbiteriana do Brasil, igreja que acolhe certa pluralidade de pensamentos em relação ao tema.

A discussão continua sob a influência de duas escolas de pensamento. A primeira delas, denominada de "cessacionista" e a segunda escola sendo a corrente "continuísta moderada". Em algumas igrejas prevalece a visão cessacionista, enquanto que em outras ocorre uma abertura maior às operações carismáticas. Essa última, continuísta moderada, ocorreu, segundo Grudem (1999, p.884), diante de evidências cada vez mais claras da presença de carismas miraculosos em operação

na história da igreja. Considerando a importância desse assunto, esses dois polos de pensamento serviram como justificativa para a presente pesquisa.

Sempre que são observados textos bíblicos abordando milagres é preciso olhar as promessas a eles vinculadas em conexão com a soberania de Deus. Hoekema (1997) esclarece orar com fé não é uma tentativa de ditar a Deus a obrigatoriedade da cura, mas que essa ação deve estar submissa a sua vontade suprema. Os caminhos e plano de Deus nem sempre são o que a pessoa deseja ou aquilo que os líderes e a comunidade local esperam. Ambos, enfermo e liderança, devem buscar sabedoria: “Se algum de vocês tem falta de sabedoria, peça-a a Deus, que a todos dá livremente, de boa vontade; e lhe será concedida” (Tg 1.5).

Retomando questões técnicas, esta pesquisa demandou o procedimento metodológico denominado de revisão de literatura. O ponto de partida para essa pesquisa no campo da pneumatologia dialogou de início com as obras de João Calvino. Destaque para as *Institutas da Religião Cristã* e também seus “comentários”, mais especificamente a Romanos, 1 Coríntios, Efésios e às Cartas Gerais. Uma segunda categoria de fontes foram as confissões reformadas, por meio das *Três Formas de Unidade* (*Confissão Belga*, *Catecismo de Heidelberg* e *Cânones de Dort*), bem como os *Símbolos de Westminster* (*Confissões e Catecismos*). Também destaque para o teólogo reformado holandês Abraham Kuyper, e representantes mais recentes da teologia reformada, entre eles Wayne Grudem, Sam Storms, D. A. Carson e outros.

Propusemos, como objetivo geral, apresentar uma pesquisa sobre a pneumatologia bíblico-reformada, tendo como ponto de partida o pensamento de João Calvino e seus desdobramentos na tradição reformada. Tencionamos também alguns objetivos específicos, com destaque para a identificação das principais listas de carismas no Novo Testamento, e como esses dons foram entendidos na perspectiva de Calvino e outros estudiosos reformados. Apontamos os conceitos de cessação e continuidade dos carismas no pensamento reformado. Isso serviu como fio condutor do problema da pesquisa.

Dividimos a pesquisa em três capítulos. No primeiro capítulo, uma avaliação da pneumatologia em geral com destaque para as listas de carismas nos escritos de Calvino. Em sua obra *Institutas da Religião Cristã*, Calvino explorou os temas centrais da pneumatologia, como, por exemplo, o Espírito Santo no contexto da doutrina da

Santíssima Trindade. Assuntos relacionados com a inspiração da Palavra e iluminação por meio do Espírito foram também pesquisados. Por fim, nesse capítulo, uma apresentação das listas de carismas no Novo Testamento, conforme interpretação de Calvino em seus comentários, com destaque para o comentário de Romanos, 1 Coríntios, Efésios e nas Cartas Gerais ou Católicas.

No capítulo dois, foram reintroduzidos os principais temas da pneumatologia e carismas, agora, porém, sob a perspectiva da teologia reformada decorrente. Nesse período, denominado de ortodoxia Reformada, a ênfase recai mais sobre a Pessoa do Espírito, em conexão com os principais temas soteriológicos, conforme releitura da pneumatologia de Calvino, agora expressa nas principais confissões de fé das Igrejas de tradição reformada: *As Três Formas de Unidade* das Igrejas e na *Confissão de Fé Westminster*. Interagimos também com o trabalho de Abraham Kuyper em seu livro *A Obra do Espírito*, cobrindo praticamente todos os assuntos da teologia do Espírito Santo. Por fim, uma apresentação da teologia do Espírito na *Declaração de Fé da Fraternidade Reformada Mundial*.

No terceiro capítulo, a ênfase repousou sobre os textos ou listas relacionadas aos dons espirituais, numa perspectiva reformada mais recente. Destacamos o sentido teológico dos termos “Cessacionismo” e “Continuismo moderado”. A escola “cessacionista”, de visão mais negativa, entende que os carismas miraculosos foram restritos ao período inicial da igreja cristã, tendo cessado após a morte dos apóstolos. Por outro lado, a escola “continuista moderada” se mostra mais positiva, professando que os carismas extraordinários estão ainda disponíveis para a igreja contemporânea. A ocorrência de carismas como profecias, curas e línguas esteve sempre presente na História da Igreja, em alguns períodos, mais evidente, em outros, menos.

Com humildade, julgamos ter alcançado os objetivos propostos. Temos consciência de que este tema é um assunto controverso e deve ser tratado com cuidado, para não ferir a fé das demais pessoas que abraçam pensamentos e posicionamentos diferentes dentro da vasta família de igrejas cristãs. O interesse foi pesquisar o assunto e, dentro da medida do possível, dialogar com as outras correntes de pensamento. Por se tratar de um assunto espinhoso, é sábio não se utilizar de dogmatismo, como aconselha certo teólogo:

[...] porventura esses dons, todos eles, se destinam à Igreja Cristã em todos os tempos? O que temos neste capítulo? Temos aqui uma descrição do que era real somente na Igreja Primitiva ou deve ser

igualmente real para a Igreja de hoje? Esses dons eram temporários, ou são eles de caráter permanente? Podemos aplicar qualquer um desses princípios a todos os dons, ou temos que subdividi-los? Ora, essas são questões muito debatíveis, e vocês sabem que há autoridades de ambos os lados, como invariavelmente é o caso nestas questões difíceis; mas sugiro-lhes humildemente que, neste mundo não podemos chegar a finalidade alguma com respeito a essas questões (JONES, 1996, p.8).

Em que medida a pneumatologia e, em especial, os carismas influenciam as igrejas reformadas na atualidade? Como observa um autor reformado: “O Espírito Santo não pertence a você. Você é carismático? Ele é maior que seus eventos de sinais e maravilhas. Você é Reformado? Ele não está limitado pela sua teologia (KENDALL, 2015, p.19). Isso reflete o próprio ministério do Espírito, um sopro iluminador, não controlador, porém libertador, conforme relato do Evangelho: “O vento sopra onde quer. Você o escuta, mas não pode dizer de onde vem nem para onde vai” (Jo 3.8-NVI). E nas palavras de São Paulo: “Ora, o Senhor é o Espírito e, onde está o Espírito do Senhor, ali há liberdade” (2Co 3.17-NVI).

As necessidades pessoais e comunitárias foram e continuam sendo um desafio. Sem a ação do Espírito, o povo de Deus não encontra ânimo e capacitação para cumprir a missão da evangelização dos povos. Muitas igrejas em países da Europa, Canadá e Estados Unidos da América, milhares de igrejas outrora fortes e atuantes, estão agora fechando as portas. Somente o sopro do Espírito, atuando por meio dos carismas, pode trazer renovação, vivificando a fé e reacendendo a esperança no íntimo de cada alma. É o Espírito que preenche também o vazio existencial, colocando o ser humano numa relação íntima e pessoal com Deus.

Por fim, como dito anteriormente, esta dissertação não se atreveu a esgotar os temas referentes à obra do Espírito Santo. A pneumatologia cristã aponta para uma fonte inexaurível de assuntos a serem explorados. Principalmente localizadas no contexto dos carismas, a glossolalia e a profecia se revestem de interesse especial como objeto de estudo mais aprofundado. Havendo a oportunidade, este autor externa o desejo de pesquisar esses dois temas, vinculando-os a algum projeto de Doutorado em Teologia.

REFERÊNCIAS

ANGLADA, Paulo. **Introdução à Hermenêutica Reformada**. Belém: Knox Publicações, 2006.

AS Três Formas de Unidade das Igrejas Reformadas [Confissão Belga, Catecismo de Heidelberg e Cânones de Dort]. Recife, PE: Clire, 2009.

BERKHOF, Louis. **Teologia Sistemática**. São Paulo: Cultura Cristã, 2012.

BÍBLIA. Português. **Nova Almeida Atualizada** (NAA). Barueri, SP: SBB, 2017.

BÍBLIA. Português. **Nova Versão Internacional** (NVI). São Paulo: Editora Vida, 2007.

BÍBLIA. Português. **A Bíblia de Jerusalém** (BJ) São Paulo: Paulus, 2002.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Estudo de Genebra**. São Paulo: Cultura Cristã, 1999.

BOICE, James Montgomery. **Fundamentos da fé Cristã**. Rio de Janeiro: Central Gospel, 2011.

CALVINO, João. **A Instituição da Religião Cristã - Tomo 1**. São Paulo: Unesp, 2009a.

_____. **A instituição da Religião Cristã - Tomo 2**. São Paulo: Unesp, 2009b.

_____. **As Institutas ou Tratado da Religião Cristã, vol. 1: edição clássica**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006a.

_____. **As Institutas ou Tratado da Religião Cristã, vol. 2: edição clássica**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006b.

_____. **As Institutas ou Tratado da Religião Cristã, vol. 3: edição clássica**. São Paulo: Cultura Cristã, 2006c.

_____. **Institución de la religión cristiana**. Rijswijk (Países Bajos): Felire, 1967.

_____. **Comentário sobre o livro de Joel**. Brasília, DF: Monergismo, 2008a.

_____. **Série comentários bíblicos: Romanos**. São José dos Campos, SP: Fiel, 2014.

_____. **Série comentários bíblicos: 1 Coríntios**. São José dos Campos, SP: Fiel, 2015a.

_____. **Série comentários bíblicos: Gálatas, Efésios, Filipenses e Colossenses**. São José dos Campos, SP: Fiel, 2015b.

_____. **Série comentários bíblicos: 2 Coríntios**. São José dos Campos, SP: Fiel, 2008b.

_____. **Série comentários bíblicos: Pastorais**. São José dos Campos, SP: Fiel, 2009c.

_____. **Série comentários bíblicos: Epístolas gerais.** São José dos Campos, SP: Fiel, 2015c.

_____. **Exposição de Hebreus.** São Paulo: Paracletos, 1997.

_____. **A verdadeira vida cristã.** São Paulo: Novo Século, 2000.

CALVIN, John. **Commentary on the book of the prophet Isaiah.** Grand Rapids: Baker Book House, 1996.

CARSON, D. A. **A manifestação do Espírito.** São Paulo: Vida Nova, 2013.

CARTA pastoral: O Espírito Santo hoje: Dom de línguas e profecia. São Paulo: Cultura Cristã, 1996.

CHANTRY, Walter. J. **Sinais dos Apóstolos: Observações sobre o pentecostalismo – antigo e moderno.** São Paulo: PES, 1996.

CHAPPELL, Paul. G. **Cura, Curar.** In: ELWELL, Walter (org). **Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã: Em 1 volume.** São Paulo: Edições Vida Nova, 2009.

CONSELHO de Ação Social. Disponível em: <<http://www.ipb.org.br/acao-social/conselho-de-acao-social>>. Acesso em 04 de out. 2018.

COSTA, Hermisten. **Pensadores cristãos: Calvino de A a Z.** São Paulo: Editora Vida, 2006.

CRISÓSTOMO, João. **Comentário as Cartas de Paulo: Homílias sobre a Primeira Carta aos Coríntios.** São Paulo: Paulus, 2010.

DEERE, Jack. **Surpreendido com a voz de Deus.** São Paulo: Editora Vida, 1998, p.67-74.

DEERE, Jack. **Surpreendido pelo Poder do Espírito.** Rio de Janeiro: CPAD, 1995.

DIGESTO Presbiteriano 1961-1970: **Resoluções do Supremo.** São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1998.

DRISCOLL, Mark. **Doutrina: Em que os cristãos devem crer.** Niterói, RJ: Tempo de Colheita, 2013.

DUNN, James D. **Espírito, Espírito Santo.** In: COENEN, L.; BROWN, C. **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento, v.2.** São Paulo: Vida Nova, 2000.

ERICKSON, Millard. **Dicionário popular de Teologia.** São Paulo: Mundo Cristão, 2011.

FRAME, John. **Em espírito e em verdade.** São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

FERGUSON, Sinclair. **O Espírito Santo.** Recife, PE: Ed. Os Puritanos, 2014.

FRATERNIDADE Reformada Mundial. Declaração de Fé. [s.n.], 2011.

GAFFIN, Richard. **Perspectivas sobre o Pentecostes.** São Paulo. Os Puritanos, 2010.

GRAHAM, Billy. **O poder do Espírito Santo.** São Paulo: Vida Nova, 1995.

GRUDEM, Wayne. **Teologia Sistemática: exaustiva e atual.** São Paulo: Vida Nova, 1999.

HALSEMA, Thea B. Van. **Calvino era assim: A vibrante história de um dos grandes líderes da Reforma.** São Paulo: Os Puritanos, 2009.

HENDRIKSEN, William. **Comentário do Novo Testamento: Marcos.** São Paulo: Cultura Cristã, 2014.

_____. **Comentário do Novo Testamento: Romanos.** São Paulo: Cultura Cristã, 2011.

_____. **Comentário do Novo Testamento: Efésios e Filipenses.** São Paulo: Cultura Cristã, 2005.

_____. **Comentário do Novo Testamento: 1 e 2 Tessalonicenses, Colossenses e Filemom.** São Paulo: Cultura Cristã, 2007.

HEXHAM, Irving. **Abraham Kuyper.** In: ELWELL, Walter (org). **Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã: Em 1 volume.** São Paulo: Edições Vida Nova, 2009.

HOEKEMA, Anthony. **Salvos pela graça: A doutrina bíblica da Salvação.** São Paulo: Cultura Cristã, 1997.

HORTON, Stanley. M; MENZIES, Willian. **Doutrinas Bíblicas: Uma perspectiva Pentecostal.** Rio de Janeiro: CPAD, 1995.

INÁCIO. In: **Padres Apostólicos.** São Paulo: Paulus, 1995.

IRINEU. **Contra as heresias.** São Paulo: Paulus, 1995.

JONES, Martin D.L. **Os dons do Espírito Santo.** São Paulo: PES, 1996.

JUSTINO. **I e II Apologias, Diálogos com Trifão.** São Paulo: Paulus, 1995.

KAMLAH, Eberhard. **Espírito, Espírito Santo.** In: COENEN, L.; BROWN, C. **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento, v.2.** São Paulo: Vida Nova, 2000.

KENDALL, R. T. **Fogo Santo: uma visão equilibrada e bíblica da obra do Espírito em nossas vidas.** Campos, RJ: Faz Chover Produções, 2015.

KISTEMAKER, Simon. **Comentário do Novo Testamento: Atos, volume 1.** São Paulo: Cultura Cristã, 2006a.

_____. **Comentário do Novo Testamento: Atos, volume 2.** São Paulo: Cultura Cristã, 2006b.

_____. **Comentário do Novo Testamento: Atos, volume 2.** São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

_____. **Comentário do Novo Testamento: 1 Coríntios.** São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

KYLE, John M. **A autoridade da Confissão de Fé e dos Catecismos.** In: **SÍMBOLOS de Fé da Igreja Presbiteriana.** São Paulo: Cultura Cristã, 2005.

KUYPER, Abraham. **A obra do Espírito Santo: o Espírito Santo em ação na igreja e no indivíduo.** São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

LOPES, Augustos Nicodemos. **Calvino, o teólogo do Espírito Santo.** São Paulo: PES, 1996.

_____. **A Bíblia e seus Intérpretes: uma breve história da interpretação.** São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

_____. **Cheios do Espírito.** São Paulo: Cultura Cristã, 1998.

LOPES, Hernandes Dias. **Comentários expositivos Hagos: 1 Coríntios.** São Paulo: Hagos, 2008.

LUTERO, Martinho. **Obras Seleccionadas. Volume 2.** São Leopoldo: Concórdia, 1988.

MANUAL Presbiteriano da Igreja Presbiteriana do Brasil. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

MARE, W. Harold. **1 Coríntios.** In: BAKER, Kenneth (org). **Bíblia de Estudo NVI.** São Paulo: Editora Vida, 2003.

McGRATH, Alister. **Teologia Sistemática, Histórica e Filosófica: uma introdução à filosofia cristã.** São Paulo: Shedd Publicações, 2005.

NOVACIANO. **Trindade, Escritos Éticos e Cartas.** São Paulo: Paulus, 2017.

AGOSTINHO, Santo. **A Cidade de Deus (volume III).** São Paulo: Editora das Américas, 1961.

OSBORNE, R. R. **Línguas, falar em.** In: ELWELL, Walter (org). **Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã: Em 1 volume.** São Paulo: Edições Vida Nova, 2009.

PETERSON, Eugene. **A Mensagem: Bíblia em linguagem contemporânea.** São Paulo: Editora Vida, 2011.

PIPA, Joseph. **O dia do Senhor**. São Paulo: Os Puritanos, 2000.

POLICARPO. In: **Padres Apostólicos**. São Paulo: Paulus, 1995.

REID, William Stanford. **João Calvino**. In: ELWELL, Walter (org). **Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã: Em 1 volume**. São Paulo: Edições Vida Nova, 2009.

RYRIE, Charles Caldwell. **Teologia ao alcance de todos**. São Paulo: Mundo Cristão, 2004.

SCHWERTLEY, Brian. **O movimento carismático e as novas revelações do Espírito**. São Paulo: Os Puritanos, 2000.

SÍMBOLOS de Fé da Igreja Presbiteriana. São Paulo: Cultura Cristã, 2005.

SYNAN, Vinson. THOMSON, J. G. **Dons espirituais**. In: ELWELL, Walter (org). **Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã: Em 1 volume**. São Paulo: Vida Nova, 2009.

SPROUL, R.C. **O mistério do Espírito Santo**. São Paulo: Cultura Cristã, 2013.

STORMS, Sam. **Dons espirituais: Uma introdução bíblica, teológica e pastoral**. Rio de Janeiro: Vida Nova, 2014.

STORMS, Sam. **Ponto de vista Terceira Onda**. In: GRUDEM, WAYNE. **Cessaram os dons espirituais?** São Paulo: Editora Vida, 2003.

TOON, Peter. **John Owen**. In: ELWELL, Walter (org). **Enciclopédia Histórico-Teológica da Igreja Cristã: Em 1 volume**. São Paulo: Vida Nova, 2009.

WALTKE, Bruce. **Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1998.

WORLD Reformed Fellowship. **Denominational Members**. Disponível em: <<http://wrfnet.org/about/membership/denominational#.Wg9gMExFw2w>> Acesso em: 18 nov. 2017.